



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**DULCIMAR PEREIRA**

**A ARTE DO TEATRO DE BONECOS COMO DISPARADORA DE ENCONTROS NA  
CONSTITUIÇÃO DE CURRÍCULOS AFETOS NA ESCOLA**



**VITÓRIA - 2013**



**DULCIMAR PEREIRA**

**A ARTE DO TEATRO DE BONECOS COMO DISPARADORA DE  
ENCONTROS NA CONSTITUIÇÃO DE *CURRICULOSAFETOS* NA  
ESCOLA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor(a) em Educação.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Janete Magalhães Carvalho  
Linha de Pesquisa: Currículo, Cultura e Formação de Educadores.

**VITÓRIA  
2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Pereira, Dulcimar, 1970-

P436a        A arte do teatro de bonecos como disparadora de encontros na  
constituição de *curriculosafetos* na escola / Dulcimar Pereira. – 2013.  
206 f. : il.

Orientadora: Janete Magalhães Carvalho.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito  
Santo, Centro de Educação.

1. Currículo. 2. Cotidiano escolar. 3. Escolas. 4. Teatro de bonecos.  
I. Carvalho, Janete Magalhães, 1945-. II. Universidade Federal do  
Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 159.9

---

**DULCIMAR PEREIRA**

**A ARTE DO TEATRO DE BONECOS COMO DISPARADORA DE ENCONTROS NA CONSTITUIÇÃO DE *CURRICULOS* SAFETOS NA ESCOLA**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor(a) em Educação.

Aprovada em 25 de março de 2013.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Professora Doutora Regina Helena Silva Simões**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Professora Doutora Martha Tristão Ferreira**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

---

**Professora Doutora Carmen Lúcia Vidal Perez**  
**Universidade Federal Fluminense**

---

**Professor Doutor Eduardo Simonini Lopes**  
**Universidade Federal de Viçosa**

*À memória de papai: João Pereira*

## AGRADECIMENTOS

Não podemos começar de outra maneira que não seja agradecendo a Deus por sempre nos surpreender com muito além do que podemos imaginar. É incrível o modo como Ele nos ensina a cada dia, cuidando de cada detalhe...

Agradecemos a Ele também os encontros com tantas pessoas que têm participado da nossa história. Optamos por não citar seus nomes entendendo que estão todas compreendidas em cada linha deste *textotese*. Não são anônimas. São pessoas reais, que com diferentes modos de fazer, amar, sorrir, compreender, saber, brigar, acolher, abraçar... tornaram e tornam os nossos sonhos também reais.

Pessoas que, a partir dos laços sanguíneos, compreendem os sonhos, medos e desafios que compartilhamos com elas, acolhendo a cada um como seu e ajudando-nos incondicionalmente.

Pessoas que, mesmo sem laços sanguíneos estabelecem pontes no coração a partir das redes de afetos que temos tecido ao longo de nossas vidas. Pessoas que vemos sempre, outras que encontramos raramente, mas que sabemos que foram e são essenciais à nossa história. Pessoas queridas, amadas, amigas com as quais compartilhamos também sonhos, projetos... pessoas que afetamos e pelas quais somos afetadas.

Pessoas a quem chamamos de professores, que encontramos ao longo da nossa vida, nas escolas e na Universidade, e por quem somos ensinadas e a quem também ensinamos.

Pessoas com as quais trabalhamos e que têm tanto a contar desses momentos de convívio.

Pessoas a quem chamamos de alunos e que fazem essa nossa carreira docente valer a pena!

Pessoas a quem aplaudimos e por quem somos aplaudidas.

Pessoas a quem fizemos e nos fizeram sorrir.

Pessoas a quem fizemos e nos fizeram chorar.

Pessoas que ainda conheceremos e com as quais aprenderemos muito!

Pessoas que oram por nós e por quem oramos.

Pessoas que conhecemos, mas que já se foram... pessoas que, antes que nascêssemos, já haviam partido... trazemos muito delas dentro de nós com um misto de saudade e de curiosidade sobre como viveriam esse momento conosco.

Pessoas a quem criamos e que carinhosamente chamamos de bonecos.

Pessoas que *aumentam a nossa potência de agir* e que são também nossas intercessoras.

Pessoas a quem amamos e por quem somos amadas.

Pessoas... pessoas... diferentes gentes que carregamos dentro da gente e para as quais compartilhamos o que diz Ribeiro (1997):

*Você sabia que dentro da gente mora gente? Verdade!...*

*Não é só a panelinha de três ou quatro gatos pingados.*

*Pencas de gente brotam dentro da gente. Brotam parentes sorridentes e atraentes, conhecidos distraídos e enxeridos, companheiros fofoqueiros e bisbilhoteiros, o gozado é que pensamos que somos diferentes de toda essa gente, mas no fundo somos toda essa massa de gente.*

*Somos uma geléia de raças, ancestrais, familiares e amigos.*

*Afinal, o mundo é um só país e nós, os humanos, somos seus cidadãos.*

*Somos feitos de gente que se foi*

*e de gente que ainda não nasceu.*

*E nem adianta erguer muros, trancar portas, fechar janelas e*

*fingir que dentro de nós não cabe mais ninguém.*

*Porque não tem coisa mais gostosa do que abrir o coração para um novo amigo entrar.*

*E daí receber o novo amigo como manda a etiqueta: servir cafezinho, bolo de fubá, de chocolate, biscoitos em forma de oito, frutas, sorrisos,*

*e, ainda por cima, oferecer a melhor poltrona para ele sentar.*

*Ah! ... Como é bom descobrir que até amigos inventados podem caber dentro da gente.*

*Descobrir que todo mundo é como um baleiro. Que ao invés de balas, guardamos gente dentro da gente. Gente de vários sabores, gente de vários amores. Epa! Por falar em sabores, não deixe de experimentar as pessoas de framboesa e as de hortelã. Elas são deliciosas.*

Pessoas deliciosas: agradecemos por todos os sabores e saberes que vocês nos proporcionaram!

*O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; – mas também, coisas, plantas [...]. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores [...]. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim [...] (DELEUZE, 1992).*

## RESUMO

O presente estudo pretende apresentar os encontros produzidos entre bonecos e a comunidade escolar da EMEF Tancredo de Almeida Neves, localizada no bairro São Pedro III – Vitória, na constituição dos seus *curriculosafetos*. Nesses encontros, conhecimentos foram produzidos com trocas constantes entre os praticantes dos cotidianos. Dessa maneira, tem como principal objetivo cartografar as experiências desse grupo com bonecos e histórias, bem como os desdobramentos desses encontros. Tem como intercessores teóricos: Espinosa (2008) e sua contribuição a respeito dos bons encontros que aumentam a potência de agir; Foucault (2006) e seus estudos sobre a estética da existência e o cuidado de si e do outro; Deleuze (1992) e a importância dos intercessores; ainda constituem os diálogos intercessores que discutem a produção de currículos nos cotidianos escolares, como Ferraço (2003), Alves (2004), Carvalho (2009), dentre outros. Os caminhos metodológicos constituíram-se na intercessão da cartografia com os estudos dos cotidianos. Para a produção de dados no mergulho nesse *espaçotempo*, foram utilizados vídeos, conversas, fotos e oficinas pedagógicas. Enfatiza que, nesses encontros entre intercessores-bonecos, docentes e discentes, a potência de agir é aumentada e outras propostas são elaboradas na tessitura de redes de conhecimentos e de solidariedade. Busca concluir que os bons encontros com a arte do teatro de bonecos compuseram mosaicos mais coloridos, que ampliaram conhecimentos produzindo relações mais fluidas, menos tensas e que, em meio a linhas molares e moleculares, foram produzidas também linhas de fuga que instigaram, provocaram e que produziram outros movimentos, possibilitando o aumento da potência de agir a partir das trocas realizadas e da produção de afetos com outros sentidos de viver a escola a partir de uma ética-política pautada no *cuidado de si e do outro*, de uma *estética da existência*.

Palavras-chave: *Curriculosafetos*. Bonecos. Cotidianos. Encontros.

## ABSTRACT

The current study intends to present the meetings/gatherings produced between dolls and the school community of EMEF Tancredo de Almeida Neves, located in São Pedro III neighborhood–district of Vitória, in the constitution of their *curriculum-affections*. In the meetings, some knowledge was produced with constant exchanges among the ones practicing the everyday life. This way, the study main goal is to map the experiences of that group with dolls and stories, as well as the meetings developments. It has as theoretical intercessor: Spinoza (2008) and his contribution related to the good gatherings that increase the power of acting; Foucault (2006) and his studies about the esthetics of existence and people's care with their own selves and the others; Deleuze (1992) and the intercessors importance; still constitute the intercessor dialogues that discuss about the production of curriculums in the daily school life, as Ferraço (2003), Alves (2004), Carvalho (2009), among others. The methodological paths are constituted during the mapping intercession with studies regarding everyday life. In order to produce data in this space-time, videos, conversations, pictures and pedagogical workshops were used. The study stands out that in those meetings between intercessors-dolls, instructor and student, the power of acting is increased and other proposals are elaborated in the weaving of knowledge and sympathy nets. the work concludes that the good meetings with the dolls theater art composed more colorful mosaics, which enlarged knowledge creating more fluid relations, less tense and that amid the molar and molecular lines were also produced escaping lines that instigated, provoked other movements, enabling the acting power to increase through the exchanges and the production of affection with other meanings of experiencing the school through the ethics-policy based on the *each one self-care and the care with others*, the existence ethics.

Keywords: Curriculum-affections. Dolls. Everyday life. Meetings.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 –	Composição de encontros durante a pesquisa.....	16
Foto 2 –	Janete Magalhães Carvalho.....	20
Foto 3 –	Carlos Eduardo Ferraço.....	21
Foto 4 –	Célia Linhares.....	21
Foto 5 –	Publicação do jornal “A Tribuna do TAN”.....	24
Foto 6 –	Contação de história com a 1ª série da EMEF TAN.....	34
Foto 7 –	Lili e Gugu.....	36
Foto 8 –	Movimentos de contar histórias.....	36
Foto 9 –	Experiências de fazer bonecos e de contar histórias.....	37, 38
Foto 10 –	Casamento de Lili e Gugu.....	42
Foto 11 –	Fila para os cumprimentos.....	43
Foto 12 –	Um novo personagem: o carteiro.....	45
Foto 13 –	Escrita de recados para os bonecos.....	46
Foto 14 –	São Pedro ontem: quadro produzido pela 4ª série do turno matutino para a Mostra Cultural 2010 – São Pedro ontem....	48
Foto 15 –	São Pedro hoje... em construção: quadro produzido pela 4ª série do turno matutino para a Mostra Cultural 2010 – São Pedro hoje... em construção.....	49
Foto 16 –	História da região de São Pedro.....	50, 51, 52
Foto 17 –	Recepção dos estudantes (publicação no jornal “A Tribuna do TAN”).....	58
Foto 18 –	Preparação na sala dos professores e recepção dos estudantes	59
Foto 19 –	Votação para escolha do tema da Mostra Cultural em uma das turmas.....	60
Foto 20 –	Urna utilizada na biblioteca para votação.....	60
Foto 21 –	Ajuda para quem não sabia ler ainda no dia da votação.....	61
Foto 22 –	Visita de Roberto a uma sala de aula.....	63
Foto 23 –	Produção dos bonecos com garrafa pet e papel machê.....	71
Foto 24 –	Conversa com crianças para falar da oficina de bonecos....	72
Foto 25 –	O “mundo” que foi o palco para a apresentação dos bonecos.....	73
Foto 26 –	Cuidados com os bonecos.....	74

Foto 27 – No ônibus, os últimos cuidados com os cabelos dos bonecos	75
Foto 28 – Produção dos bonecos.....	76
Foto 29 – Apresentação do teatro de bonecos na escola.....	78
Foto 30 – Outros colegas passaram a compor a história com os bonecos.....	79
Foto 31 – A sala dos professores.....	84
Foto 32 – Movimentos de arrumação das salas de aula para a Mostra Cultural.....	86
Foto 33 – Aula de campo na Ilha das Caieiras.....	93
Foto 34 – Movimentos de aprender e de ensinar.....	94, 95
Foto 35 – Jornal do TAN.....	96
Foto 36 – Publicações de atividades no jornal “A Tribuna do TAN” .....	97
Foto 37 – Conversas com bonecos.....	98
Foto 38 – Roberto.....	99
Foto 39 – Um encontro na sala de aula.....	109
Foto 40 – Pintura do boneco.....	113
Foto 41 – Retrato de Júlio, candidato a diretor feito por Genildo, professor de Arte.....	114
Foto 42 – Apresentação do teatro de bonecos “O planeta em Fúria”..	116
Foto 43 – Uma história de produzir bonecos.....	118
Foto 44 – Conversas durante produção e apresentação dos bonecos.	119
Foto 45 – Desenho de uma criança com seu boneco.....	120
Foto 46 – Bonecos (Roberto, Lili e Pierre) intercessores de aprendizagens.....	121
Foto 47 – Histórias e memórias.....	123
Foto 48 – Recursos para contar histórias.....	124
Foto 49 – Movimentos a partir das histórias.....	125
Foto 50 – Oficina de bonecos com material reciclado.....	126
Foto 51 – Caixa de gelatina falante.....	127
Foto 52 – Etevaldo.....	128
Foto 53 – Encontros com os bonecos.....	129
Foto 54 – <i>Flashes</i> de uma história de produção de bonecos.....	131
Foto 55 – Colorindo o “mundo” .....	133
Foto 56 – Apresentação da história de um planeta em fúria.....	134

Foto 57 – Cenas com bonecos na sala de aula.....	136
Foto 58 – Movimentos de crianças e bonecos.....	139
Foto 59 – Bonecos: novos personagens nas relações da sala de aula.....	141
Foto 60 – Cumplicidade entre crianças e bonecos.....	143
Foto 61 – Histórias com os bonecos.....	146
Foto 62 – Mosaico produzido pelas crianças do 2º ano junto com a professora de Arte-Geruzá.....	147
Foto 63 – Histórias durante uma oficina.....	149
Foto 64 – Entre bonecos e cadernos.....	150
Foto 65 – Jogos infantis, de Pieter Bruegel.....	153
Foto 66 – Aprendendo e ensinando brincadeiras.....	158
Foto 67 – As crianças organizam a sala para receber convidados.....	159
Foto 68 – Entrevista com familiares das crianças.....	160
Foto 69 – Aprendendo e ensinando a fazer móveis com caixas de fósforos.....	161
Foto 70 – Aprendendo e ensinando a fazer pipa.....	163
Foto 71 – Aprendendo e ensinando a fazer paraquedas.....	165
Foto 72 – Aprendendo e cantando músicas.....	166
Foto 73 – Aprendendo e ensinando a fazer bilboquê.....	167
Foto 74 – Memórias das infâncias compartilhadas na sala dos professores.....	168
Foto 75 – Modos de brincar com as “cinco Marias” experimentados na sala dos professores.....	168
Foto 76 – Brincando com as “cinco Marias”.....	169
Foto 77 – Filó conta sua história.....	170
Foto 78 – Filó e sua boneca.....	172
Foto 79 – Aula no portão da escola.....	174
Foto 80 – Mensagem endereçada a Roberto.....	175
Foto 81 – Movimentos na produção de bonecos.....	177
Foto 82 – As cores dos novos amigos.....	178
Foto 83 – Os bonecos na apresentação de histórias.....	179
Foto 84 – Indo para casa.....	180
Foto 85 – Invenções de brinquedos.....	182
Foto 86 – Escritas de brinquedos.....	183
Foto 87 – A nossa sala de aula como <i>espaçotempo</i> de brinquedos e	

brincadeiras.....	184
Foto 88 – Cartaz feito por Anderson.....	185
Foto 89 – Brincadeiras durante exposição de trabalhos.....	186
Foto 90 – Momentos do “Amigo brinquedo” .....	187, 188
Foto 91 – Desenho feito por uma criança do seu boneco.....	190
Foto 92 – Uma história de bonecos.....	191
Foto 93 – Criança despede-se de Roberto no final da aula.....	201

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO: SOBRE O DESEJO DOS BONS ENCONTROS</b>	16
2	<b>ENCONTROS ENTRE MEMÓRIAS DE BONECOS, ESCOLAS E OS CAMINHOS DA PESQUISA</b>	34
2.1	ENTRE RETALHOS E HISTÓRIAS.....	35
2.2	A EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES E OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	48
2.3	E O FIO ERA O DESEJO: DAS ESCOLHAS E DOS TRAÇADOS TEÓRICOMETODOLÓGICOS.....	63
3	<b>A POTÊNCIA DOS COTIDIANOS NAS AULAS DA/NA ESCOLA.....</b>	86
3.1	BONECOS: SERES FANTÁSTICOS INTERCESSORES.....	98
3.2	OS BONECOS NA TESSITURA DOS <i>CURRICULOS</i> SAFETOS ENTRE AS REDES DOS COTIDIANOS ESCOLARES.....	114
3.3	OS BONS ENCONTROS NAS OFICINAS DE PRODUÇÃO DE BONECOS.....	121
3.3.1	<b>Os seres fantásticos nas mãos das crianças: cenas na sala de aula.....</b>	136
4	<b>OS BONECOS NAS ARTES E MANHAS DE BRINCAR.....</b>	147
4.1	OS CAMINHOS DO BRINCAR NAS HISTÓRIAS DO PASSADO E DO PRESENTE.....	157
4.1.1	<b>Seres fantásticos na ciranda de brincar.....</b>	175
4.1.2	<b>Intercessores do brincar.....</b>	180
4.1.3	<b>Encontros entre seres fantásticos na sala de aula.....</b>	184
5	<b>PUXANDO FIOS PARA OUTRAS CONVERSAS E ENCONTROS..</b>	191
6	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	202



# 1 INTRODUÇÃO

## SOBRE O DESEJO DOS BONS ENCONTROS<sup>1</sup>

*"Parte do que escrevo já está escrito em mim"*

(atribuído a CECÍLIA MEIRELES).

Foto 1 – Composição de encontros durante a pesquisa



<sup>1</sup> Numa manhã, Renata, nossa colega, professora na EMEF TAN, chamou-nos à porta de sua sala. Disse ter encontrado uma citação para a nossa tese: *"Você precisa ver! Lembrei de você na hora! É a sua tese!"*. Ela encontrou-a na plataforma de estudos de um curso de formação que fazíamos da Seme/Central. Procuramos a referência para confirmação da autoria e não encontramos; o grupo que havia postado também não a possuía. Acolhemos com carinho o presente oferecido por essa amiga.

Escrito no corpo, tatuado nas experiências... histórias tecidas entre retalhos, linhas, papéis, cores, livros, histórias... é assim que este texto é constituído, com as vivências da pesquisa na EMEF Tancredo de Almeida Neves, entrelaçadas às nossas experimentações em outros *espaçotempos*,<sup>2</sup> seja como estudante, seja como professora.

Mas por que essas experiências são tão importantes? Por que trazê-las neste movimento com os dados da pesquisa? Por que a insistência em falar da escola como *espaçotempo* de alegria<sup>3</sup> e dos bons encontros que nela acontecem?

Chauí (2011), a partir de Espinosa, destaca que nossas ações exprimem nosso desejo. Nesse sentido, afirmamos que a escola sempre foi um lugar muito especial para nós.<sup>4</sup> *Espaçotempo* desejante e que nos impressionou desde o primeiro dia em que nele pisamos ainda criança, aos sete anos de idade, e no qual permanecemos até hoje. Local de encontros, de desencontros, de paixões alegres e de paixões tristes, de aprender e de ensinar, de viver.

As lembranças das histórias como *alunaprofessoraaluna* trazem momentos nos quais vivemos a mistura de alegrias e de tristezas. Reconhecemos que a partir desse misturar de sentimentos, é que fomos nos constituindo e estabelecendo nossas escolhas, tornando-nos professoras a cada dia. O cansaço do dia a dia, as festas de final de ano, as comemorações do Dia das Crianças, as gincanas, festas juninas, a insatisfação pelas condições de trabalho, pelo salário, as relações com as crianças e seus familiares, as amizades que se estendem para além do ambiente escolar... tudo isso faz da escola um *espaçotempo* instigante e provocador. A escolha por falar de alegria, então, torna-se uma decisão a partir dessas experiências nos bons encontros com os praticantes

---

<sup>2</sup> No decorrer do texto, assumimos uma arte já aprendida com Nilda Alves (1998): as expressões indicam que são palavras imbricadas, formando novos sentidos, entrelaçando ações, movimentos e sentimentos numa maneira de inventar palavras que estão cheias de vida.

<sup>3</sup> Nossa dissertação de mestrado, “Os *espaçotempos* da alegria na escola como movimentos instituintes no cotidiano escolar: a prática de professores e alunos no entrelaçamento entre razão e emoção”, teve como objetivo tratar dos fragmentos felizes (SNYDERS, 2001) das escolas e de como podem superar a sua visão como lugar de fracasso, descaso e tristeza.

<sup>4</sup> Entendendo que a escrita é um processo coletivo, assumimos a 1ª pessoa do plural por reconhecermos que dela fazem parte o grupo desta e de outras escolas nas quais atuamos como estudante ou como professora.

desses cotidianos – estudantes, professores, funcionários, pais/responsáveis – e com nossos intercessores, que compuseram muitas dessas histórias: os bonecos.

Os *saberes-fazer*es da nossa docência têm sido tecidos junto a esses seres inanimados, amigos e companheiros de longa data que nos convidam para viver a potência da beleza na escola e dos encontros nos quais é possível sorrir, abraçar, brincar... enfim, ter bons encontros que aumentam a potência de agir. Então, como não trazê-los como disparadores dessas experiências? Afinal, o que pode acontecer no encontro entre bonecos e praticantes do cotidiano escolar? Como podem eles contribuir na constituição dos *curriculosafetos* na escola? Como os bonecos<sup>5</sup> podem compor encontros de alegria na escola? Isso é uma utopia? Mas não é ela que nos impele a caminhar? (GALEANO, 2007).

A partir de Espinosa (2008, p.163) que, por *afeto*, compreende uma *ação*, entendemos que os *curriculosafetos* acontecem nos bons encontros das ações realizadas pelos praticantes dos cotidianos escolares quando inventam e produzem possibilidades de aprender e de ensinar. Esses encontros aumentam a potência de agir e tecem relações mais harmônicas, menos tensas e mais fluidas nas escolas ampliando as redes de afetos.

Então, a tessitura das experiências passadas e presentes com os bons encontros nos usos dos bonecos faz-nos pretender a escrita não só de uma defesa da sua utilização, mas também da exploração das inúmeras possibilidades desses encontros que são singulares e plurais pelas intensidades produzidas. Desejamos discorrer sobre o que é produzido nos processos e na imprevisibilidade desses encontros.

É a partir desse desejo que iniciamos a escrita do texto que apresentamos. Para Guattari e Rolnik (2005, p.260), “[...] o desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo”. Então,

---

<sup>5</sup> Boneco é um termo geral para os mais variados usos de técnicas dessa arte. Durante a escrita, optamos por usar esse termo para falar dos nossos bonecos, que, conforme a manipulação, também são chamados de fantoches. Utilizamos o mesmo termo para os bonecos feitos pelas crianças nas oficinas com materiais reciclados.

reunindo os fios dessas experiências antigas e tão atuais com os fios do desejo que teceram os encontros na EMEF Tancredo de Almeida Neves, buscamos compor um texto trançando, enlaçando saberes, sabores, cores e linhas diversas. O novo tecido, que é tecido e retecido, traz em si a vontade de criar novos tecidos com outros fios, tons e texturas. Não é um tecido que se pretenda acabado, mas que se coloca, a todo o momento, aberto ao refazer-se a partir dos agenciamentos que provoca e das experiências que suscita.

Por isso, optamos por falar de vida! Não negamos as paixões tristes, elas existem, mas a potência da alegria nos convoca. Sempre questionamos o porquê da ênfase dada às tristezas na escola. A quem interessa apresentá-la como lugar de tristeza? Por que não deixar transparecer os “fragmentos felizes”? (SNYDERS, 2001). Por que não falar dos bons encontros que aumentam a potência de agir?

Reconhecemos que as tristezas também compõem as experiências e estão entrelaçadas à vida; seria inevitável não falar delas nesse movimento de falar da vida, principalmente na escola, onde a mistura de afetos está presente em todos os momentos. López (2008, p. 10) destaca que “[...] a vida não é uma coisa, um corpo, mas um incorporal, um acontecimento que insiste nos corpos”. Dessa maneira, reafirmamos nosso desejo de falar da vida que enlaça e, entre as tramas e nós, produz mais vida, vida que dá vontade de viver, de experimentar, de criar, de compor com outros... não uma vida que se possa definir com palavras, mas “Uma vida que está por todos os lugares, por todos os momentos [...]” (DELEUZE, 2011, p.2). Uma vida bonita que o poeta já dizia estar “na pureza da resposta das crianças” (GONZAGUINHA). A vida que já existe e continua sendo produzida com esses intercessores de experiências prazerosas. Dessa maneira, concordamos com Espinosa (2008, p.197) ao afirmar:

Esforçamo-nos por imaginar, tanto quanto podemos, aquilo que imaginamos levar à alegria, isto é, esforçamo-nos tanto quanto podemos, por considerá-lo como presente, ou seja, como existente em ato. Ora, o esforço da mente, ou a sua potência de pensar, é, por natureza, igual e simultâneo ao esforço do corpo, ou à sua potência de agir. Portanto, esforçamo-nos ao máximo por fazer com que isso exista, isto é, fazer com que isso exista é o nosso apetite e a nossa inclinação [...].

Reiteramos a dimensão política de nossa escolha. Não negamos os problemas dos espaços educativos e as mazelas da educação, mas apostamos que, apesar de todos eles, os movimentos instituintes, de acordo com Linhares (2005), continuam surgindo aqui e ali, apontando outras possibilidades. Interessa-nos focar nessas ações que falam da vida, das relações entre as pessoas e dos processos de invenção nas escolas.

Então, desejamos os bons encontros e por isso decidimos falar deles! Nesse sentido, propomos a tessitura de um *tecidotexto* no qual os modos de tecer, os usos das linhas e muitos tecidos já utilizados serão essenciais à composição junto aos novos que serão a eles reunidos. Por isso, trazer à cena essas histórias, as vivências e os sentimentos, os movimentos e as invenções experimentadas significa visibilizar a alegria existente nas unidades de ensino.

Assim como Sherazade contava histórias pra não morrer e, noite após noite, tecia fios de uma nova história, abrandando a fúria do sultão e fazendo-o refletir sobre suas atitudes, contar as histórias dos fragmentos felizes vividos na escola pode contribuir para pensarmos nas possibilidades e nos múltiplos sentidos que os praticantes do cotidiano produzem nela.

Junto aos fios de desejo das nossas experiências, trazemos outros fios de vozes intercessoras que reafirmam a nossa escolha...

Foto 2 – Janete Magalhães Carvalho



*Os bons encontros aumentam a nossa potência de agir. Desse ponto de vista, a posse formal dessa potência de agir, e igualmente de conhecer, emerge com finalidade principal e, então, a razão, em vez de flutuar ao acaso dos encontros, deve procurar unir as coisas e os seres, cuja relação se compõe diretamente com a nossa (CARVALHO, 2009, p.75).*

Foto 3– Carlos Eduardo Ferraço

*Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros. Mas nós somos também esses outros e outros 'outros' (FERRAÇO, 2003, p. 160).*



*E é aí que estão as nossas grandes barreiras e aí que está a grande importância do doutorado e das pesquisas, é pensar com coragem [...]. É pensar empiricamente, partindo das experiências [...] (Conversa com a professora Célia Linhares, 2009).*

Foto 4 – Célia Linhares



Maturana (2001, p. 146, 147) também destaca que

[...] a poesia da ciência é baseada em nossos desejos e interesses, e o curso seguido pela ciência nos mundos que vivemos é guiado por nossas emoções, não por nossa razão, na medida em que nossos desejos e emoções constituem as perguntas que fazemos ao fazermos ciência.

A partir do que essas vozes nos provocam, concordamos que o *tecidotexto* das nossas histórias é constituído de muitos bons encontros com os bonecos e com a *contação* de histórias. De estudante a professora, levamos esses intercessores<sup>6</sup> para nossas salas de aula. O encantamento e o fascínio das crianças, adolescentes e adultos foram nos mostrando que, além de um recurso para momentos pontuais, o encontro com eles poderia produzir bem mais. A imprevisibilidade acompanhou cada encontro que produziu múltiplas aprendizagens.

*[...] todos nós gostamos porque essas apresentações nos ensinaram como tudo neste mundo é possível [...]. Eu aprendi que nós podemos fazer muitas pessoas felizes fazendo apresentações com esses bonecos. Eu achei que ia fazer a apresentação toda errada, mas, quando eu cheguei lá na frente, eu pude perceber que a apresentação era uma coisa muito boa (JOÃO VITOR).*

*Eu achei muito legal. A parte que eu mais gostei foi quando nós apresentamos e quando fizemos as roupas. Eu gostei de aprender isso porque é muito interessante [...]. Eu achei legal quando nós mexemos os bonecos, parece que eles são de verdade. Eu aprendi que nós achamos que é fácil lá na empanada e quando nós fizemos, eu vi que não é fácil, e quando crescer quero ser bonequeiro (JAIRO).*

O encadeamento com essas experiências produziu e produz movimentos em nós e em quem deles participou e participa. É isso o que nos impulsiona: a cada momento estamos à espera, à espreita, em busca de um bom encontro que pode acontecer a partir de um sorriso, de um gesto, de uma pergunta, de um desejo ou de um toque que nos conduzam a mais questões, a mais desejos por bons encontros. Corpos que se encontram, afetam-se e produzem outros sentidos, outros modos de ser e de estar na escola. Por isso, mergulhamos em

---

<sup>6</sup> Os intercessores a que nos referimos no decorrer deste trabalho são os bonecos, potencializadores dos momentos felizes.

outras redes buscando tecer outras considerações, não respostas, porém mais provocações sobre os encontros com os bonecos a partir das seguintes indagações: Como, nas relações entre bonecos, alunos e professores, é ampliada a produção de bons encontros que possibilitem outras relações no cuidado de si e do outro na constituição de *curriculosafetos* nos cotidianos da escola? É possível, a partir dos bonecos e das histórias, pensar outras maneiras de viver a escola, de aprender e de ensinar? O que pode acontecer nos encontros entre docentes, discentes e bonecos? O que eles contam sobre esses encontros?

Entendemos que a pesquisa não é uma tarefa solitária, por isso a nossa escolha foi realizada a partir dos encontros nas múltiplas redes das quais fizemos parte e, por isso, conhecemos pessoas, locais e histórias. Nos agenciamentos do desejo pelos bons encontros com os bonecos, encontramos a Escola de Ensino Fundamental Tancredo de Almeida Neves da Rede Municipal de Ensino de Vitória, localizada no bairro São Pedro III.

Fomos motivada também por experiências anteriores que ocorreram nessa escola quando atuávamos como contadora de histórias no projeto “Revitalização dos Espaços Escolares”<sup>7</sup> nas bibliotecas das unidades municipais de ensino.

O motivo dessa escolha é justificado, inicialmente, porque no ano de 2010, realizamos a pesquisa “Potência das Redes de Conversações e Ações Complexas na Produção do Currículo Praticado no Cotidiano Escolar e as Políticas Curriculares em Ação: entre Formas, Forças e Modos de

---

<sup>7</sup>O projeto “Revitalização dos Espaços Escolares” foi uma ação realizada nas escolas da Secretaria Municipal de Educação de Vitória. Tinha como objetivo vivenciar, em cada comunidade escolar, algumas ações que propiciassem aos docentes e discentes outras alternativas pedagógicas, nas quais o prazer justificasse o estar na escola. Começamos a falar de diversos sentimentos, gostos, preferências, de aconchego, de sentir-se bem na escola. Por isso, uma das primeiras ações foi revitalizar locais e materiais, criando e transformando espaços a partir da atuação coletiva dos atores e atrizes do cotidiano escolar. Desenvolvíamos ações de dança, *contação* de histórias, brinquedos, brincadeiras e música a partir da organização das bandas marciais. Participamos do projeto no período de 1999 a 2004.

Constituição”,<sup>8</sup> coordenada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janete Magalhães Carvalho, que contava com encontros quinzenais com docentes e discentes. O documento do Ministério da Educação (MEC), *Indagações sobre o Currículo*, composto por cinco fascículos (Currículo, conhecimento e cultura; Diversidade e currículo; Currículo e avaliação; Currículo e desenvolvimento humano; Educandos e educadores: seus direitos e o currículo), foi o disparador das conversas com a comunidade escolar. A notícia sobre a realização desses encontros foi publicado no jornal “A Tribuna do TAN”.

Foto 5 – Publicação do jornal “A Tribuna do TAN”



<sup>8</sup>Equipe responsável: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janete Magalhães Carvalho (coordenadora), Dulcimar Pereira (doutoranda), Larissa Rodrigues (mestranda), Sandra Kretli da Silva (doutoranda), Sandra Machado (mestranda), Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni (doutoranda), Ana Paula Patrocínio Holzmeister (doutoranda), Marco Antonio Oliva Gomes (doutorando), Ana Paula Faria (mestranda), Maria Riziane Costa Prates (mestranda). Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nos encontros com as crianças e adolescentes, utilizávamos a discussão da mesma temática realizada com os professores, disparando questões a partir dos usos de linguagens, como a música, o grafite, o filme, as histórias, produzindo movimentos e ouvindo as crianças e adolescentes, suas proposições e indagações sobre os currículos da escola. Essas ações culminaram na produção de um livro: “Infância em territórios curriculares”.

Esses momentos iniciais foram significativos para conhecer o grupo da escola e nos envolvermos em seus cotidianos. Utilizávamos as conversas com as turmas como nossos primeiros *tateamentos* buscando conhecer e encontrar pistas para que os bonecos entrassem na escola entrelaçados também aos desejos da sua comunidade. Pretendíamos uma pesquisa com a unidade escolar e não sobre ela. Realizamos oficinas e nos envolvermos nos projetos das turmas. Como o grupo mesmo dizia, tornamo-nos *professoras da escola*.

E, de fato, em 2011, retornamos à escola como professora regente, assumindo uma turma do 2º ano do ensino fundamental. A partir da organização existente na escola para os planejamentos entre professoras, aproximamo-nos da 2ª série com a qual desenvolvemos, durante todo o ano letivo, conversas sobre os brinquedos e as brincadeiras nos cotidianos das salas de aula. Foi um encontro bom, surpreendente, e que nos apresentou muitas possibilidades para a pesquisa a partir das conversas com as crianças.

Alguns desses momentos vividos estão reunidos nesse *textotecido*, que é composto dos fios das experiências com essa e com outras escolas. Numa mistura de afetos, propomo-nos a tratar dos bons encontros nas escolas na constituição de seus *curriculosafetos*.

Dessa maneira, na organização da tessitura deste texto, alguns encontros foram importantes: inicialmente, apresentamos a condução do nosso desejo de pesquisa entrelaçada às nossas experiências com histórias e bonecos que nos conduziram à EMEF Tancredo de Almeida Neves e os caminhos metodológicos traçados e trançados, bem como as descobertas e as contribuições iniciais que foram possibilitadas nas tentativas de conhecer e viver os cotidianos da escola (ALVES, 2002). Para tanto, trouxemos a experiência sobre uma das oficinas

como possibilidade de apresentar os movimentos que surgiam a partir dos encontros de produção de bonecos.

Apresentamos também a história do bairro onde a escola está localizada. Nas vivências com a EMEF Tancredo de Almeida Neves e com outras unidades de ensino da região, percebemos que essa é uma atividade que ocorre com frequência nos projetos e atividades realizados. Essa história é contada de várias maneiras, a partir de músicas, teatros ou desenhos.

Destacamos a potência dos cotidianos da escola com base nas ações realizadas por essa comunidade em *espaçostempos* diferentes. Trazemos também os questionamentos de docentes e discentes em relação aos conteúdos e aulas legitimados oficialmente e aos movimentos que surgiam nas oficinas de bonecos e nas atividades relacionadas com a Mostra Cultural.<sup>9</sup> Docentes e discentes questionavam a validade das ações a partir dos modelos de “aulas instituídas” e do que deles era cobrado e esperado numa instituição de ensino. Em conversas durante as oficinas de produção e de manipulação de bonecos, os currículos escolares foram discutidos pelas crianças nas maneiras como se referiam às aulas.

As conversas com as crianças contribuíram muito para a tessitura dos caminhos de pesquisa. Por isso, apresentamos, nesse entrelace, o encontro com os bonecos e a definição de *seres fantásticos* dada por elas. Como *seres fantásticos*, os bonecos e as possibilidades que os encontros com eles podem produzir são tratados a partir da história dessa arte-brinquedo e da multiplicidade de sentidos que foram surgindo nesses momentos, nos encontros nas oficinas e nas relações com os bonecos. Desse modo, *curriculosafetos* são produzidos nesses bons encontros nas redes cotidianas

---

<sup>9</sup> A Mostra Cultural era uma ação da escola proposta em seu Projeto Político-Pedagógico. A temática era escolhida a cada ano e os trabalhos e projetos das turmas eram realizados a partir de um tema central. Durante a pesquisa, envolvemo-nos nos projetos das turmas, mas reconhecemos que, para além de um momento pontual para a apresentação dos trabalhos, a Mostra Cultural tornava-se significativa para a comunidade escolar com desdobramentos de suas ações nas salas de aula e nos demais espaços onde as diferentes aulas aconteciam. Dessa maneira, trataremos os projetos da Mostra Cultural e, principalmente, aqueles nos quais nos envolvemos, não como produtos a serem apresentados, mas traremos os processos desencadeados nos cotidianos da escola.

com os movimentos realizados pelas crianças nos encontros com esses *seres fantásticos*.

Outro bom encontro que os bonecos dispararam foi a percepção deles como brinquedos que impulsionou a produzir outros brinquedos. Ressaltamos que as crianças é que nos fizeram perceber isso nos movimentos que realizavam com os *seres fantásticos*. Muitas vezes, elas nos faziam “balançar” com suas proposições e mostravam outras possibilidades nos caminhos da pesquisa. Brincando, então, envolvemos crianças e adultos nessa ciranda de brincar e de produzir bonecos e outros brinquedos. Foram encontros entre o ontem e o hoje que nos aproximaram mais das crianças e de suas famílias. Ressaltamos que os bons encontros com as crianças moveram toda a pesquisa. Suas perguntas, queixas, sugestões e conclusões produziram inúmeros agenciamentos.

Por fim, buscamos concluir, a partir dos entrelaçamentos entre desejos, bonecos e outros brinquedos, os caminhos trilhados na constituição dos *curriculosafetos* na escola para a experiência de uma *estética da existência* nos bons encontros produzidos.

As imagens são também parte integrante deste texto. Durante toda a pesquisa, a máquina fotográfica foi nossa companheira inseparável. Para a produção de dados, fomos percebendo que os registros no caderno iam ficando cada vez mais difíceis. Como, depois de um dia inteiro, registrar o que foi vivido? Optamos por filmar e fotografar a fim de dialogar... Fomos nos envolvendo com as professoras e as crianças nas atividades e, então, a máquina fotográfica tornou-se indispensável. Fotografávamos, filmávamos e, algumas vezes, pedíamos que um adulto ou uma criança também o fizesse. Compartilhávamos as imagens com as professoras que queriam fazer registros das atividades para as exposições dos projetos. Olhando essas imagens, recebemos, então, um convite:

Um convite a pensar a fotografia não apenas como linguagem que comunica os fatos passados, mas como uma experiência de dizer do passado fissurada pela imprevisível passagem da luz e planificação das coisas e seres em uma superfície (WUNDER, 2011, p. 169).

Observando-as, percebemos também que as imagens dizem mais do que momentos passados. Elas nos ajudaram a compor potencialidades para a pesquisa nesse movimento. É incrível como elas contam e nos provocam a contar! Imagens-movimento entre a “finitude e infinitude do tempo” (WUNDER, 2011).

Nessas imagens, estão as paisagens de bordo que foram sendo compostas nos encontros com os cotidianos da escola que suscitaram surpresas, alegrias, sustos, silêncios... encontros entre aprender e ensinar. Elas estarão nomeadas isoladamente ou reunidas com um mesmo nome indicando que fazem parte da composição de uma história que está sendo contada. São imagens-movimento que, mesmo tendo sido escolhidas a partir de um olhar e disparadas com um único *click*, trazem registros de múltiplos olhares, de múltiplos desejos, de múltiplos fazeres e saberes. As imagens serão utilizadas também como parte do texto, contribuindo para resgatar as memórias dessas vivências.

São elas *imagens-narrativas* que contam sobre os cotidianos da escola e os movimentos nela realizados e não cessam de narrar-se, de dizer de várias formas, de criar sentidos, de agir sobre os nossos discursos e certezas improváveis, de suscitar perguntas, de provocar, e

Na mesma direção, temos percebido que as imagens mostram o que ali está, o que não está, o que poderia estar, o que seria bom se estivesse, o que veio antes e o que veio depois (ALVES; OLIVEIRA, 2004, p.20).

No movimento entre antes e depois, são *imagensintercessoras* que nos remetem a um presente sempre presente nas ações do olhar que as contempla e se movimenta buscando os sentidos múltiplos que, a partir delas, são produzidos.

São também *imagens-desejos* que se mostram, que dizem dos encontros, que querem mostrar o que muitas vezes fica invisível, que desejam falar dos processos vividos, que buscam nos cartazes, nas danças, nas trocas de olhares, nas apresentações de trabalhos expostos, no abraço, no toque do violão, nas mesas de festas e na confecção de bonecos as práticas de uma escola, as políticas realizadas cotidianamente. *Imagens-desejo* que “[...] crie[m]

um tempo de abertura, um devir que parteje sentidos imprevisíveis e desestabilizadores sobre este lugar, escola”(WUNDER, 2011, p. 158).

Nesse sentido, essas *imagens-movimentos-narrativas-intercessoras-desejos* são um convite a uma escrita com elas e não sobre elas. Seu objetivo não é a representação de momentos, mesmo que possam ser utilizadas para tal fim, mas é misturar-se à tessitura do texto e, entre palavras e quadros das múltiplas paisagens compostas pelas experiências na escola, produzir uma *escritaimagemescrita* que se diga, que se atravesse, que se mescle com outros tons e forças na mistura de afetos, de cores e de vida pelas ações coletivas das linhas tecidas durante a pesquisa.

Para reiterar que as imagens são também o texto e imprescindíveis à sua composição, acolhemos o que nos disse Perez (2012)<sup>10</sup> para o exame de qualificação II:

Do meu ponto de vista, tais imagens são intercessores que a autora cria, que nos permitem (a nós, leitores) ler e (vi)ver a experiência narrada, empiricamente. As imagens apresentadas possuem várias dimensões e nos reportam a uma composição caleidoscópica de pequenos sonhos, desejos e atos de cada um [...]. Elas trazem significações e propõem diálogos, e quem dialoga empresta seu corpo, sua voz, seus afetos –cria imagens –, que materializam a palavra, trabalhando muito próximo da experiência, que é exatamente aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só. Desta forma, as imagens deixam de ser signo para ser significado, um significado que pára os ponteiros do relógio e nos apresenta outro tempo.

Buscamos apresentar essas imagens nos diálogos entre as palavras em molduras e detalhes, na tentativa de que se movimentem sob o olhar de quem as vê. Estarão aqui, ali... compondo histórias com conversas entre seus personagens. Contamos as histórias da escola nessas *imagenstextos* reconhecendo que, além de contar, elas provocam e convidam a mais conversas.

A presença de histórias, músicas e poesias são linguagens que também constituirão este *tecidotexto*. Elas sempre estiveram presentes em nossos fazeres de professora e apresentam as nossas escolhas pelos usos de

---

<sup>10</sup> Parecer enviado via e-mail.

múltiplas linguagens. As conversas com docentes, crianças e adolescentes também farão parte do texto. Elas são o texto! E por isso são essenciais à medida que apresentam as maneiras como narram e vivem suas experiências na escola.

Nos movimentos de pesquisa, produzimos nosso diário de bordo com os dados, como as fotos, os registros escritos com nossas observações, apontamentos e as conversas que foram gravadas. Para a apresentação desses dados, eles foram organizados em: escritas a bordo, paisagens a bordo e conversas a bordo. Durante o texto, faremos menção a essa organização na apresentação das histórias.

Foram tantas as conversas e histórias que vivemos durante a pesquisa que optamos por trazê-las no início da apresentação de cada discussão. Essas histórias são um convite para o prosseguimento da leitura. As perguntas estarão presentes em nosso texto, principalmente ao final de cada capítulo, também para convidar à leitura e propor mais conversas e conexões com o que fomos encadeando.

A pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo de Almeida Neves (EMEF TAN) provocou-nos desde o início para que o seu nome estivesse presente no texto. Não podíamos pensar num nome fictício. As experiências ali vividas necessitavam ser publicadas *com* a autoria dessa unidade de ensino porque

[...] estamos tentando falar *com* eles. Daí a importância do uso de narrativas, depoimentos e relatos para tentarmos nos aproximar dos sujeitos de nossas pesquisas e ouvir o que eles têm a dizer, da maneira que querem dizer [...], uma busca de estabelecermos outros discursos e outras relações nas redes de *fazeressaberes* tecidas no cotidiano das escolas (FERRAÇO, 2005, p. 10).

Por isso, durante o texto, o nome da unidade de ensino estará presente também para destacar que essa foi uma pesquisa com a escola e não sobre ela. Tem endereço. Poderia ter ocorrido em qualquer outra unidade de ensino, mas foi ali que aconteceu, foram os seus praticantes que a compuseram. Algumas vezes a chamaremos de TAN, que é a sua sigla, muitas vezes

utilizada pelo grupo da escola, pela comunidade, por outras unidades de ensino e pela Secretaria Municipal de Educação (Seme).

Para citar os nomes das crianças, adolescentes, funcionários e docentes, tivemos uma inquietação: nesses encontros nos misturamos tanto na produção de bonecos, nas conversas que muitas vezes um olhar, um gesto já fazia com que o outro soubesse o que dizíamos. Então, como nomear um que está entrelaçado a outro e a tantos outros? Não éramos um, éramos muitos, éramos todos. Por isso, assim como na mistura de corpos, de ideias e de desejos, esses nomes estarão misturados. O que cada um disse poderia ter sido dito pelo outro. Nesse encontro de entrelaçar nomes, buscamos dizer das redes de cumplicidade que também foram sendo estabelecidas. Não é um dizer do outro, é um dizer com o outro que está em mim e eu nele. Já não é “cada um”, são “todos” nas redes de subjetividades tecidas nesses processos.

Assim, nesse coletivo de nomes, estarão: Renata, Carla, Julio, Nicoli, Rosiane, José Roberto, Ana Paula, Dulci, Genildo, Márcia, Jheniffer, Raul, Gabriel, Alice, Filó, Cleidia, Val, Jiani, Lucas, Patrícia, Terezinha, Fábio, Vera, Carlos Gabriel, Samara, Eliel, Vinícius, Wagner, Adriana, Kailane, Jéssica, Danuza, Rosângela, Emanuela, Grace, Raul... muitos nomes de pessoas reais que compuseram e compõem essa escola.

Os *autoresintercessores* também foram fios essenciais na tessitura deste texto enquanto procurávamos dialogar com as experiências, buscando nelas os sentidos de afirmação da vida na escola, nesses encontros com linhas, retalhos e desejos.

Espinosa (2008, p. 163) aponta que o *afetamento* do nosso corpo pode ocorrer de modos variados, aumentando ou diminuindo a potência de agir. E, assim, nossa mente também pode passar por mudanças experimentando afetos, como a alegria ou a tristeza que são a passagem para uma perfeição maior ou menor, respectivamente.

Nesses bons encontros, Michel Foucault (2006) é outro intercessor importante. O autor encontra em Sócrates a defesa para apresentar um termo usado por

ele: o grego *epiméleiaheautoû* (em latim *cura sui*) – o cuidado de si. A cada encontro outros conhecimentos são elaborados. Também são estabelecidas novas relações com os outros – outros estudantes, outros professores, outros profissionais da escola, outros familiares, é quando o cuidado com o boneco e com “cada outro” revela o cuidado de si próprio. Seguindo o fio do nosso desejo pelos bonecos e entrelaçando essa linguagem a outras da escola, outros encontros foram produzidos. Por isso, trazemos também para esta escrita a estética da existência a partir da noção de ética de Foucault, como a aceitação de princípios aos quais as pessoas se agregam a fim de viver a beleza da vida, nesse caso, da produção inventiva das escolas.

Nessa composição de escrita, o encontro com Deleuze provocou-nos também a tratar os bonecos como intercessores (DELEUZE, 1992), e é a partir dessa consideração que os encontros com eles se entrelaçam às histórias experienciadas na escola junto a outros intercessores: autores, crianças, adolescentes e docentes.

Nos movimentos da pesquisa, a amizade dos bonecos, principalmente com as crianças, compôs uma experiência que não havíamos tido antes: o boneco como brinquedo. Nós já discutíamos conceitos sobre os bonecos e seus usos a partir do que vínhamos estudando sobre essa arte e nos vimos “balançar” diante do que as crianças propunham e questionavam. Elas nos apresentaram outras possibilidades de ver e sentir os bonecos. As conversas com elas nos propuseram sair muitas vezes das rotas estabelecidas e mergulhar no imprevisível, descobrindo outras possibilidades...

Para Deleuze e Guattari, as crianças são acontecimentos. Devir, acontecimento, as crianças são dissidentes de um decalque traçado para elas, muitas vezes exterior aos seus desejos, o que as motiva a resistir a modelos pedagógicos, embora ‘legítimos’, ancorados, contudo, na pedagogia voltada para o futuro, atrelada à tentação permanente que atravessa a história dos homens e *assimila com obstinação parentesco e causalidade*, sob o signo de uma ciência régia que se erige em supostos modelos estáveis (LINS, 2005, p.1230).

De boneco-arte a boneco-arte-brinquedo, foi com as indicações das crianças que fomos trançando e destrançando os caminhos da pesquisa. Os pedidos de

encontros com os bonecos, de continuidade das oficinas, de levar os bonecos para casa nos fizeram pensar na potência dos encontros com esses seres inanimados, frágeis e que, nas mãos delas, ganharam novos sentidos. Por isso, neste exercício de escrita, buscamos junto aos bonecos, nossos intercessores, tecer outros fios de afetos e de histórias que apontem as possibilidades de vida e de criação das/nas escolas. Não propomos que se encham as escolas de bonecos. Seria interessante, bom, mas não o suficiente. Contudo, propomos que os bonecos se encham de escolas a fim de que a vida que pulsa nos inúmeros processos criativos existentes nelas, pulse também incessantemente neles num encontro em que sejam ampliadas as possibilidades e devires no diálogo com as práticas já existentes.

Nesse sentido, propomos mais do que “provar o que é” e “como se faz”, mas apresentar o que é produzido com e entre crianças e professores e professoras por meio de suas experiências com os bonecos, propiciando bons encontros consigo e com os outros, produzindo novos modos de compor, de viver e de sonhar. Buscamos, então, as histórias desses encontros e, para a apresentação da escrita, acolhemos o que Villela (2012) nos propôs para este exercício:

Tenta investir mais na descrição dos processos, contando e explorando ‘o que se passa’ com os sujeitos. Descrever os efeitos, as especulações, os percursos, o de onde veio, o que se passou, o que se tornou. Sem te preocupares tanto com o ‘nome’ das coisas (se é afecção, território, agenciamento, engendramento, etc). Tenta sempre fazer um exercício clássico da escola: escrever com tuas próprias palavras.

Nessa perspectiva, as conversas entre os intercessores, bonecos-autores-crianças-docentes-funcionários-adolescentes compõem esta escrita. Nossa expectativa é de que a tessitura desses encontros produza muitos outros fios de encontros com intercessores de aprendizagens na constituição dos *curriculosafetos*. A rede estará sempre à espera de outros fios para sua composição... Fica o convite a outras tramas que virão após essa tessitura: Alguém traz outro fio?

## 2 ENCONTROS ENTRE MEMÓRIAS DE BONECOS, ESCOLAS E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Foto 6 – Contação de história com a 1ª série da EMEF TAN



É através da história que o homem vem traçando a sua trilha, por onde muitos caminham. Assim, as histórias se repetem, se entrelaçam, se completam, se aprimoram. A história contada de geração a geração, palavra falada é o fio de prumo que ajuda a orientar, com sensibilidade e equilíbrio o coração do mundo (SORRENTI, 1996, p. 54).

## 2.1 ENTRE RETALHOS E HISTÓRIAS

Galeano (2007, p.96) afirma que, “Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um ponto de partida”. Nesse sentido, o desejo que move essa escrita relaciona-se com as nossas experiências com histórias e bonecos em diferentes espaços escolares.

Desde a infância, as histórias nos fascinam. Líamos muitos livros e mergulhávamos em suas histórias como se vivêssemos junto aos personagens. No ensino fundamental, íamos à biblioteca da escola sempre com um olhar curioso, buscando alguma novidade. Acreditávamos que os personagens eram reais. Chorávamos, sorriamos e nos emocionávamos diante dos livros. Mergulhávamos nas histórias, nas boas tramas com enredos interessantes... Era possível conversar com os personagens, conhecer lugares diferentes, aprender palavras, histórias...

Já no curso de magistério, as histórias continuaram nos acompanhando e, durante as aulas, aprendíamos que essa linguagem poderia ser utilizada em nossas salas. Produzíamos muitos materiais nas aulas de didática: álbum seriado, cartazes com histórias e numerais, caderno de datas comemorativas, ábaco, relógio... para o nosso futuro trabalho com as crianças. Um dia, uma das professoras ensinou-nos a fazer bonecos de sacola de papel. Era o que faltava! Com eles escrevemos histórias e fizemos apresentações para nossa turma e para as crianças de uma escola próxima à nossa. Foi o nosso primeiro encontro com os bonecos.

O curso de magistério também foi repleto das histórias que criávamos sobre nós ou sobre a nossa relação com a direção e a coordenação da escola que era sempre conflituosa. Inventávamos paródias e ríamos muito das histórias que contávamos a partir do que acontecia na unidade de ensino. Algumas professoras eram nossas cúmplices e nos deixavam fazer apresentações dessas histórias em suas aulas. Mas também utilizávamos as aulas vagas, os recreios, os intervalos entre as aulas e os horários de entrada e de saída na pracinha perto da escola para fazer composições e apresentações.



Foto 7– Lili e Gugu

Nessas redes, essas linguagens foram compondo tanto nossos *saberesfazeres* de professora que elas nos acompanharam em nossas salas de aula quando começamos a lecionar. As músicas e as histórias foram elementos indispensáveis das nossas práticas. Percebíamos que as crianças gostavam. Nós também. Íamo-nos aproximando mais uns dos outros... Porém, foi um encontro inusitado, ainda nos anos iniciais de nossa docência, que mudou radicalmente a nossa trajetória. A Lili e o Gugu, dois bonecos, nossos intercessores,<sup>11</sup> passaram a compor nossas histórias nas salas de aula da educação infantil e da educação de jovens e adultos. As crianças contavam para eles fatos do cotidiano: brigas com colegas, presentes dos pais, mostravam roupas e sapatos novos. Os adultos, movidos pela curiosidade de saber como eram as atividades com as crianças, pediram também os bonecos e suas histórias. Levávamos uma, duas... muitas vezes! Conversavam com a

---

<sup>11</sup> Apresentamos esse conceito a partir de Deleuze (1992) que afirma que, fictícios ou reais, os intercessores são essenciais à criação para que se expressem por nós e nós por eles.

Lili e o Gugu sobre o trabalho, a família e fizeram até festa de casamento para os dois. A nossa presença já convocava a presença deles. Eram companhias inseparáveis e passaram a compor nossas redes de afetos com a escola, com a família, com os amigos. Por meio deles nos expressávamos e eles se expressavam por meio de nós. Fomos mudando nossos modos de falar, de escrever, de contar histórias... Conhecemos outras pessoas, fizemos novos amigos... A timidez e a insegurança de falar em público foram perdendo espaço.

Em 1999, outro encontro propôs a tessitura de uma nova escrita em nossa vida a partir de um novo fio: fomos convidadas a participar do projeto “Revitalização dos Espaços Escolares” como “contadora de histórias”. Percorríamos as escolas contando histórias para turmas de 1ª a 8ª séries. As atividades desse projeto (*contação* de histórias, brinquedos e brincadeiras, música e dança – as duas últimas já existentes e que aconteciam em horário oposto ao de aulas regulares) compunham uma proposta que objetivava dinamizar os *espaçotempos* escolares em cada comunidade escolar.

Foto 8 – Movimentos de contar histórias<sup>12</sup>



<sup>12</sup> Esse conjunto de fotos representa os movimentos que vivemos de contar histórias nas e com as escolas. Faremos da mesma maneira com a junção de outras imagens que, agrupadas, contam e convocam a contar essas e outras histórias.

Foto 9 – Experiências de fazer bonecos e de contar histórias



Com essas ações, havia também a proposta das bibliotecas escolares, que começavam a ser tratadas como espaços dinâmicos e de interação, onde, além de pesquisas e dos “momentos de silêncio” (algumas vezes como condição indispensável à existência desses espaços), também fosse possível sorrir e brincar. A biblioteca passou a fazer parte da escola, envolvida nos projetos pedagógicos e desencadeando tantas outras ações. Um encontro convocava outros encontros... As histórias eram contadas nas bibliotecas, na praça, nos auditórios... Nas oficinas, os bonecos iam nascendo a partir de garrafas, de tecidos, de sacos de lixo e de papel machê. Cada grupo compunha, entre desejos, linhas e papéis, histórias que contavam as suas vivências. Eram

crianças, adolescentes, professores e professoras, funcionários, pais e mães envolvidos na produção de vida das escolas, a partir de suas histórias, misturando materiais, ideias e seus modos de fazer, de ensinar e de aprender. Esses encontros nos movimentavam e produziam outros encontros. Sempre ouvíamos os desdobramentos deles, seja em outras escolas, seja nos espaços de convívio de amigos e de familiares.

Espinosa (2008) ressalta que os bons encontros aumentam a potência de agir e, dessa maneira, mergulhávamos em experiências que surgiam a partir da proposição de uma pergunta ou de uma ideia, como foi com o casamento de Lili e Gugu (o segundo).

No mês de setembro de 1999, fomos à escola José Lemos de Miranda, da Rede Municipal de Ensino de Vitória, juntamente com a bibliotecária<sup>13</sup> para contar histórias. Além dos pedidos de “*Volta outra vez*”, “*Conta outra*”, “*Você volta quando?*”, outros desdobramentos aconteceram quando a Lili e o Gugu apresentaram e representaram a música de Luís Fidelis, “A flor do mamulengo”, acompanhados pela bibliotecária que tocava o violão:

*Eu sou a Flor do mamulengo  
Me apaixonei por um boneco  
E ele neco de se apaixonar, neco de se apaixonar,  
Neco de se apaixonar e ele neco.  
Ai, meu coração apaixonado!  
Já estou com os nervos à flor do pano  
De desenganos vou ter um treco,  
Ai, ai, cruz credo!  
E ele neco de se apaixonar, neco de se apaixonar,  
Neco de se apaixonar e ele neco.  
Se no teatro eu não te atar, boneco, eu juro: vou me  
esfarrapar!*

---

<sup>13</sup> Nessa época, cada profissional era responsável por cerca de cinco escolas, nas quais o atendimento diário da biblioteca era feito por estagiários de ensino médio do curso técnico em Biblioteconomia ou por professoras afastadas da regência de classe por motivo de doença que as impedisse de desempenhar as funções docentes. A bibliotecária que acompanhava a escola era Meri Nadia Marques Gerlim. Atualmente, há um bibliotecário para cada escola na Rede Municipal de Ensino de Vitória/ES.

*Eu não consigo viver sem teu dengo, meu mamulengo!  
E ele neco de se apaixonar, neco de se apaixonar,  
Neco de se apaixonar e ele neco.*

A Lili fez inúmeras tentativas para conquistar o amado. As crianças também sugeriram que ela declamasse uma poesia, que o abraçasse e lhe desse um beijo, que fingisse estar doente para que ele tivesse pena dela e que cantasse a música “É o amor” de Zezé de Camargo e Luciano.

Todas as tentativas para ganhar o amor do boneco foram frustradas e a história terminaria com a solidão da boneca... mas uma das crianças disse: “*Você tem que casar com ela!*”, e, então, outras frases foram surgindo: “*Ela parece com você, casa com ela!*”, “*Tadinha, ela tá sozinha. Se você não casar com ela, vai casar com quem?*”.

O Gugu tentou esquivar-se, mas não teve jeito... Só depois de concordar com o casamento é que deixou de ser alvo da insistência das crianças. Enquanto manipulávamos os bonecos, ficávamos curiosas tentando pensar no que iria acontecer depois da promessa do casamento. E a Lili, espertamente, sugeriu: “*Então, se a gente casar, vocês organizam tudo?*”. A resposta foi “*Sim!*”. Saímos da escola aguardando a data da cerimônia e os preparativos que ficariam por conta do grupo dessa comunidade escolar.

***Armando de Jesus (In memoriam)***

***Artur da Paixão***

***Aurora Assunção do Nascimento (In memoriam)***

***Felícia Luz da Paixão***

***Convidam para a cerimônia do casamento de seus filhos***

***Lili***

***e***

***Gugu***

E aí foi outra história, com direito a convite que foi encaminhado também para a Secretaria de Educação. Nessa época, havia um impedimento da realização de festas nos espaços das escolas que não tivessem relação com as atividades escolares.

Era comum que as comunidades ou pessoas particulares solicitassem principalmente pátios, quadras e auditórios, para a realização de festas. Com a chegada do convite, houve quem achasse ser uma afronta que tivesse sido enviado, uma vez que havia a proibição. Lili e Gugu eram realmente pessoas! A situação foi explicada e rimos muito do ocorrido.

Com o casamento marcado, as turmas do horário matutino tinham, então, uma tarefa para realizar: a preparação da cerimônia. Cada turma ficou responsável por organizar uma parte da festa: lembranças, decoração, cenário, texto do padre, certidão, convites, dentre outras coisas... As crianças, o diretor, as merendeiras, o estagiário da biblioteca, o pedagogo, as professoras... houve o envolvimento de todo o grupo.

Com os preparativos da cerimônia organizados, ainda faltavam as roupas dos noivos. Onde encontraríamos roupas de casamento para dois bonecos? Não poderíamos decepcionar as crianças! (e a nós mesmas que já estávamos tão envolvidas)... Recordamo-nos então das roupas que tentávamos costurar para as nossas bonecas na infância e para as crianças das turmas de maternal para as quais lecionávamos. Se era difícil encontrá-las prontas, poderíamos confeccioná-las. Ângela, professora de dança que atuava no Projeto Revitalização, desenhou os modelos e foi conosco comprar os tecidos. As vendedoras das lojas perguntavam para qual ocasião seria a roupa e ficavam impressionadas quando falávamos da seriedade desse casamento de bonecos.

Em casa, nossa mãe ajudou na costura das roupas com todos os detalhes: gravata borboleta, terno, cartola, vestido branco, véu e buquê... Tudo ficou um sonho! E nem imaginávamos o que iríamos encontrar... Quando chegamos à escola, tivemos a impressão de estarmos num salão de festas.

Algumas funcionárias perguntaram logo pela noiva. Uma bela cerimônia foi preparada: o padre, os músicos, flores, altar e até havia padrinhos para os noivos! Nervosismo! Víamos e sentíamos a expectativa em cada rosto...

Foto 10 – Casamento de Lili e Gugu



Havia também fotos, filmagem e o sermão do padre que, após o “sim” dos noivos, declarou: *“Vocês estão casados!”*. Os aplausos foram emocionados!... As crianças, as professoras e demais funcionários e convidados pareciam vibrar!

Quando parecia estar tudo terminado, começou a ser organizada uma fila para os cumprimentos. Enquanto segurávamos a Lili e o Gugu, sentíamos o toque das mãos das crianças nela, os abraços... algumas perguntas e felicitações que não conseguíamos ouvir direito... mas percebíamos o quanto elas estavam felizes...

Foto 11 – Fila para os cumprimentos



Após os cumprimentos, outra surpresa: havia uma festa com bolo e refrigerante, além das lembrancinhas para serem entregues no final da cerimônia. Até hoje nos lembramos do sabor do bolo, dos sorrisos das crianças e das lágrimas nos olhos de alguns adultos. Para nós, que fazíamos parte do projeto “Revitalização dos Espaços Escolares”, foi também um momento de pensarmos nossas ações e reafirmá-las nas escolas, na busca de visibilizar esses movimentos de quem faz as histórias das unidades de ensino terem inúmeros sabores. As professoras, as crianças, o diretor, as merendeiras, o pedagogo sentiram cada momento e participaram dessa história como atores e atrizes, foram personagens e autores que escreveram linha a linha uma história na qual se pôde falar “*e foram felizes para sempre*”. Uma experiência prazerosa, um bom encontro que ainda, dez anos depois, “aumenta a potência de agir”.

Mas parecia que essa história terminaria por aqui... até que uma criança

perguntou: *“Onde eles vão passar a lua de mel?”*. De súbito, inventamos: no Ceará.

No ano seguinte, as perguntas sobre os noivos continuaram. Queriam saber se já haviam chegado, como estavam e, principalmente, se estavam juntos e felizes. Essas perguntas sugeriam que a história não havia acabado. Mais um capítulo estava sendo iniciado... e como quem conta um conto aumenta um ponto, aproveitamos o interesse e experimentamos outra tática: utilizar a situação para realizar atividades de leitura e de escrita. Lili e Gugu escreveram algumas cartas.

Mas como essas cartas chegariam à escola? Tudo até agora havia ocorrido de uma forma mágica e com toques de realidade... ou vice-versa: o casamento e toda a organização da cerimônia... e a fila dos cumprimentos! Não, não podíamos simplesmente chegar com algumas folhas escritas e dizer: *“Olha, Lili e Gugu escreveram. As cartas estão aqui”*. Afinal, a brincadeira era séria! Estávamos vivendo a história!

Pensamos então na possibilidade de um carteiro “de verdade” levar as cartas. Após alguns telefonemas para amigos, soubemos que esse pedido poderia ser feito por escrito à Empresa de Correios e Telégrafos. E foi o que fizemos.

No dia marcado, pontualmente, lá estava o carteiro em frente à escola para entregar as cartas dos bonecos. Pedimos à direção da escola para irmos às salas de aula junto com esse profissional. Enquanto nos apresentávamos a cada turma, relembávamos a história do casamento, da viagem de lua de mel e dizíamos estar trazendo respostas às perguntas sobre os recém-casados. Eram cartas escritas pelos noivos e endereçadas àquela comunidade escolar.

Entregamos as cartas e alguns postais enviados pelos bonecos. Propositadamente, o espaço referente ao destinatário nos envelopes não estava preenchido adequadamente. Além de entregar as cartas, essa poderia ser uma maneira de o carteiro também falar da sua profissão e da empresa onde trabalhava.

Foto 12 – Um novo personagem: o carteiro



Então, um novo personagem, o carteiro, passou a fazer parte da história. Ele foi a todas as salas de aula para falar das cartas que haviam chegado para as crianças e aproveitou também o momento para dar aula. O carteiro agora era o professor. Ele disse que os bonecos se esqueceram de escrever o endereço com o Código de Endereçamento Postal (CEP) nos envelopes e, por isso, a correspondência demorou a chegar. Falou da importância do preenchimento correto do endereço nos envelopes e ainda fez a relação do sistema de postagem do Brasil com o de outros países.

Que experiência! Ter tantas informações, participar e aprender “[...] ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]” (ABRAMOVICH, 1993, p.17). Alguns professores também participaram da aula dando exemplos e afirmando o que o “novo docente” apresentava.

As cartas enviadas foram para a biblioteca e, junto aos livros, contavam as histórias dos bonecos. Como a sua leitura gerava outras questões, colocamos na biblioteca uma caixa para as crianças escreverem também suas perguntas e recados para os bonecos.

Foto 13 – Escrita de recados para os bonecos



Entre algumas felicitações, beijos e abraços, havia pedidos para que eles não se separassem e fossem sempre felizes. Após o retorno da lua de mel, Lili e Gugu contaram sobre a viagem e sobre as dificuldades que estavam enfrentando: o Gugu estava desempregado e eles não tinham casa própria. Houve muitas sugestões e até convite para morarem nas casas das crianças. A história terminou por aqui (Será?). Não pudemos dar continuidade com aquele grupo, mas será que terminou mesmo?

Pensamos em tudo o que aconteceu e no que essa experiência significou para nós e para aquele grupo. Encontramos ainda com algumas pessoas que viveram esse bom encontro e sempre um sorriso é esboçado em cada rosto quando nos recordamos desses acontecimentos. Para cada um/a de nós foi uma experiência ímpar!

Com esse casamento, pudemos sentir o quanto as histórias de nossas vidas se enredam umas às outras... Compartilhamos experiências, aprendemos, ensinamos e vivemos outras histórias puxadas por fios coletivos e entrelaçados por redes de solidariedade. Podemos relacionar o “sim” que as crianças tanto queriam ouvir com as possibilidades de visibilizar esses movimentos cotidianos nos bons encontros para viver uma vida que quer mais vida, uma vida bonita, gostosa, com os *saberessabores* das escolas.

Nas outras redes das quais participamos, Lili, Gugu e os outros bonecos também nos acompanharam e acompanham. Encontramos amigos queridos que iniciam um novo diálogo e propõem novas histórias. Até outro casamento já aconteceu recentemente! (o terceiro) Mas isso é uma outra história que não será contada aqui...

Essas histórias vividas nas escolas nos impulsionam a buscar mais sobre esses bons encontros com os bonecos. Outras propostas surgirão? Como será a composição de novos encontros? Como dialogar com os bonecos e a tessitura curricular na escola? Que novas questões emergirão nesses encontros? O que dirão as crianças? Quais agenciamentos suas perguntas e propostas promoverão? E os professores, o que dizem?

Movida por essas questões, passamos a tecer nossos fios de desejo aos fios da EMEF Tancredo de Almeida Neves, propondo uma pesquisa que pudesse partir não só do que esperávamos, mas também da intercessão com os desejos dessa comunidade escolar. Para isso, segundo Deleuze e Parnet (2004), foi preciso “uma longa preparação”e, então, mergulhamos nos cotidianos dessa unidade de ensino vivendo as intensidades das produções dos autores/atores que teceram e tecem muitas histórias...

## 2.2 A EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Quem morou aqui, no São Pedro, há muitos anos, há 30 anos mais ou menos, tinha muita dificuldade pra morar aqui porque, como eu falei, aqui tudo era mangue. A gente morava dentro do mangue e passava por uma passarela de madeira e era perigoso para algumas crianças porque caía dentro do mangue e tinha muitas farpas de pau, além de pregos... (FILÓ – funcionária do TAN).

Foto 14 – Quadro produzido pela 4ª série do turno matutino para a Mostra Cultural 2010 – São Pedro ontem...



Nos momentos de preparação dos trabalhos dos projetos das turmas, muitas conversas surgiam... Carla, professora, contou que, ao escolher a escola como local de trabalho, foi logo advertida:

–Quando eu escolhi aqui me disseram horrores.

–Disseram que aqui só tem bandido, né?– perguntou João Vitor.

–E eu não vi nada disso aqui – respondeu ela.

–As escolas de São Pedro são as melhores para se trabalhar – entramos na conversa.

–E qual é a melhor escola?– perguntou Ana.

–Gostamos da região. Não tem uma melhor e outra pior, mas, como estamos aqui, a melhor é aqui... (Escritas a bordo, novembro/2010).

Foto 15 – Quadro produzido pela 4ª série do turno matutino para a Mostra Cultural 2010 – São Pedro hoje... em construção<sup>1</sup>...



Aqui era lixão [...]. Agora tem água tratada, várias lojas, tem banco, correio, policlínica, supermercado... (JORGE – pai de Suzana).

Dentre as suas atividades, as escolas da região de São Pedro costumam desenvolver a apresentação da história do bairro por meio de vídeos, teatro e outros recursos. Essa é uma das maneiras de desmitificar a imagem que ficou atribuída a ele por causa do lixão a partir do filme “São Pedro: lugar de toda pobreza”.<sup>2</sup> Trata-se de um documentário antigo e que alguns moradores do bairro dizem querer esquecer. Não é por causa da história de luta e de resistência, mas porque ela relaciona, para muitos, ainda hoje, o bairro com o lixão.

Participamos com uma turma de 3ª série de um momento em que esse documentário foi apresentado como disparador para um trabalho sobre o bairro. Elas

<sup>1</sup> Na preparação para a Mostra Cultural, muitos trabalhos são feitos para a exposição. Uma ideia puxa a outra e, muitas vezes, achávamos que não daria tempo para terminar. No caso dessas imagens, o projeto das turmas era sobre a história do bairro. O quadro ficava suspenso no teto e apresentava, de um lado, São Pedro ontem, com as palafitas e o lixão, e do outro, São Pedro hoje, já urbanizado. Esse último lado não ficou pronto. Depois soubemos que, mesmo assim, foi para a exposição e continuou sendo pintado nos dias da Mostra para indicar que a história das mudanças no bairro ainda está em construção.

<sup>2</sup> Documentário produzido por Amylton de Almeida (Rede Gazeta) no ano de 1983. Apresenta o início do bairro e a mobilização de seus moradores, migrantes que viviam em condições de miséria e lutavam por sua comunidade.

cobriam o rosto, viravam-se para não olhar. Em seguida, a professora apresentou imagens atuais que mostravam as mudanças no bairro: palmas e sorrisos seguiram a exposição. E foi a partir dessa perspectiva de mudanças que as professoras da 4ª série produziram uma história contada e ilustrada pelas crianças.

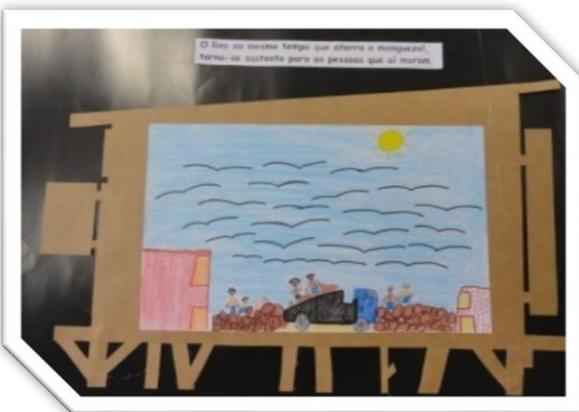
Foto 16 – História da região de São Pedro



No fim da década de 70, ocorre uma ocupação desordenada da região de São Pedro.



Milhares de pessoas sedentas por trabalho e moradia ocupam o manguezal.



O lixo que, ao mesmo tempo em que aterra o manguezal, se torna sustento para as pessoas que aí moram.



Essa região representava uma triste realidade de degradação humana e ambiental.



Após mais de uma década, iniciam-se as mudanças com a urbanização da área possível.



Ocorre a remoção das palafitas para a área urbanizada...



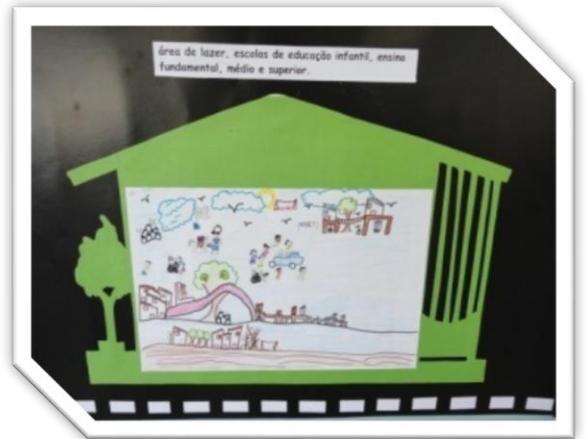
... e campanhas de educação ambiental e sanitária, de utilização adequada da rede de esgoto.



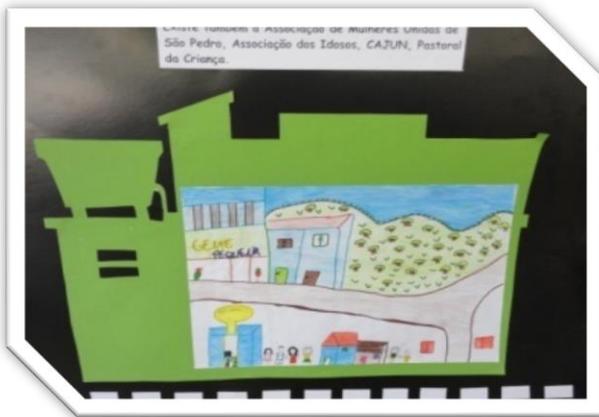
A parceria do governo com a comunidade é fundamental para alcançar as transformações significativas da região.



Hoje, a região de São Pedro conta com grande infraestrutura: banco, posto policial, comércio, posto de saúde.



Área de lazer, escolas de educação infantil, ensino fundamental, médio e superior.



Existe também a Associação de Mulheres Unidas de São Pedro, Associação dos Idosos, CAJUN, Pastoral da Criança. Tudo isso trouxe queda da mortalidade infantil e qualidade de vida para as pessoas.

Os moradores mais antigos também contam essa história. Renata, professora, ouviu de Anderson, porteiro, suas memórias de infância no bairro. E, dessa maneira, essa história não para de ser contada. A cada novo projeto que turmas ou escolas realizam, uma parte da história é contada a partir de olhares e de tempos diferentes.

Renata começou a nos contar o que ouviu e estava entusiasmada porque essa conversa faria parte do trabalho que realizaríamos com nossas turmas.<sup>3</sup> Estávamos na sala dos professores e outras professoras estavam ali, dentre elas, Terezinha, que, nessa conversa, descobrimos ter sido moradora do bairro.

*Renata: O Anderson falou que, na época em que ele era criança, ele andava em pinguelas aqui, e aí essas ruas aqui laterais todas eram assim. Tinham as palafitas e as pinguelinhas. Aí eles iam ali na região da policlínica, que ali era aterrado. E ali eles brincavam. Disse que era muita gente que brincava; não eram só as crianças porque aqui não tinha nada pra fazer, não tinha televisão.*

*– Ali era tipo uma área de lazer – completou Terezinha enquanto organizava sua pauta.*

*– Terezinha sabe dessa história? – perguntamos.*

*– Eu nasci e fui criada aqui. Atualmente eu não estou morando aqui. A gente brincava, e essas ruas nem eram asfaltadas. A gente brincava de pique-esconde nesse bairro todo, saía correndo de cima pra baixo. Era bom... O Anderson pegou*

<sup>3</sup> Em 2012, assumimos na escola a regência de classe de uma turma do 2º ano e passamos a desenvolver nossos projetos com Renata, professora da 2ª série.

*mais essa fase do início de São Pedro... e eu peguei uma fase que estava começando os aterros... mas ainda não tinha tratamento de esgoto, poucas ruas eram asfaltadas.*

*Renata: Ele disse que, na época, não tinha iluminação, então não tinha televisão e eles brincavam assim. Então eles se encontravam e eram os adultos e as crianças. Não eram só as crianças que brincavam, os adultos também brincavam. Nossa! Você precisava ver que gracinha ele falando.*

*– É aquela época do lixo?– perguntamos.*

*– Então, o que acontece, o bairro ficou conhecido como lugar de toda pobreza, mas essa área do lixo mesmo era mais a região de Resistência, onde é a usina de lixo. Mas é essa a imagem que passou mesmo. Ali era o lixão e existiam, sim, famílias que viviam do lixo.*

*–Mas a ideia que a gente tem é que vivia todo mundo em cima do lixo – falou a professora Vera, que entrou na conversa.*

*– E aí algumas casas foram construídas em cima do lixo e a parte de cá era mais mangue mesmo, que tinha as pinguelas – disse Terezinha.*

*– Vieram pra cá pessoas de outros Estados? – perguntamos.*

*– É. A gente pode dizer que pessoas do norte do Estado, da Bahia... Na década de 70, que foi quando começou a invasão, porque essas áreas foram todas invadidas – disse Terezinha.*

Sentidos produzidos por quem conta e por quem ouve a história. Diferentes modos de contar com vozes para além da escola. Lembranças que marcaram épocas e pessoas diferentes. Lembranças que ficam e lembranças que querem ser esquecidas, mudadas. Histórias de um povo que compõe um bairro e que motiva a outros para contá-la. Memórias que buscam outros textos que contem não histórias de um lixão, mas de um povo que viveu e superou suas dificuldades. E foi dessa maneira que, em 2010, o bairro foi tema do samba-enredo da escola de samba Andaraí:

**"Andaraí canta São Pedro: A terra sonhada era mangue, na lama prometida, a redenção! Luta, é a riqueza do lugar de toda bravura"<sup>4</sup>**

**Compositores:** Claudinho Vagarezza, Thiago Bandeira, Diego Tavares, Thiago Daniel, Lauro e Douglas Jacaré

**Intérprete:** Lauro

**Andaraí vem cantar, São Pedro  
Um exemplo de dignidade  
Canaã abençoada a germinar  
Faz nascer nossa felicidade**

*Povo guerreiro, faz história não espera acontecer  
Terra prometida, na lama a vida  
É preciso lutar para vencer  
Nesse novo chão  
O trabalho fez brotar esperança e redenção  
União, que nesse sonho viu nascer  
A resistência contra a força da opressão*

**Bravamente venceu, resplandeceu  
Fez da sua ascensão, vitória  
Marcando o fim da desilusão  
Escrevendo sua história**

*No pranto da necessidade  
A bravura a despertar no coração  
Lugar de toda pobreza  
No lixo tristeza e omissão  
O 'grito' desta gente faz sorrir  
Garra, igualdade e libertação  
Amor, comunidade acredita em si  
Escolas vão surgir  
Pro fruto da cidade semear.*

Nas memórias dos moradores antigos, nos projetos das escolas ou no samba-enredo, a história de São Pedro também é conhecida a partir do surgimento das escolas no bairro. No TAN,<sup>5</sup> a história é assim contada no seu Projeto Político-Pedagógico:

*Em 1985, devido à demanda de alunos no bairro São Pedro III e à falta de vagas nas escolas da região, e por iniciativa*

<sup>4</sup>Gazetaonline.globo.com/\_.../768964-andarai+aposta+nas+lutas+da+gr...Acesso em: 26 ago. 2012. 26/08/2012.

<sup>5</sup> O TAN está localizado no bairro São Pedro III.

*própria, a Sr<sup>a</sup>. Divina Pereira Dias iniciou, em fevereiro, um trabalho de alfabetização na varanda de sua casa.*

*Diante da necessidade da comunidade, o número de crianças cresceu e o trabalho foi transferido para a igreja católica da Comunidade São José, situada à Rua 5 de Julho. Com mais apoio e em busca de uma escola uniram-se à luta a Sr<sup>a</sup>. Carmita Loureiro, Ana Luciane Gasparini, Belarmina M<sup>a</sup> Pereira, professoras, e Geraldina Cecília da Conceição, Zilma Prado Vieira, Eleir da Silva Sobrinho, Arlelinda da Silveira, Alicia, Nilda de Oliveira Barbosa, Alzira Zeferino e Janete Basílio que fortaleceram o trabalho e ajudaram na luta por uma escola digna. A associação de Moradores de São Pedro III encaminhou vários ofícios na tentativa da construção de uma escola na localidade. O bairro ainda era mangue e só existiam palafitas, toda ação teve apoio da Secretaria de Estado de Ação Social que cadastrou as crianças de 4 anos acima. O Mobral forneceu papel, livros, cartilhas, cadernos e outros materiais para apoiar o trabalho iniciado. Esta escola ainda não tinha nome e os moradores chamavam de Escola São José [...].*

*Houve uma tentativa de oficializar a escola como anexo da EPG José Lemos de Miranda. A Diretora Déia fazia visitas freqüentes na escola para apoiar o trabalho desenvolvido, mas não aceitou a situação por falta de publicação em Diário Oficial. Após muitas lutas e organização da comunidade, a escola estava com 280 crianças em dezembro do mesmo ano localizadas na igreja católica. Sr<sup>a</sup>. Iranita Belarmina Pio da Silva emprestou o terreno para que fossem construídas 4 salas 'barracões' e a prefeitura enviou carteiras e todo material necessário para a escola.*

*No ano de 1986 pelo Decreto nº 1512 do dia 03 de outubro foi criada pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo a nossa Escola, o Ato de criação com o nº 2277 e toda situação dos alunos foi regularizada pela inspeção escolar.*

*No ano de 1987 com a entrada do Diretor, Prof<sup>o</sup> Julio César Nunes Gonçalves, iniciaram novas reivindicações, agora pela ampliação da escola.*

*No ano de 1989, na gestão do prefeito Vitor Buaiz, foi solicitada a ampliação da escola para 12 salas de aula e no início de 1990 a reforma foi iniciada sendo concluída em 1991, no entanto sua legalização só ocorreu em 25 de março de 1998.*

O documento da escola segue com a descrição do grupo atendido...

*[...] Este estabelecimento é de ensino público mantido pela Prefeitura Municipal de Vitória desde o ano 1985. Sua realidade sócio-econômica se caracteriza como classe econômica média e baixa. Os pais dos alunos, em sua maioria, exercem funções no setor Terciário.*

*Nota-se também que há um índice considerável de pais desempregados e autônomos (diarista, garçom, domésticas dentre outros) nesta região. A maioria dos alunos vive em uma realidade familiar de pais separados, sendo criados por um dos cônjuges, avó ou outra parenta. Na localidade existe uma infraestrutura precária necessitando de saneamento básico, urbanização, áreas de lazer e programas habitacionais.*

*O filme 'Lugar de toda pobreza' realizado neste local, relata o início desta comunidade. Hoje muito se conquistou, mas alguns problemas se tornaram permanentes como a violência. Parafraseando Paulo Freire, 'ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam em comunhão'. Falar em comunhão é pensar a educação como uma prática social de cooperação e não de competição. É preciso estimular práticas cooperativas dentro da escola, garantindo socialização de saberes entre os educandos e não apenas na educação receptiva centrada no professor.*

Da descrição da comunidade, partimos para a apresentação do espaço físico da unidade de ensino...

*A estrutura física aparentemente da escola é boa, mas necessita de reforma e ampliação urgentes para atender às novas demandas legais, como adaptação da estrutura física para a mobilidade reduzida, educacionais e sociais, como, por exemplo, a Jornada de Tempo Integral, a EJA (Educação de Jovens e Adultos – SEDU) e a escola nos finais de semana conhecida como Escola Aberta.*

*É fato que a organização do espaço escolar depende de várias ações conjuntas e envolve todos os atores nesse processo. A parceria é necessária em todos os momentos, portanto o gestor escolar precisa estar sensível aos movimentos diários da escola e da comunidade local.*

*Assim, o espaço escolar ficará mais dinâmico com atitudes compartilhadas, pois discutir a relação de quem ensina e de quem aprende é fundamental para o sucesso na melhoria do ensino da escola pública (Projeto Político-pedagógico da EMEF TAN).*

Durante a pesquisa, percebemos que a escola tinha, como maior desafio, constituir o quadro completo de profissionais no início do ano letivo. Como já afirmamos, a localização é um dos principais entraves para que a unidade de ensino seja escolhida como local de trabalho pelos professores, assim como as outras escolas da região.<sup>6</sup> Outros, mesmo com a distância, estabelecem redes de afeto com as comunidades e permanecem por muitos anos na mesma escola.

Mesmo diante de dificuldades, como a falta de profissionais no início do período letivo, o grupo produz práticas de se cuidar, de receber, de fortalecer as relações. Algo que nos chamou a atenção foi o primeiro dia de reunião do ano de 2010, na recepção dos professores. Além do acolhimento com a apresentação da escola e dos seus projetos, os profissionais receberam alguns “presentes”: bolsa, estojo, agenda, caderno, lápis, borracha, caneta e um CD contendo o Projeto Político Pedagógico, o plano de ação, projetos e a agenda com as datas das atividades a serem realizadas durante o ano. A diretora disse que os documentos da escola costumavam ser entregues impressos, porém faria diferente nesse ano para evitar o consumo alto de papel e para facilitar que os profissionais pudessem ter acesso aos dados em casa ou na escola. O coordenador sussurrou: *“Eu nunca fui recebido assim numa escola!”*.

---

<sup>6</sup> Muitos profissionais que atuam no município de Vitória moram ou trabalham em outros municípios: Vila Velha, Cariacica, Serra. Para quem trabalha em São Pedro, o deslocamento para esses municípios é demorado para ser realizado de ônibus e oneroso, de carro.

Foto 17 – Recepção dos estudantes (publicação no jornal “A tribuna do TAN”)

## Recepção marca 1º dia de aula

O retorno à escola é uma situação nova que pode provocar medos e inseguranças. Pensando em transformar esse momento, a “EMEF TAN”, preparou uma recepção calorosa e afetiva para todos os alunos se sentirem mais confiantes e protegidos. O primeiro dia de aula foi realizado com muita empolgação e criatividade por toda a equipe. Professores caracterizados com figurinos alegres e descontraídos formaram um corredor cantando músicas escolhidas especialmente para a data, proporcionando aos alunos, aos pais e a comunidade um retorno do ano letivo agradável e com boas expectativas. Em seguida com muita organização todo o corpo docente e discente foi saudado pela coordenadora Márcia Petronetto destacando a satisfação de iniciar as atividades do turno matutino com o quadro completo de professores, ressaltando assim o compromisso e a importância da cooperação e participação de toda a comunidade escolar no cotidiano da EMEF. Que neste ano possamos realizar todos nossos projetos com muita perseverança, otimismo e sucesso!

**“A acolhida nos aquece o coração e nos dá mais energia para enfrentarmos os desafios.”**



Essas maneiras que vão encontrando de cuidar de si e do outro (FOUCAULT, 2006) e de misturar afetos acontece também com os estudantes. Por exemplo, com a proximidade do carnaval, os docentes, fantasiados, receberam os discentes no primeiro dia letivo: profissionais com arco de borboleta na cabeça, peruca loira, óculos coloridos e gravata, enfim, todos com enfeites em frente ao portão da escola. Um professor disse que os estudantes levaram um susto e recearam entrar. “*Podem entrar, é aqui mesmo!*” – disse ele. Então, formando um corredor ao som de uma música, aplaudiam e diziam frases de boas-vindas aos que chegavam. Alguns estavam acompanhados de seus familiares.

Em 2011, com bolas coloridas nas mãos, formando novamente um corredor e ao som do violão tocado pelo professor de Matemática, o grupo recebeu seus estudantes também de uma maneira diferente.

Foto 18 – Preparação na sala dos professores e recepção dos estudantes



Esses modos de comemorar são características dessa unidade de ensino. As datas comemorativas e eventos são organizados na quadra. Assim aconteceu com a Páscoa, com a abertura da Copa do Mundo e com outros momentos. Durante todo o ano, também é preparada a Mostra Cultural, realizada no final do mês de outubro. Durante três dias, todos os trabalhos são expostos para a comunidade. Logo no início do ano letivo, o tema central é escolhido e, assim, a partir dessa escolha, cada série/disciplina e/ou turma elege o seu foco de trabalho e organiza o projeto até a sua finalização com a apresentação. Para o ano de 2010, o tema foi “Reconstruindo o planeta em fúria.”<sup>7</sup> A escolha é justificada no projeto institucional da escola:

*Nesse contexto de mudanças e entendendo a necessidade de uma concepção emancipatória da questão ambiental, a EMEF [...] sistematizou em 2008, os estudos sobre o eixo temático Educação Ambiental (presentes nas Diretrizes Curriculares Municipais) culminando no projeto ‘Meio Ambiente e Ética Planetária’. Percebendo no coletivo pedagógico que deveríamos continuar essa temática em 2009, surgiu o projeto ‘Água, Fonte de vida’.*

*Em 2010, diante das catástrofes ambientais que chocaram todo o mundo, e percebendo que muito ainda falta enquanto comunidade escolar (pais, alunos, professores) para*

<sup>7</sup> A partir dessa temática, os trabalhos das turmas foram elaborados. Não nos cabe aqui o detalhamento de cada projeto. A Mostra Cultural, como atividade importante para a escola, terá destaque a partir dos movimentos que são produzidos, principalmente no que se refere a esta escrita: os encontros com os bonecos.

*assumirmos nossa responsabilidade enquanto atores dessas mudanças globais, sentimos necessidade de continuar com esse eixo temático, porém com enfoque mais próximo da natureza frente às nossas ações. Desse modo, surge, no coletivo escolar, o projeto “Reconstruindo o Planeta em Fúria”, a ser desenvolvido este ano nos turnos matutino e vespertino de 1ª a 8ª séries. Cada turma e/ou disciplina acrescentará a esse projeto seus respectivos planos de ações. Esse projeto culminará na realização da X Mostra Cultural (Projeto Político Pedagógico da EMEF TAN).*

Em 2011, a discussão da Mostra Cultural foi a partir da necessidade apontada por alguns professores de trabalhar sobre valores, como amizade e cooperação.

Foto 19 –Votação para escolha do tema da Mostra Cultural em uma das turmas

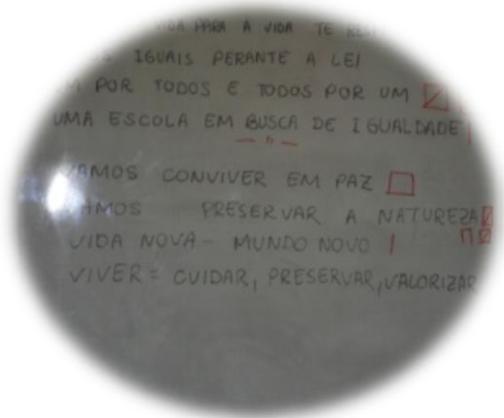


Foto 20 – Urna utilizada na biblioteca para votação

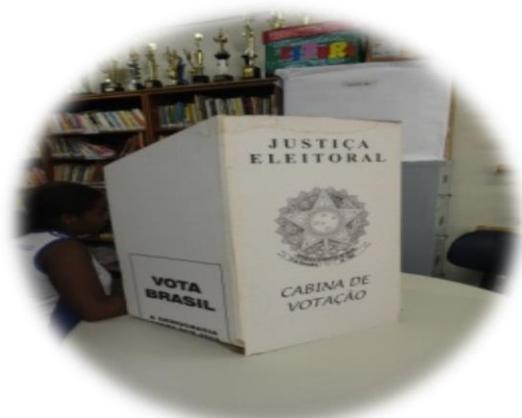


Foto 21 – Ajuda para quem não sabia ler ainda no dia da votação



A proposta foi levada para as turmas e cada uma escolheu um nome. Após a indicação dos nomes, houve a eleição que ocorreu na Biblioteca com a assinatura dos votantes, cabine e urna eleitoral. O nome escolhido foi “*Quem ama TANbém cuida*”. A partir desse título todos os trabalhos foram elaborados. Toda essa mobilização indica que a Mostra Cultural era uma ação que marcava os processos curriculares na organização da escola. O Projeto da Instituição apresenta seus objetivos relacionando-os às atividades diárias na unidade escolar:

*A Mostra Cultural é a culminância dos projetos realizados durante o ano letivo nas diferentes áreas de conhecimento desenvolvidos em consonância com os objetivos do Projeto Institucional, buscando envolver todos os sujeitos do processo educativo, promovendo a integração entre os diferentes segmentos, turnos e comunidade local. Portanto, a Mostra Cultural se tornou canal de integração entre alunos, comunidade escolar e local. Cria no contexto escolar uma integração dos turnos, dos diferentes projetos e de ampliação*

*de conhecimento envolvendo os diferentes atores. Valoriza o espírito colaborativo e investigativo dos alunos, estimulando o potencial individual e o trabalho em grupo, garantindo a participação da comunidade escolar nos diferentes espaços e tempos escolares.*

Durante o período em que atuamos na escola, vivemos por dois anos a preparação da Mostra Cultural com as alegrias e tensões que os preparativos compreendem. Numa das reuniões do ano de 2011, uma das discussões envolveu a possibilidade de realização de eventos de apresentação distribuídos durante o ano e não mais concentrados numa só época. Foram apontados como fatores: o gasto de materiais, o estresse e a não socialização de todos os trabalhos, uma vez que cada turma ficava envolvida em seu projeto.

Essa é uma discussão que vem entrelaçada a vários fatores: os estudantes apontam a realização dos trabalhos da Mostra como algo diferente e de que eles gostam muito. Reconhecem que é trabalhoso para os professores, mas insistem em dizer como as relações são menos tensas durante a preparação do evento. O corre-corre da arrumação quando a Mostra termina também foi apontado como um momento do qual gostam. Em contrapartida, para alguns professores, a preparação da Mostra aliada às outras atividades, como a elaboração das provas, fechamento de diário de classe e de relatórios reflete-se em cansaço e os leva a perguntar: “*Por que a Mostra Cultural?*”. No entanto, entremeados com essas questões estão os movimentos e práticas curriculares tecidos nos cotidianos dessa unidade de ensino que incorporam e promovem as ações da Mostra Cultural e tantas outras que fazem da escola *espaçotempo* de surpresas, inquietações e alegrias, produzindo *curriculosafetos* nos bons encontros que essas ações promovem.

Como nos movemos então na tessitura desta pesquisa? Como foi a condução do nosso fio de desejo com muitos outros fios que encontramos? O que contamos dos caminhos trilhados/trançados?

### 2.3 E O FIO ERA O DESEJO: DAS ESCOLHAS E DOS TRAÇADOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

[...] Levas o novelo. Vais desfiando. Vais seguindo. Não o largues nunca. Com ele poderás voltar [...] (LESSA, 1975).

Foto 22 – Visita de Roberto a uma sala de aula



*Precisávamos falar com uma professora e fomos até a sua sala. Batemos à porta. Ela foi entreaberta. Ouvimos algumas vozes de estudantes que perguntavam quem era que estava ali. Um dos meninos veio conferir e disse aos demais:*

*– É a professora dos bonecos.*

*Tia dos bonecos, professora dos bonecos é como as crianças têm nos chamado. No início, tentavam localizar-nos como professora de uma disciplina, mas como respondíamos negativamente, elas encontraram essa maneira (ESCRITAS A BORDO – 2010).*

Puxando, então, o fio desse novelo, desfiando, tecendo, na busca por conhecer e viver as complexidades dos cotidianos (ALVES, 2002) do TAN e das experimentações com bonecos e histórias, mergulhamos nas redes da escola, procurando entender como, nas relações entre docentes, discentes e bonecos, foi ampliada a produção de encontros que possibilitaram outras relações no cuidado de si e do outro, na constituição dos *curriculosafetos*. Buscamos explorar outras maneiras de viver a escola, de aprender e de ensinar, compondo possibilidades de viver bons encontros nos *espaçostempos* escolares.

Nesse sentido, os praticantes desses cotidianos e os entrelaçamentos das suas narrativas, das suas experiências, das suas histórias, dos seus modos de dizer e de fazer foram essenciais, porque usamos

[...] narrativas, depoimentos e relatos para tentarmos nos aproximar dos sujeitos de nossas pesquisas e ouvir o que eles têm a dizer, da maneira que querem dizer. Com isso, esse necessário *estar junto* dos professores e alunos não representa uma atitude contemplativa ou de otimismo ingênuo, mas uma busca para estabelecermos outros discursos e outras relações nas redes de *fazeressaberes* tecidas no cotidiano das escolas (FERRAÇO, 2005, p. 10).

Mergulhamos, então, nas intensidades e nos fluxos das histórias dessa unidade de ensino, reconhecendo que teríamos achados inesperados. Por isso, a produção de dados ocorreu a partir desses entrelaçamentos com os atores do cotidiano e da participação no dia a dia, nas atividades da escola e nas oficinas de produção e de manipulação de bonecos. Os bilhetes, *e-mails*, desenhos das crianças, torpedos, fotos e filmagens também compuseram os dados produzidos.

Reconhecemos as práticas já realizadas pela unidade de ensino e, por isso, buscamos enlaçar nossos fios da pesquisa aos fios da escola e tecemos uma trama com as intensidades desse encontro. Não nos bastava contar apenas o que vimos e o que ouvimos, mas o que vivemos. Os bonecos foram, assim, compondo os projetos para a Mostra Cultural,<sup>8</sup> envolvendo-se nas ações das salas de aula e, nesses momentos, tecíamos nossos caminhos de pesquisa.

Trabalhamos com a hipótese de que as experiências com os bonecos produziram novas/outras relações nas redes entre os personagens da escola. Por isso, esse

---

<sup>8</sup> Como já apresentamos, a temática da Mostra Cultural mobiliza os projetos das turmas.

*espaçotempo* é entendido/apresentado/pensado a partir da constituição dessas redes, sendo ressaltada

[...] a sua dimensão de uma rede de trabalho afetivo, visto que são redes de produção de afetos e, portanto, constituintes da produção de redes sociais, de comunidades, de formas de vida: produção de subjetividade e, portanto, de possível exercício micropolítico (CARVALHO, 2008, p. 136).

Buscando compreender essas redes de produção de afetos, encontramos subsídios nos estudos dos cotidianos com os movimentos que Alves (2001) apresenta para a compreensão das complexidades, criações e os processos inventivos dos/nos *espaçotempos* escolares. A autora destaca quatro aspectos nesse movimento de compreensão: o sentimento do mundo, que destaca a necessidade de utilização dos outros sentidos, além da visão, para *mergulhar* nessa realidade sem buscar a neutralidade aprendida com a ciência moderna; virar de ponta cabeça, para reconhecer os limites das teorias nas quais sempre nos apoiamos; beber em todas as fontes que enfatiza a discussão das fontes de pesquisa, lidando com a diversidade que o cotidiano apresenta buscando tecer outros/novos saberes, assumindo fontes até então julgadas sem valor e não adequadas a medidas e/ou a estatísticas; e narrar a vida e *literaturizar* a ciência que compreende *uma outra escrita para além da já aprendida*.

*Há uma escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que indique, talvez, uma escrita/fala, uma fala/escrita ou uma fala/escrita/fala (ALVES, 2001, p. 30).*

Alves (2008) aponta ainda um quinto movimento chamado *Ecce femina*, em homenagem a Foucault e a Nietzsche, como diz a autora. Nesse movimento, destaca a importância de quem sempre esteve presente nas pesquisas com os cotidianos das escolas: as pessoas, os seus praticantes. Todos esses movimentos falam das implicações e tentativas durante a pesquisa. Não pretendem padronizar ou buscar enquadrar o cotidiano em “formas”.

Alves (2010, p. 51) também nos chama a atenção sobre as pesquisas que realizamos e os dilemas que, como pesquisadores, abrindo mão de muitas de nossas certezas, enfrentamos na busca por mergulhar nas redes cotidianas das escolas.

Desta maneira, um grande movimento das pesquisas com os cotidianos tem sido buscar modos de compreender aquilo que não nos foi ensinado 'enxergar': as condições e *tessitura* de conhecimentos e significações nas redes cotidianas. Assim como os *praticantes* dos cotidianos, os pesquisadores *nos/dos/com os cotidianos*, precisam aproveitar a ocasião, criando durante todo o processo de pesquisa, conhecimentos (*prácticasteorias*) que nos ajudem a compreender o que estamos pesquisando, no próprio ato de fazer pesquisa, lutando todo o tempo, com o que temos encarnado do que *aprendemosensinamos* nos processos de formação e nos processos com que formamos outros pesquisadores, ou seja, o que é, ainda hoje, hegemônico no campo da ciência [...].

Nesse movimento de *estar à espreita*, entrelaçamos os estudos do cotidiano com a cartografia, acompanhando os processos das oficinas de produção de bonecos numa perspectiva de intervenção. Além de observar e acompanhar os movimentos, também neles nos movemos, traçando e trançando possibilidades junto aos praticantes dos cotidianos.

O desejo de visibilizar os processos que possam emergir dos usos dos bonecos e das histórias na constituição de *curriculosafetos* no cotidiano escolar nos moveu a buscar aproximações entre os estudos dos cotidianos e a pesquisa cartográfica. Ambos apresentam o pesquisador como alguém que participa efetivamente do coletivo pesquisado. A especificidade das oficinas pedagógicas, dos acompanhamentos e registros dos processos nos indica o desenho de mapas e linhas que compõem a pesquisa cartográfica entre movimentos de linhas molares, moleculares e de fuga.

Longe de buscar suas diferenciações por efetivação e/ou pressupostos diferentes, investimos na intercessão dessas pesquisas buscando *cartografar* os "possíveis" da escola, mergulhando em suas redes, virando de ponta cabeça para, enfim, beber em todas as fontes, narrar a vida e *literaturizar* a ciência.

Sendo assim, falar sobre o cotidiano escolar [...] implica acompanhar movimentos que vão transformando a cultura da escola, fortalecendo

a criação coletiva e individual, ou seja, cartografar os 'possíveis' do coletivo escolar [...] (CARVALHO, 2008, p. 129).

Na composição dos encontros com a escola, as *narrativasimagens* foram essenciais para compreendermos os fluxos e as intensidades dos movimentos produzidos por essa unidade de ensino que revelaram os seus processos de autogestão individual e coletiva, ou seja, a micropolítica produzida nesse cotidiano. Então, conectamo-nos às *redes de conversações* da escola que *envolvem discursos, textos, narrativas, imagens, sons, encontros, silêncios e silenciamentos* (CARVALHO, 2009). Importava-nos conhecer a unidade de ensino para, assim, compor as linhas de pesquisa.

Reconhecemos a importância das *narrativasimagens* nesse movimento, entendendo-as como essenciais à escrita de um texto que apresente elementos verbais, imagéticos e sensoriais. A partir dessas considerações sobre os caminhos teórico-metodológicos escolhidos na composição dos encontros com a escola,

Importa destacar que uma pesquisa cartográfica designa-se como imetódica, ou seja, considera que não há método capaz de captar uma realidade em suas múltiplas manifestações, prescindindo, portanto, do 'rigor metodológico' das estratégias preestabelecidas. Assim, tem-se como pressuposto básico deixar que as circunstâncias determinem a trajetória da pesquisa adotando uma perspectiva mais processual ou centrada no processo (CARVALHO, 2008, p. 129).

Deleuze (2004) destaca que não há um método para descobrir, apenas uma longa preparação. Então, nessas buscas por descobrir, por encontrar respostas às nossas indagações e sentidos para o que foi sendo vivenciado nos nossos encontros, com o desejo que possuíamos inicialmente nos encontros com a escola, na mistura de afetos (ROLNIK, 2007), foram sendo ampliados os agenciamentos produzidos. De uma ideia inicial de realização de oficinas, surgiram outras, agregando elementos até então impensados, e outros foram sendo compostas à medida que os encontros aconteciam.

Numa conversa com os profissionais que atuavam no Programa de Educação em Tempo Integral, recordamos sobre esses movimentos dos nossos encontros, dos nossos aprendizados e das surpresas e incertezas que produziram novos processos. Intencionávamos fazer uma oficina com esse grupo, mas com o

acompanhamento dos projetos das salas de aula, até então não havíamos iniciado. Porém, um dia, num momento de lanche na sala dos professores, a diretora, Rosiane, fez um pedido num tom de solicitação:

– *Você podia fazer a abertura da Mostra Cultural com o Integral e os bonecos. Mas tem que ser algo assim grande, com luz, som...*

Ela falava entusiasmada... Ali mesmo ideias fluíram e traçamos algumas possibilidades. Surgiu a ideia “do mundo” que representaríamos a partir da temática da Mostra “Reconstruindo o Planeta em Fúria”. Da produção dos bonecos até a apresentação foram necessários muitos encontros, e cada um deles mostrava-nos movimentos constantes de busca e de criação. Não havia um roteiro, um mapa, apenas desejos em intensidades criando, desfazendo certezas e indicando outros possíveis.

Um dia rememoramos esses processos. Júlio, Cleidia, Helen e Val conversaram conosco. Puxamos um fio de memória para lembrar o que vivemos na oficina. E quando nos lembramos dessas vivências nas nossas *redes de conversações* (CARVALHO, SÁNCHEZ, DELBONI, 2008), os textos de nossas memórias fluíram em narrativas. Dessa maneira, as lembranças passadas conversaram com o presente e o futuro:

O presente, então, porta a duração no sentido que participa do passado e aponta na direção do futuro. Havendo continuidade entre presente, passado e futuro, o presente está em vias de formação: do passado traz consigo a virtualidade; do futuro a imprevisibilidade (CARVALHO; SÁNCHEZ; DELBONI, 2008, p. 8).

Nessas redes de conversações que teceram nossas memórias, também produzimos, criamos, reinventamos e alteramos nossas *artes de fazer* (CERTEAU, 2002) e de ser.

A conversa apresentou os caminhos que os fios da tessitura desta história percorreram, como também os caminhos teórico-metodológicos com os modos como fomos lidando com os encontros das oficinas na escola:

**Nós:** *Teve um momento em que não participamos, que foi quando você fez a massa e o Julio conseguiu os cabos de vassoura...*

**Cleidia:** *Como você pede pra gente fazer uma coisa que você nunca fez?*<sup>9</sup>

Cleidia segue explicando como decidimos que seria a produção dos bonecos...

**Cleidia:** *Por que a ideia, o pensamento da Mostra Cultural é reciclagem, do reaproveitamento? Até que no ano passado, a gente discutiu isso sobre o meio ambiente que a gente faz e depois, na segunda-feira, junta tudo ali fora pra jogar no lixo e compra-se muita coisa também. Então, por que se pensa em meio ambiente e se compra muita coisa pra segunda-feira estar lá, tudo no lixo? É por isso que a gente pensou no jornal pra reaproveitar o que tinha na escola também.*

As oficinas eram entrelaçadas nesses movimentos nos quais os agenciamentos eram constantes. Rolnik (2007) afirma que o “[...] o desejo só funciona em agenciamento”. Nessa mistura dos encontros, íamos produzindo algo novo e, por isso, a imprevisibilidade era constante. Isso assustava a alguns como aconteceu com Cleidia. Tinham a ideia de que sabíamos exatamente o que e como tudo seria. A conversa continuou:

**Cleidia:** *A gente falou do jornal e ela [nós] disse que tinha de cortar bem, porque não tinha feito dele.*

**Nós:** *Nós só havíamos feito papel machê de papel higiênico, que absorve a água mais facilmente.*

**Cleidia:** *A gente até cortou em tiras, mas ela [nós] falou que tinha de cortar bem. E a gente foi rasgando.*

**Nós:** *E você trouxe o triturador...*

**Cleidia:** *E o papel ficou mais tempo de molho.*

**Nós:** *E a massa ficou boa... Você descobriu uma massa de papel machê...*

**Cleidia:** *A gente descobriu que quanto mais o tempo passa, melhor fica a massa.*

---

<sup>9</sup> Essa cobrança teve início quando Cleidia soube que os bonecos feitos de jornal foram uma surpresa para nós. Foi um material com o qual nunca havíamos trabalhado e que, a partir de sua sugestão, aceitamos utilizar.

Durante o processo de produção da massa, que até então era uma novidade para nós ser feita de jornal, foi preciso mobilizar saberes para que ela ficasse maleável para as crianças. Surgiu, então, uma nova massa que foi elogiada e ficou conservada por mais de um mês.

Nesse sentido, nessas oficinas, a participação dos diferentes saberes é essencial para a produção dos bonecos. É nessa relação, de elaborar, de experimentar, de trocar, de aprender e de ensinar que os *currículosafetos* são produzidos, alterando as rotinas e criando outros/novos sentidos às práticas docentes e discentes. Por isso, as oficinas pedagógicas constituem-se como *espaçostempos*

[...] onde todos trabalham em conjunto para produzir algo que vai servir para si e para os outros. Nas oficinas, o conhecimento é construído por todos os professores (alunos e alunas) e cada um traz a sua prática, a sua contribuição que, partilhada por todos, constrói um saber que faz o grupo crescer e, dentro do grupo, enriquece a cada um. Também como numa oficina os conhecimentos devem ser socializados e redundar numa prática pedagógica mais consistente e mais adequada aos alunos (e professores) nela envolvidos (MNDDH, s/d, p. 31, apud CARVALHO; SIMÕES, 1997, p. 57-58).

Cleidia levou o triturador de casa e a massa foi o primeiro passo. Faltava ainda fazer um suporte para fixar as garrafas pet enquanto o papel machê era nelas fixado. Júlio diz o que fez:

**Júlio:** *Eu peguei da cozinha...Era vassoura velha, e a gente precisava de cabo de vassoura... Ia ser jogado fora mesmo. Ele explica. A gente só acelerou o processo, jogou fora antes do tempo... E fomos cortando, 40, 50cm.*

Era fazendo uma brincadeira que Júlio explicava as coisas. Professor de Educação Física e na função de coordenador do Programa de Educação em Tempo Integral, ele, muitas vezes, era com um “Magaiver”<sup>10</sup> na escola. “*Júlio resolve isso aqui!*”. Ele era solicitado. “*Pra coisa boa ninguém me chama, pra tomar cerveja...*”. Ele brincava. Nunca o ouvimos dizer um “não”. Se não pudesse, ele parava e se dispunha a pensar uma solução. Muitas vezes o vimos fazendo pequenos acertos na escola como também consertando alguns chinelos de dedo das crianças com cliques para que durassem um pouco mais. Artes de fazer de um praticante do cotidiano, como

---

<sup>10</sup> Personagem de uma série de televisão nos anos 80/90. Era um agente secreto que, de posse de alguns materiais, inventava engenhocas, resolvia problemas e conseguia livrar-se de muitos apuros.

bem ressalta Certeau (2002). O problema dos cabos de vassoura foi resolvido e outros aprendizados foram sendo compartilhados.

Sem métodos ou receitas, a preparação era constante. Descobertas e caminhos tomados a partir das dificuldades que surgiam... Mas como estavam as crianças nesse processo?

**Nós:** *Não conhecemos as crianças tão bem. São vocês quem conhecem... Como foram percebendo essa relação delas com os bonecos?*

Foto 23 – Produção dos bonecos com garrafa pet e papel machê



**Júlio:** *Começa assim: quando veio essa possibilidade de trabalhar nessa questão do teatro de bonecos, nós fizemos a reunião e colocamos pra todo mundo: “Quem gostaria?”. Aí se manifestaram. E aí veio o critério, porque o grupo estava grande, tinha de ser menor. Então a gente falou: “Deixa a galera se inteirar e a gente vai percebendo mesmo quem topa permanecer”. Esse foi o primeiro encaminhamento para ter o grupo. E eu acho que a gente sabia, até por causa das relações que a gente tem com a garotada, que alguns meninos iam se interessar mais do que outros. Até a partir da fala deles e até por experiências anteriores. E foi assim que o grupo foi se constituindo.*

Com os bonecos prontos, tivemos duas apresentações na escola, uma na Feira do Verde<sup>11</sup> e outra numa reunião de coordenadores do Programa de Tempo Integral, com a Seme/Central. Não esperávamos que fossem para outros espaços. Os desdobramentos não foram planejados. Íamos nos envolvendo... fazendo... As crianças foram se interessando cada vez mais e os bonecos passaram a compor suas histórias... redes de afeto e de solidariedade foram surgindo...

Foto 24 – Conversa com crianças para falar da oficina de bonecos

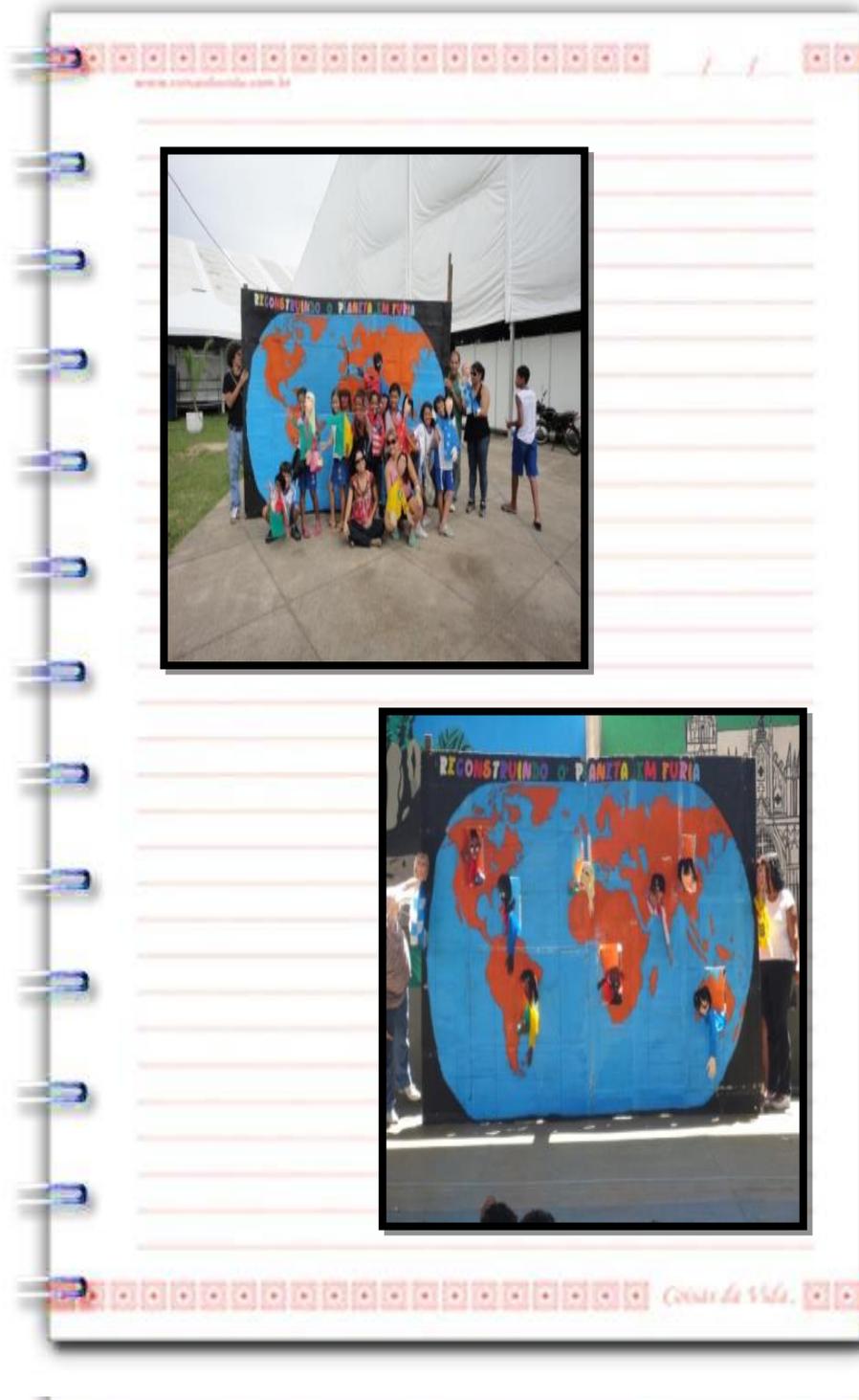


**Helen:** *No começo, foi aquela confusão, uma briga entre algumas meninas... mas depois eu senti que um acabava e o outro ia lá e ajudava... todos eles, um ajudando o outro. E eu acho que, como foi passando, um foi entendendo melhor o outro. Era um*

<sup>11</sup> A Feira do verde é um evento de Educação Ambiental em Vitória-ES. É organizada por membros de várias secretarias da Prefeitura de Vitória. São realizadas palestras, exposições, teatros e apresentações realizados pelos expositores e também por algumas escolas.

*ajudando o outro. Eles decoravam a fala deles e dos outros. Diziam quando o outro esquecia.*

Foto 25 – O “mundo” que foi o palco para a apresentação dos bonecos



**Cleidia:** *E a Nicoli e Lorrana que estavam com o mesmo boneco combinavam quem ia falar ou segurar nas apresentações. E até outros alunos que não estavam no teatro gostaram de ajudar na massa, mais à frente, nos outros processos, estavam juntos. E foi legal que a escola em si viu a produção. Eu não esperava de sair, de apresentar em outros lugares... de saber a sua fala e a do outro, de compartilhar o microfone: “Tia, é a vez dele”...*

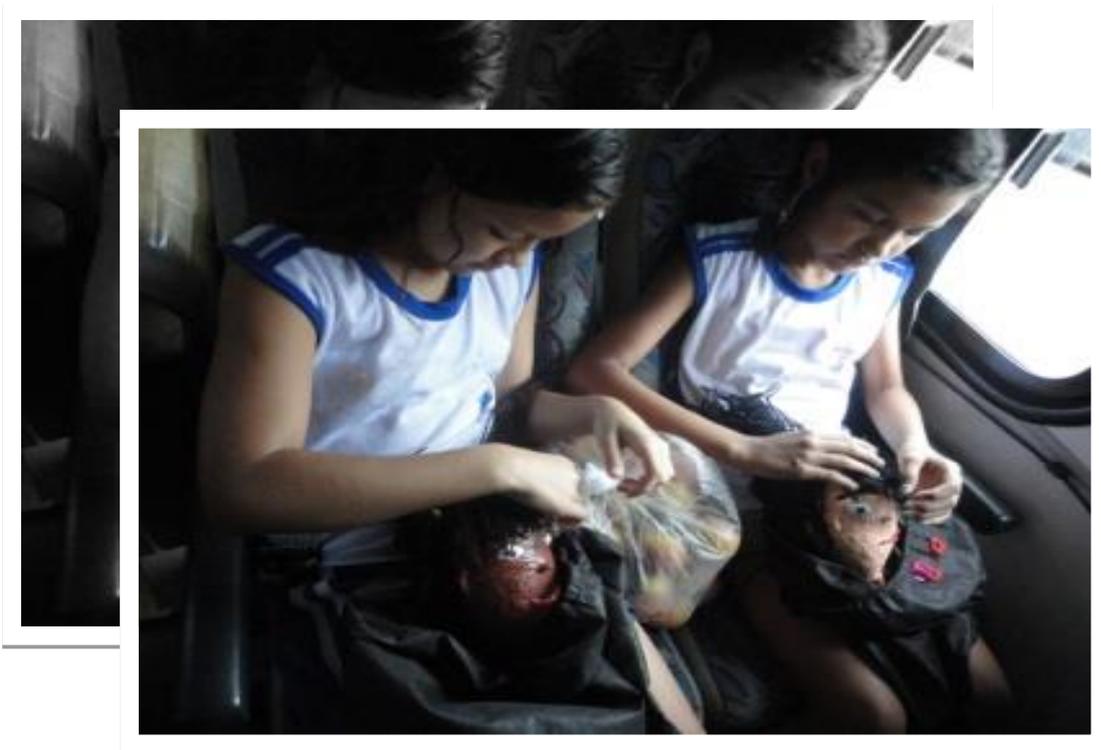
Foto 26 – Cuidados com os bonecos



Esse movimento aponta que essas oficinas, segundo Mediano (1991, p. 16), “[...] procuram criar condições para que os docentes (e discentes) possam ir transformando suas relações no trabalho escolar em direção a formas mais coletivas e cooperativas” (CARVALHO; SIMÕES, 1997, p. 59). Nos cuidados com os bonecos, um cuidava do outro...

E a conversa continua com as afecções produzidas nos encontros dos bonecos com as crianças...

Foto 27 – No ônibus, os últimos cuidados com os cabelos dos bonecos para a apresentação



**Júlio:** *Mas tem uma outra coisa que eu não sei se vocês perceberam, que é a relação deles com os bonecos. Acho que foi uma sacada legal ter feito o saco de TNT para guardar e carregar os bonecos (para apresentação na Feira do Verde<sup>12</sup>). Alguns se manifestaram querendo ficar com o boneco para si. E como é isso? Eles colocaram nome, fizeram a história...*

**Cleidia:** *Eles curtiram muito essa produção nesse tempo. Não foi uma coisa que começou hoje e terminou amanhã. Eles degustaram muito aquilo e aquilo cativou eles. Nós levamos uns quinze dias pra picotar o papel, pra fazer aquela massa.*

---

<sup>12</sup> Na Feira do Verde, após a apresentação, as crianças poderiam visitar os *stands*. Com a sacola de TNT amarrada por um fio como uma bolsa, cada uma delas fez as visitas e ficou responsável por seu boneco.

Foto 28 – Produção dos bonecos



**Julio:** *E pra além disso, tem a questão da representação. A gente atrás do painel, e nós sabemos que tem algumas crianças ali que têm dificuldade no processo de leitura e escrita. Você vê a Maria no início... e depois se soltou... todos eles. Depois eles vão pegando confiança, e eu tinha de falar: “Fala alto e com clareza”, porque, antes, eles tentavam falar rápido pra terminar logo. Depois eles foram se apropriando...*

Julio destaca que os encontros das oficinas foram contribuindo também para as aprendizagens das crianças. Múltiplos agenciamentos produzindo sabores e saberes nos *curriculosafetos* dos bons encontros no cotidiano escolar. Ele mencionou também que dois irmãos, Eliel e Samara, a partir do que viveram na escola, fizeram uma história sobre degradação ambiental envolvendo os municípios da Grande Vitória. Eles fizeram outros bonecos e apresentaram para seus familiares. Foram testando materiais. Alguns deles Eliel pedia à professora. Sentidos ampliados. Desejos produzindo agenciamentos. Fomos entendendo o desejo de levar o boneco para casa e também fomos mudando...

**Nós:** *E para sanar essa questão de levar o boneco para casa, ficamos muito tensas querendo saber o que os meninos fizeram quando levaram os bonecos para casa. Isso aconteceu muito com a primeira série. Mas muitos levam para casa “porque é*

*meu”, “porque eu fiz”... não necessariamente porque queriam fazer alguma coisa com isso.*

Essa questão de levar o boneco para casa nos intrigava. Fomos compreendendo que cada criança fazia um uso diferente do seu boneco: contar histórias, oferecê-los aos irmãos menores e até jogá-los fora. As relações com as crianças foram nos mostrando que os usos eram deles e não nossos. Cada um fez e deu o sentido que quis à sua arte.

**Nós:** *O Júlio, da 3ª terceira série, disse que jogou fora. Então, “Levei porque eu fiz, é meu”. E os meninos estão me ensinando porque eu vim com uma perspectiva de que eles dissessem o que fizeram, como o Eliel e Samara, que fizeram outras histórias. Mas tem o outro grupo também que quer levar porque fez. E esse jogar fora tem um sentido pra ele. Terminou uma etapa. Se chamar pra fazer outro, ele topa. E talvez ele curta não necessariamente o boneco porque terminou, mas o processo. O processo talvez seja melhor para ele do que a apresentação.*

Fomos junto com as crianças compreendendo o que Rolnik (2007, p.65-66) discute sobre a composição que o cartógrafo faz em suas pesquisas:

Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender [...]. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.

Mergulhamos nessas conversas e fomos compreendendo o envolvimento das crianças e o desejo de compor bonecos, criando, inventando cores e formas. Conversamos sobre o processo que envolveu a produção dos bonecos. Precisávamos de bonecos que representassem países, mas já sonhávamos que as crianças fizessem os bonecos independentemente da definição de um tema. Percebemos que as crianças queriam isso. Mesmo com os indicativos das características de cada boneco, elas iam incorporando outros elementos, inventando, mostrando-nos as muitas possibilidades de usos e cores dessa arte.

**Nós:** *O que gostaríamos mesmo é que eles fizessem um boneco independente de temática: “Vou fazer um boneco e, se quiser pintar de rosa, pinto de rosa”. Não terá ninguém pra dizer que não é dessa cor. E se quiser pintar de vermelho... porque a*

*gente foi definindo a cor dos bonecos em função de onde moravam, dos países, a roupa...*

**Júlio:** *Porque ele pintando sem a interferência de uma outra pessoa, ao construir, ele acabou criando um vínculo de identidade com esse boneco. Porque a questão toda é o boneco.*

**Nós:** *É o boneco e o que eu vou fazer e estabelecer com ele. Por isso que falamos de não ser: “Vou fazer um boneco porque é dessa temática”.*

Foto 29 – Apresentação do teatro de bonecos na escola



O boneco-gente, intercessor e amigo, passou a ocupar as preocupações e cuidados entre as crianças. Um grupo insistiu que os cabelos dos bonecos cresceram e era preciso cortá-los porque as franjas cobriam os olhos e podiam atrapalhar que eles enxergassem... Fomos mergulhando nessas conversas, buscando compreender o que acontecia nesses encontros e o que despertava nas nossas ações.

Pensamos em algumas possibilidades para o próximo ano, mas voltamos a conversar sobre o que nos encantou no encontro das crianças com os bonecos e entre nós.

Falamos de algumas propostas para o próximo ano, porque a diretora intencionava comprar mais bonecos e queria que trabalhássemos com os professores sobre a utilização deles em sala de aula.

**Nós:** *Gente, boneco tem que ficar na mão. Tem que fazer e saber fazer. E saber fazer é em relação ao cuidado. E o que foi legal para os meninos foi acompanhar o processo de confeccionar, de saber como foi. E ficamos surpresas com todo esse encadeamento.*

**Júlio:** *A Rosiane quis incrementar a sonoplastia, e veio o Marcelo e ficou muito bom. E teve o coral de Libras...*

Foto 30 – Outros colegas passaram a compor a história com os bonecos



A conversa com a diretora, Rosiane, na sala dos professores foi somente sobre os bonecos. Porém, como o desejo *funciona em agenciamento* (ROLNIK, 2007), o coral de libras da escola e Marcelo, professor de percussão, passaram também a compor “o mundo” que produzimos com as crianças e adolescentes do Programa de Educação em Tempo Integral. Marcelo trouxe materiais inusitados (teclados, mangueiras...) e, junto com um grupo de crianças, produziu os sons e um *rap* para a história e o coral de libras apresentou uma música no final.

Essa conversa apresenta os encadeamentos da pesquisa, das percepções durante as oficinas, do que nós íamos aprendendo e que também desconstruía nossas certezas. Meandros imprevisíveis que nos levaram a produzir mais encontros. Nossos desejos iniciais de pesquisa foram agenciando outros desejos, outros encontros, outros saberes e fazeres.

Rolnik (2007, p. 23) destaca que o trabalho do cartógrafo é

[...] dar língua para os afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.

Nesse sentido, o mergulho, nas intensidades dos encontros da escola e nas atividades diárias, possibilitava compreender os movimentos das redes cotidianas e nelas adentrar puxando novos fios, tecendo novas tramas a partir dos bonecos com aqueles fios já existentes.

O nosso desejo de pesquisa buscava conexões, agenciamentos com os praticantes do cotidiano e com nossos intercessores bonecos. Rolnik (2007) apresenta o desejo em três movimentos: a atração ou repulsa provocada pelos encontros dos corpos na mistura de afetos no primeiro movimento; as intensidades do segundo movimento que fazem esses corpos vibrarem e se expressarem por meio de máscaras num processo de simulação que se torna real enquanto funciona como condutor de afetos; o terceiro movimento ocorre quando esses processos de vibração e expressão geram o *território existencial* captável a olho nu. Desse modo, o desejo consiste desses movimentos de afetos gerados no encontro de corpos que originam encantamento ou desencantamento, produzindo e desmanchando mundos:

territorialização e desterritorialização. Por isso, *o desejo só funciona em agenciamento* e surge dos agenciamentos dos corpos vibráteis.

Nos encontros na escola, seja nas atividades diárias, seja nos movimentos de pesquisa, intensidades foram produzidas nas trocas, nos aprendizados, na mistura dos corpos que afetavam e se deixavam afetar. Daí importa

[...] o quanto cada um se deixa roçar pelo mundo; o quanto se abre para os encontros, afetando e se deixando afetar [...] o quanto cada uma se permite falar por afeto, ou seja, habitar o espaço, buscando matéria de expressão para afetar e expandir suas intensidades [...]. O que importa é que esteja sendo possível fazer passar os afetos. E, para isso, cada um só pode usar, é óbvio, aquilo que estiver ao seu alcance, misturando tudo a que tiver direito (ROLNIK, 2007, p. 47).

As cartografias vão se desenhando ao mesmo tempo (e indissociavelmente) em que os territórios vão tomando corpo: um não existe sem o outro (ROLNIK, 2007, p. 46).

A autora destaca que o desejo traça três linhas abstratas: a primeira é a dos afetos, invisível e inconsciente; fluxo que nasce entre corpos com variações de intensidades. Os afetos traçam linhas de fuga, expandem-se, desencadeiam processos. A segunda linha é a da simulação e percorre um traçado inconsciente e ilimitado, num vaivém entre a visível e inconsciente produção de afetos compondo o movimento de territorialização e outro da visível e consciente produção de territórios compondo o movimento de desterritorialização. A terceira linha é *finita, visível e consciente da organização dos territórios*. Sua finitude deve-se também à finitude dos territórios e da funcionalidade de suas cartografias. Como os afetos escapam aos territórios, isso lhes decreta o fim.

Na formação do desejo, as três linhas estão presentes. Elas encontram-se emaranhadas. É possível estarmos em uma delas territorializados e, de repente, em outra, desterritorializados. Vamos também a todo tempo movidos por movimentos de repulsa ou atração nos encontros de corpos, outros e os mesmos que se tornaram outros.

Muitas vezes são consideradas apenas duas: a do fluxo e a apreensível pelo olho. Linhas moleculares e linhas molares que se entrecruzam. Moleculares, inconscientes, invisíveis, desestabilizadoras, nômades. Molares, conscientes,

visíveis, limitadas. Nesse encontro, é na segunda linha, da simulação, que é formado o território da terceira delas. A autora ressalta que

Os homens estão expostos a viver essas três linhas, em todas as suas dimensões. É através delas que eles se expressam, se orientam. É em seu exercício que se compõem seus territórios, com seus modos de subjetivação, seus objetos e saberes (ROLNIK, 2007, p. 53).

Vivíamos as intensidades das oficinas, mas também os momentos de parar a produção porque era preciso revisar conteúdo para a prova. Os tempos, os usos dos espaços e materiais também nos regulavam.

Nas nossas tentativas percebíamos que, ao mesmo tempo em que sorvíamos as experiências, nos inquietávamos com os prazos, a data da Mostra Cultural que estava chegando, a necessidade de mais ensaios... Nesse “misturar”, é que percebemos que

[...] as coisas, as pessoas, são compostas de linhas muito diversas, e que não sabem necessariamente em que linha estão, nem onde fazer passar a linha que estão em vias de traçar: numa palavra, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga, etc. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 21).

Trançando nossos caminhos de pesquisa com os fios de nosso desejo agenciados nos encontros entre a escola e os bonecos, percorremos essas linhas. Entre movimentos de repulsa e atração, ensaiamos gestos, jeitos, fomos fazendo descobertas, ocupando territórios, mas também os desterritorializando com outros movimentos que surgiam. O fio era o desejo e o desejo era o fio... Ele nos moveu na tessitura dos territórios, na composição das cartografias da pesquisa.

A partir de Espinosa, Chauí (2011, p. 46) apresenta desejo como

[...] apetite de que temos consciência, é a essência atual de um homem. O desejo é, pois, *conatus*, movimento infinitesimal de autoconservação na existência. É o poder para existir e persistir na existência. É a pulsação de nosso ser entre os seres que nos afetam e são por nós afetados.

É nesse “persistir na existência”, na busca pelos bons encontros, que nos movimentamos nas oficinas de produção e de manipulação de bonecos e

mergulhamos nas intensidades dos cotidianos das escolas, das suas atividades com seus praticantes e do seu espaço físico.

Na busca por esse mergulho nos cotidianos dessa escola, nos momentos iniciais percebemos que a participação em suas atividades e projetos das turmas e as conversas na sala dos professores<sup>13</sup> sobre assuntos variados nos aproximaram mais dos profissionais que, antes receosos, já demonstravam estar mais à vontade com nossa presença. Foram aparecendo convites para as comemorações e eventos que promoviam: aniversários de colegas, almoços fora da escola, festas na escola. Nesse sentido, essa sala, em especial, foi muito importante para compreender as redes de *saberesfazeres* desses praticantes.

Ela funciona, muitas vezes, como uma fábrica de produção de materiais, de planejamentos, de festas, de amizades, de afetos, de solidariedade.

É o *espaçotempo* da curiosidade, de contar histórias, de trocar experiências, de irritar-se também com comentários que não concordamos. Para acompanhar, logo no início da manhã, as notícias do jornal local ou o casamento do Príncipe Willian: comentários sobre a cerimônia... “*Não toca o sinal agora, não!*” Foi o pedido à coordenadora até que víssemos o vestido da noiva.

---

<sup>13</sup>A sala dos professores é o *espaçotempo* dos encontros. Encontros para o lanche; para os planejamentos coletivos rápidos, quando um lembra ao outro o projeto que precisam desenvolver; para os planejamentos individuais que se tornam coletivos pelo entra e sai de pessoas, das crianças que pedem gelo para colocar em algum ferimento (algumas vezes inventam dores só para chupar gelo); para as crianças do Tempo Integral que buscam brinquedos numa grande caixa que ficava ali; para o almoço de quem optou por fazê-lo na escola (as opções são a outra escola ou um restaurante); para a leitura e comentários do jornal; para ver TV, como foi durante a abertura dos jogos da Copa do Mundo; para os pesquisadores que chegam para conhecer a escola; para ver as revistas de produtos de beleza que ficavam sobre a mesa; para mostrar uma fantasia trazida da escola de outro turno de trabalho que será utilizada numa apresentação; para acertar detalhes da roupa ou da maquiagem de alunos que farão algum teatro/dramatização. Os movimentos ali não cessavam...

Foto 31 – A sala dos professores



Mas também espaço de fazer oração para o aniversário de um amigo, ou para chorar, como foi com a morte de Lorena, professora de Ciências que acompanhou uma turma em visita a uma lagoa numa reserva ambiental e, ao tentar ajudar uma menina e sua colega professora que se afogavam, foi ela quem morreu afogada. O silêncio ocupou aquela sala e a todos nós...

Rolnik (2007, p.65, grifo da autora), ao tratar do cartógrafo e suas apropriações da pesquisa, destaca que

[...] pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha [...]. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matérias de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. *Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas.*

A autora prossegue com “os equipamentos” do cartógrafo: *um roteiro, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações*. Esse roteiro passa por definições constantes. Em suas buscas por novos mundos, o caráter revela o quanto sua prática é política e relacionada com a micropolítica que tem a ver com *poder em sua dimensão de técnicas de subjetivação*. “Micro”política não se refere a “pequeno”. Relaciona-se com a sua natureza e não com o seu grau. Nesse sentido, é política oriunda do plano na primeira linha, que é a cartografia. Não há determinações; há intensidades, afetos gerados pelos agenciamentos que o corpo faz.

E o fio? Inicialmente puxamos um e acreditávamos que seguiríamos nele, mas nos juntamos a outros que teceram outras tramas para compor o tecido que pretendemos neste texto.

Na EMEF TAN, fomos também nos descobrindo nos desenhos da cartografia, na geografia dos afetos e, nesse trançar e destrançar de fios, mergulhamos nas intensidades dos cotidianos. Percorremos meandros imprevisíveis, alteramos e reelaboramos rotas, criamos novos percursos... e o fio era o desejo, e o desejo era o fio que foi se enlaçando a outros e outros fios de desejo.

#### 4- OS BONECOS NAS ARTES E MANHAS DE BRINCAR



Foto 62 – Mosaico produzido pelas crianças do 2º ano com a professora de Arte, Geruza

#### **MINHA INFÂNCIA**

*Quando eu era criança, morava em uma fazenda linda onde meu pai trabalhava. Lá tinha lugares lindos e mágicos para brincar, lugares onde hoje muitas crianças não conhecem nem na imaginação. Foi lá que passei minha infância, inventando e descobrindo brincadeiras novas a cada dia. Lembro-me, como se fosse hoje, das brincadeiras com meus seis irmãos. As brincadeiras eram bastante divertidas. Além de esconde-esconde, pique-bandeira, passa anel, amarelinha, tinha as mais divertidas como, por exemplo, subir em árvores. E uma que eu gostava muito era fazer panelinhas e bonecos de barro à beira da lagoa. Os carrinhos feitos de latas, com rodinhas de borracha de havaianas velhas também eram um sonho. Fazer os próprios brinquedos já era uma grande brincadeira, imagine quando ficavam prontos! Era uma grande alegria... Brinquedos comprados, só lembro de um, uma boneca que meu pai me deu já faz uns 30 anos, que guardei até hoje, uma lembrança do meu pai e da minha memória. E quando guardamos tudo isso dentro de nós, somos eternamente crianças, e até hoje gosto muito de coisas relacionadas à criança, de brinquedos a filmes etc. Aqui está um pouquinho da minha infância, ficaria dias escrevendo se fosse contar tudo (LÚCIA, mãe de Davi).*

Os bonecos ampliaram os nossos encontros no TAN: estivemos envolvida nos projetos das turmas no ano de 2010 e, como disse uma das professoras: “Os bonecos invadiram a escola!”. Eram bonecos nas histórias de amor das sextas séries, no reaproveitamento de papéis das turmas de 1ª série, na história de São Pedro da 3ª série, no material reciclado da quarta série e na história criada com as crianças que participavam do Programa de Educação em Tempo Integral e faziam parte de diferentes turmas. O Roberto foi ganhando novos “primos” e, em diferentes *espaçotempos*, esses novos personagens foram compondo as histórias da escola.

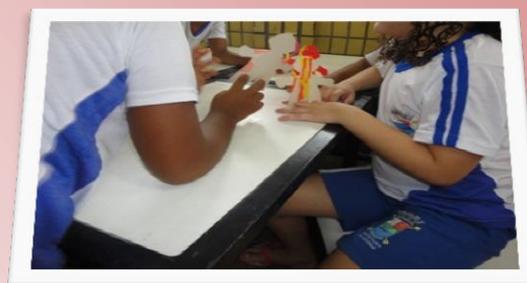
A continuidade no ano seguinte foi um desejo inevitável. Algumas professoras pediam que fizéssemos também nas turmas das quais não participamos, e as crianças também queriam fazer novos bonecos:

–*Eu quero fazer um boneco pra ele fazer companhia pro outro que eu já tenho* (JOYCE).

No entanto, a surpresa veio de uma maneira diferente no ano seguinte: retornamos de um período de licença para estudo e, pelas relações de afeto com a escola e por sugestão de nossa orientadora, escolhemos, como posto de trabalho, a EMEF Tancredo de Almeida Neves. Assumimos uma turma do 2º ano do ensino fundamental. Ouvimos, na escola, que essa escolha não foi nenhuma novidade porque já éramos chamada de *professora da escola*.

Com a responsabilidade de assumir uma turma em todas as manhãs já não dava para trabalhar com muitas oficinas, então aproveitamos a oportunidade para que nossa sala de aula se tornasse também um *espaçotempo* de diálogos com os bonecos. Passamos a considerar nossa sala de aula como uma continuidade da pesquisa. Tínhamos a intenção de levar bonecos e de viver a experiência das oficinas de confecção e de manipulação. Tivemos uma primeira experiência com esse grupo e as crianças entre conversas sobre amor, doenças, dinheiro, religião... e dos conhecimentos que tinham sobre esses assuntos foram nos apresentando outro uso dos bonecos: brincar.

Foto 63 – Histórias durante uma oficina



*\_Coloca cabelo, senão vão pensar que ela tem câncer – disse Jhenifer a outra colega.*

*\_O que é câncer? – perguntamos.*

*\_É uma doença – e continuou a fazer sua boneca.*

*“Você é meu amor, meteoro da paixão...” Cantava um grupo de crianças.*

*\_Você não sabe o que é amor – disse Jéssica a um dos meninos que cantava.*

*\_E o que é amor? – perguntamos.*

*\_É namorar – respondeu Lucas e terminou numa gargalhada.*



*Andreia e Alice brincam de pique.*

*\_Tá com você –Andreia sai com sua boneca correndo sobre a mesa.*

*Uma boneca “boia” a outra.*

*\_Vocês estão brincando? De quê?*

*\_Pique-boia.*

*\_E como é que brinca de pique-boia?*

*\_Tem que correr e boiar– fala Alice.*

*Com as bonecas entre seus dedos, as meninas fazem-nas correr sobre as mesas.*

*Os bonecos transformaram-se nas mãos das crianças. Um deles foi gerente, depois virou palhaço. Lãs foram usadas para compor cabelos e depois serviram para enfeites. As crianças disseram que a lã dourada era ouro.*

E foi brincando com os bonecos que textos orais e corporais surgiram. As crianças movimentavam-se na sala, conversavam muito e iam produzindo os bonecos entre as suas falas. Elas compartilhavam materiais e davam sugestões para a construção dos bonecos dos colegas. O movimento era coletivo. Os bonecos representavam diferentes papéis e elas se divertiam com isso. Brincavam. Começamos no início da manhã, e a brincadeira durou até a hora do recreio. Após o recreio, continuaram brincando e foram nos mostrando, além da possibilidade do boneco como brinquedo, também da sua permanência na sala numa convivência amistosa com os cadernos e as atividades sistematizadas.

Foto 64 – Entre bonecos e cadernos



Esses movimentos das crianças nos encantavam: as maneiras como brincavam e como diferentes materiais em suas mãos se tornavam brinquedos. Os bonecos também foram logo envolvidos em suas brincadeiras. Para Espinosa (2008), os bons encontros aumentam a potência de agir e, nesse sentido, esses movimentos aumentavam as possibilidades de bons encontros a partir do que as crianças propunham. Com os bonecos, elas brincavam, atribuindo-lhes seus nomes, de parentes ou de colegas. Fomos aprendendo com elas como aproveitavam todas as situações para brincar e inventavam as maneiras mais inusitadas de transformar as atividades do dia a dia em brincadeiras.

Mas não estivemos sozinha com a nossa turma. No TAN, as professoras das séries

iniciais trabalhavam juntas na realização dos projetos. Trabalhamos junto com a professora Renata da 2ª série.<sup>1</sup> No ano anterior, foram suas crianças que chamaram o Roberto de *ser fantástico*, e ela continuou com a mesma turma em 2011. Desde o ano anterior, já havíamos estreitado laços de amizade e isso contribuiu para o trabalho que tínhamos para desenvolver.

Acreditamos que também em razão de nossa amizade, começamos a “misturar” nossas crianças produzindo bons encontros. Nossas filas para a entrada nas salas eram próximas e passamos a conversar com e sobre as crianças umas das outras nesse momento. Compartilhávamos atividades e assistíamos a filmes juntos. Trocávamos bilhetes com ideias de planejamentos que eram levados pelas crianças de uma sala a outra. Um dia em que as turmas estavam organizadas na quadra 1, a nossa turma foi chamada primeiro para participar de uma atividade na quadra 2 e a turma de Renata foi seguindo também. A coordenadora logo lembrou que só uma turma fora chamada e Henzell, para explicar o que estava acontecendo, gritou movimentando as mãos no alto apontando para todos: “*Estamos juntos!*”

E foi assim, *juntos*, que passamos a desenvolver os projetos de nossas turmas. A temática para o ano de 2012 foi “*Quem ama TANbém cuida*”, escolhida entre outras com a votação de todas as turmas. Precisávamos, assim como as outras turmas, definir nossa proposta de trabalho. E foi observando os movimentos das crianças que percebemos como o brincar estava na urgência de suas ações. Foi assim que surgiu o projeto: “*Brincadeira é coisa de criança!*”. A justificativa dessa ação foi apresentada no projeto que apresentamos:<sup>2</sup>

[...] Nossos alunos e alunas vêm de experiências no Centro de Educação Infantil com tempo, espaços e recursos que possibilitam a realização de sua atividade mais séria e importante: brincar!

No entanto, reconhecemos que, apesar do oferecimento das condições, é necessário que os profissionais também estejam atentos a essa especificidade da infância. Entendemos também que é necessário que se ofereçam às crianças oportunidades de ampliar

---

<sup>1</sup>Havia nomenclaturas diferentes na escola. A nossa turma foi a primeira a entrar na escola a partir da denominação de “ano”. As demais continuavam sendo chamadas de “série”. Nesse caso, a turma de Renata era composta por crianças que tinham, em média, um ano a mais de idade que as da nossa turma.

<sup>2</sup> Após a escolha da temática geral, as turmas tinham de decidir por um projeto de trabalho e apresentá-lo por escrito, com a justificativa, objetivos, descrição de atividades e os materiais necessários para a sua execução.

seu repertório, no caso, de oportunizar o conhecimento de maneiras diferentes de brincar, bem como de conhecer o passado e dialogar com suas experiências no presente.

Por isso nos desafiamos a mergulhar no mundo das brincadeiras buscando seguir as lógicas infantis nos desejos de constituir na escola *espaçotempos* que promovam as brincadeiras dentro e fora da sala de aula e da escola.

Como disparadores das nossas intenções trazemos as brincadeiras chamadas de 'antigas' e as cantigas de roda junto às formas de brincar 'atuais' para discutir as temáticas junto com as crianças, os seus familiares, os profissionais da escola e tantos outros que desejarem dialogar conosco.

Nosso desejo, além de apresentar os trabalhos das crianças, é discutir os usos dos brinquedos e das brincadeiras no ensino fundamental como ferramenta indispensável ao desenvolvimento das crianças, principalmente as que estudam nos anos iniciais.

Como já apontamos, faremos das memórias de brinquedos e brincadeiras uma ponte entre o passado e o presente para trazer essa temática de estudo e, nesse sentido, discutir e apresentar possibilidades para a constituição dos currículos dos anos iniciais do ensino fundamental, enfatizando que 'Brincadeira é coisa de criança!'

*DULCIMAR PEREIRA – profª do 2º ano*

*RENATA NOBRE AIRES – profª da 2ª série.*

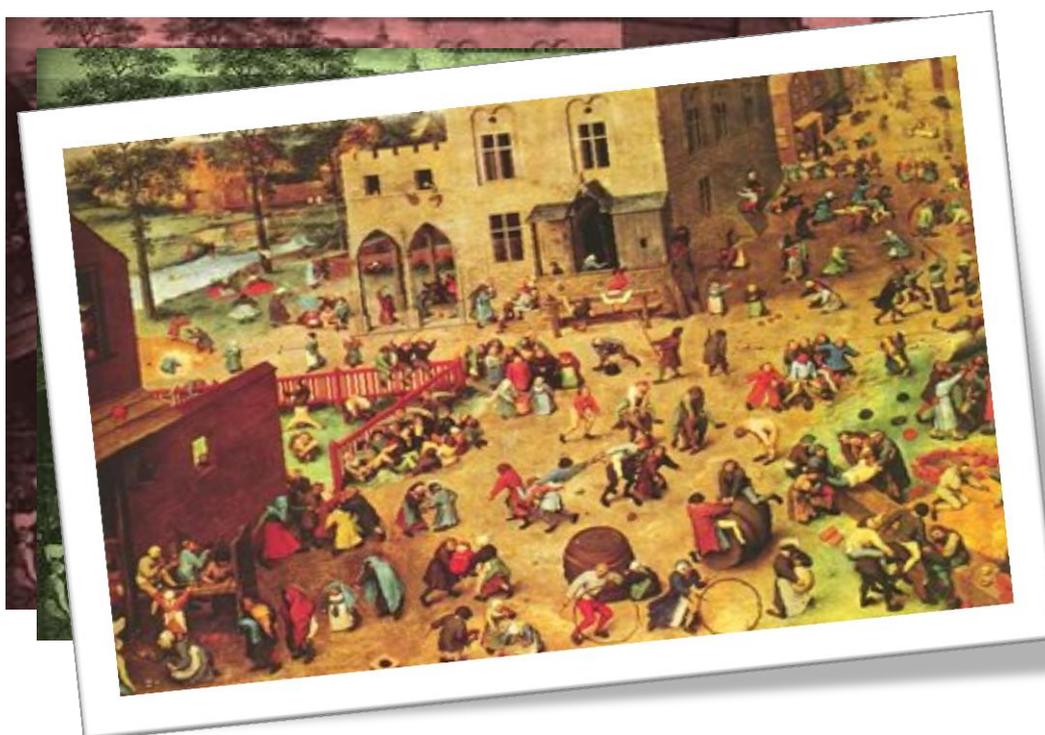
Esse projeto orientou nossas ações durante o ano e foi alterado, revisto, retomado, reelaborado a cada novo movimento. Nossas turmas já estavam envolvidas e não foi difícil o desenvolvimento das ações com todas as crianças. Elas sempre nos surpreendiam tanto nas sugestões e perguntas que faziam como nos modos como iam realizando cada atividade e cuidando para que ninguém ficasse de fora. Havia um cuidado entre elas expresso na troca de materiais, na lembrança de quem faltou à aula e na organização da sala. Reuníamos 50 crianças numa sala de aula e nunca tivemos qualquer problema de indisciplina. Elas foram se envolvendo e compondo o projeto com as suas ideias.

Fomos buscando histórias, músicas e atividades relacionadas com a temática para que pudéssemos apresentar às crianças e realizar as ações com elas. Renata conseguiu um livro com a pedagoga da escola onde trabalhava à tarde, "A menina do anel", de Bia Bedran e contou para nós. A menina da história passava por diferentes fases, mas as lembranças da infância e de seus brinquedos sempre a

acompanharam. Na história, ela fazia bonecos e brincava depois com sua filha. A partir dessa história, fomos buscando dialogar com as crianças sobre as relações entre as suas infâncias e as dos adultos que também foram crianças.

Histórias e músicas foram compondo nossos encontros e buscamos dialogar com imagens. Desse modo, apresentamos às crianças um quadro de Pieter Bruegel, *jogos infantis*, do século XVII. Planejamos, para essa apresentação, uma rápida conversa, mas as crianças nos sugeriram outros caminhos a partir de suas perguntas e considerações. Mergulhamos na conversa, e Renata começou a registrar esse movimento. Dessa conversa surgiu o relatório a seguir que conta como foi esse encontro:

Foto 65 – Jogos Infantis, Pieter Bruegel



*[...] A apresentação inicial da imagem foi uma mistura de curiosidade, alvoroço e perguntas que invadiu a sala de aula e coloriu o início de nossa manhã. A gravura foi apresentada através de um retroprojektor que tomou o quadro onde até então só*

*passeavam letras e cartazes. Após projetarmos a imagem e falarmos um pouco sobre o autor e o ano da produção da obra, uma criança perguntou:*

*– São adultos?*

*E outro continuou:*

*– São escravos!*

*– Por que vocês acham que são escravos? – perguntamos.*

*E, para nossa surpresa, uma criança disse que era porque estavam carregando muitas coisas. E as perguntas não pararam por aí...*

*Uma criança afirmou que eles estavam usando muita roupa.*

*Perguntamos qual seria o motivo para o uso de tantas roupas, e as respostas foram variadas. Comentaram sobre os panos que as mulheres usavam na cabeça e que isso não é comum em nossa cultura. Depois de muita conversa, as crianças disseram que deveria estar fazendo muito frio naquele dia, o que explicava o uso daquelas roupas.*

*E a conversa continuou com uma criança perguntando:*

*– Eles estão brigando?*

*– Por que você acha que eles estão brigando?*

*Com propriedade, a criança afirmou:*

*– Porque estão juntos!*

*– E vocês acham que as pessoas ficam juntas só para brigar?*

*E em unanimidade responderam:*

*– Não.*

*Sem demorar muito, um pediu a palavra dizendo:*

– *Ficam juntas para ajudar, dar carinho, cuidar, conversar, brincar.*

*E quando achamos que sairia algum comentário sobre brincadeira, uma criança quis saber:*

– *Por que eles estão jogados pela rua? Por que não se juntam e fazem uma roda?*

*Outra completa:*

– *Eles deveriam ter casas também.*

*Uma criança, surpresa e afoita, levanta o dedo e grita:*

– *Ah! Tia! Eu já entendi o que é isso! Eu acho que eles estão brincando de circo, porque tem bicicleta, barril.*

– *E quando faz coisa de circo é briga?*

*A criança sorrindo responde:*

– *Não. É uma palhaçada para fazer as crianças rirem.*

*Outra querendo ouvir de nós o motivo da gravura afirma:*

– *Tia, você e a Tia Renata já sabem o que é isso e vocês querem que a gente adivinhe.*

*Logo, a mesma criança afirma que está parecendo capoeira. E outra, fazendo gestos de jogar coisas para cima, diz:*

– *Parece um negócio assim... Ah! Tem umas mulheres fazendo uma dança assim [faz os gestos]. Parece dança da Bahia.*

– *Ah! Parece uma festa!*

*E outra completa em tom de descoberta do “mistério”:*É Carnaval!

*Como, nessas conversas, ninguém quer ficar de fora, uma criança aproveita todas as ideias e fala:*

– *Uns estão de circo, outros de escravo, outros de capoeira, outros de baiana.*

– *É uma festa, só que cada um tem um brinquedo— completa outra criança.*

*Depois dessa fala, elas começam a compreender o objetivo daquela gravura. E uma delas afirma:*

– *Como, naquela época, não tinha brinquedos, então eles aproveitavam materiais para brincar, como o barril, o tomate para fazer malabarismo.*

*E continuando a conversa, outra criança observa que, no barril, tem duas crianças sentadas e que, segundo ela, estão brincando de cavalo. Outro afirma que na gravura existe um tanque de areia e que as crianças estão brincando.*

*Essa experiência foi muito prazerosa e nos chamou a atenção pelo fato de as crianças conseguirem tirar suas próprias conclusões e tornarem mais significativa esta tarefa (RENATA AIRES, 2011).*

Depois, as crianças perguntaram sobre o autor, se teve filhos e se havia pintado outros quadros. Fizemos uma pesquisa no laboratório de informática e elas se divertiram nessa busca. Nesse início, percebemos que outras conversas viriam e que a participação delas seria cada vez mais importante.

As crianças nos apontaram que as imprevisibilidades marcariam os nossos encontros. Quais seriam os outros entrelaçamentos possíveis? Quais outras tramas seriam compostas a partir dos nossos fios de desejo que entrelaçávamos aos delas?

#### 4.1 OS CAMINHOS DO BRINCAR NAS HISTÓRIAS DO PASSADO E DO PRESENTE<sup>3</sup>

*Tenho um livro sobre águas e meninos.  
 Gostei mais de um menino  
 Que carregava água na peneira.  
 A mãe disse  
 Que carregar água na peneira  
 Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos  
 A mãe disse que era o mesmo que  
 Catar espinhos na água  
 O mesmo que criar peixes no bolso  
 O menino era ligado em despropósitos.  
 Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos  
 A mãe reparou que o menino  
 Gostava mais do vazio  
 do que do cheio.  
 Falava que os vazios são maiores  
 E até infinitos.  
 Com o tempo aquele menino  
 Que era cismado e esquisito  
 Porque gostava de carregar água na peneira  
 Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira  
 No escrever o menino viu  
 que era capaz de ser  
 noviça, monge ou mendigo  
 ao mesmo tempo.  
 O menino aprendeu a usar as palavras.  
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
 E começou a fazer peraltagens.  
 Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro  
 Botando ponto no final da frase.  
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
 O menino fazia prodígios.  
 Até fez uma pedra dar flor!  
 A mãe reparava o menino com ternura.  
 A mãe falou:  
 Meu filho você vai ser poeta  
 Você vai carregar água na peneira a vida toda  
 Você vai encher  
 os vazios com as suas  
 Peraltagens  
 E algumas pessoas  
 Vão te amar por seus  
 Despropósitos (MANOEL DE BARROS, 1999).*

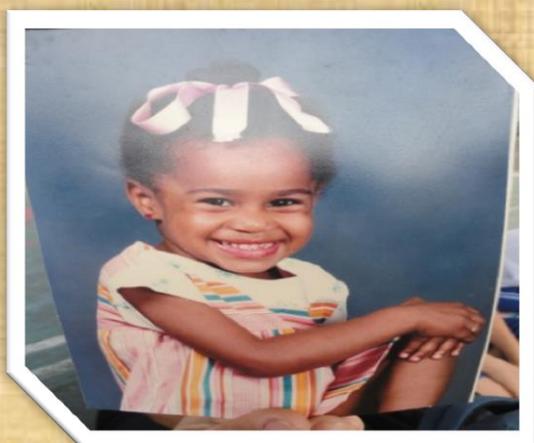


<sup>3</sup>Os desenhos desta página são de crianças da nossa turma e da turma de Renata, no ano de 2011.

Entramos no fluxo das *peraltagens* e dos *despropósitos* das crianças com as histórias de seus brinquedos e brincadeiras, convidando também seus responsáveis e profissionais da escola para compartilharem conosco as suas experiências de brincar na infância.

Renata ia fazendo os agendamentos num caderno que separamos para esse fim. Cada pessoa que nos contava sobre a sua brincadeira preferida também brincava conosco. E, assim, começamos uma ciranda de histórias...

Foto 66 – Aprendendo e ensinando brincadeiras



A profª Terezinha apresentou a brincadeira de elástico e também levou sua foto de quando era criança.



As crianças e ela compartilharam modos de cantar diferentes para essa brincadeira.



Com a cozinheira Marlene brincamos de boca de forno e as crianças compartilharam também outros modos de cantar essa brincadeira.



Patrícia, auxiliar administrativo, brincou de pique-esconde e contou como gostava dessa brincadeira quando era criança. Outros piques foram sugeridos pelas crianças que explicavam as maneiras de brincá-los.

Nossas aulas já não eram mais as mesmas, nós também não. Em alguns dias, a tarefa de entrevistar, brincar e fazer brinquedos levava toda a manhã. Os cadernos não eram abertos e vivíamos num tempo que não era contado pelos ponteiros do relógio. Era muito divertido ouvir essas histórias e as crianças cruzarem tempos e espaços diferentes com suas experiências e a dos adultos. Num desses dias, enquanto preparávamos a massa de papel machê para fazer bonecos, Gabriel perguntou a Renata:

*–Tia, já teve o recreio? A gente já lanchou?*

Ainda não havia passado o recreio, mas ficamos tão absorvidos que não nos preocupamos com o relógio. Vivíamos o tempo da experiência que não podia ser contado, medido. Eram intensidades vibrando nos encontros da sala de aula. As crianças faziam brinquedos, bonecos, escreviam sobre essas ações, mas também participavam da organização da sala, principalmente quando tínhamos convidados. Forravam lençóis no chão e ali nos assentávamos para ouvir as histórias.

Foto 67 – As crianças organizam a sala para receber convidados



Enviamos uma pesquisa e muitos responsáveis nos retornaram com as suas experiências na infância. Compartilhamos com as crianças todas as respostas que foram enviadas. Muitas delas eram acrescidas dos comentários dos filhos com alguma história que foi contada pelo pai ou pela mãe. As perguntas direcionavam as brincadeiras, brinquedos e canções que fizeram parte de suas infâncias. Perguntamos também se sabiam fazer algum brinquedo. Aproveitamos as respostas e novos professores surgiram nessa ciranda...

Foto 68 – Entrevista com familiares das crianças

 <p>EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES</p> <p><u>ENTREVISTA</u></p> <p>VAMOS NOS PREPARAR PARA FAZER UMA ENTREVISTA COM UM ADULTO DE SUA FAMÍLIA. VOCÊ É O ENTREVISTADOR OU ENTREVISTADORA.</p> <p>FAÇA AS PERGUNTAS E SE PREFERIR, A PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU RESPONDE AS PERGUNTAS ESCRREVENDO AS RESPOSTAS ABAIXO OU ENTÃO VOCÊ MESMO ESCRVE.</p> <p>ENTREVISTADOR (A): <u>IZAQUE</u></p> <p>ENTREVISTADO (A): <u>BETH</u></p> <p>PERGUNTAS:</p> <p>QUAL É O SEU NOME? O QUE VOCÊ É DO (A) ENTREVISTADOR (A)? <u>BETH MÃE</u></p> <p>O QUE GOSTA DE FAZER NAS HORAS VAGAS? <u>PASSEAR COM OS FILHOS</u></p> <p>DO QUE VOCÊ SENTE SAUDADE DE SUA INFÂNCIA? <u>DE ESTUDAR</u></p> <p>QUE MÚSICA VOCÊ COSTUMAVA CANTAR QUANDO ERA CRIANÇA? <u>MUSICA DE RODA</u></p> <p>DE QUE BRINCADEIRAS VOCÊ COSTUMAVA PARTICIPAR? <u>PULA CORDA</u></p> <p>VOCÊ TINHA BRINQUEDO QUANDO ERA CRIANÇA? SE A RESPOSTA FOR SIM, QUAIS ERAM ESSES BRINQUEDOS? SE A RESPOSTA FOR NÃO, CONTE COMO VOCÊ BRINCAVA. <u>SIM BONECA</u></p> <p>QUE HISTÓRIAS COSTUMAVA OUVIR? <u>BRANCA DE NEVE</u></p> <p>VOCÊ GOSTAVA DE CANTAR? QUE CANTIGA? <u>A TIREI O PAU NO GATO</u></p> <p>VOCÊ SABE FAZER ALGUM BRINQUEDO? QUAL? <u>NENHU</u></p> <p>PROJETO QUEM AMA TAN BEM CUIDA 2º ANO E 2ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>	 <p>EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES</p> <p><u>ENTREVISTA</u></p> <p>VAMOS NOS PREPARAR PARA FAZER UMA ENTREVISTA COM UM ADULTO DE SUA FAMÍLIA. VOCÊ É O ENTREVISTADOR OU ENTREVISTADORA.</p> <p>FAÇA AS PERGUNTAS E SE PREFERIR, A PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU RESPONDE AS PERGUNTAS ESCRREVENDO AS RESPOSTAS ABAIXO OU ENTÃO VOCÊ MESMO ESCRVE.</p> <p>ENTREVISTADOR (A): <u>TULIO (EZE)</u></p> <p>ENTREVISTADO (A): <u>MARINALVA</u></p> <p>PERGUNTAS:</p> <p>QUAL É O SEU NOME? O QUE VOCÊ É DO (A) ENTREVISTADOR (A)? <u>MARINALVA MÃE</u></p> <p>O QUE GOSTA DE FAZER NAS HORAS VAGAS? <u>ACEBITAR TELEVISÃO</u></p> <p>DO QUE VOCÊ SENTE SAUDADE DE SUA INFÂNCIA? <u>A BRINCADEIRA</u></p> <p>QUE MÚSICA VOCÊ COSTUMAVA CANTAR QUANDO ERA CRIANÇA? <u>MEU CAROZINHO XIPO</u></p> <p>DE QUE BRINCADEIRAS VOCÊ COSTUMAVA PARTICIPAR? <u>PULA CORDA, AMARELINHA</u></p> <p>VOCÊ TINHA BRINQUEDO QUANDO ERA CRIANÇA? SE A RESPOSTA FOR SIM, QUAIS ERAM ESSES BRINQUEDOS? SE A RESPOSTA FOR NÃO, CONTE COMO VOCÊ BRINCAVA. <u>NÃO BRINCAVA COM O GUE AS OPORTUNIDADES PERMITIAM</u></p> <p>QUE HISTÓRIAS COSTUMAVA OUVIR? <u>CHAVEZINHO VERMELHO</u></p> <p>VOCÊ GOSTAVA DE CANTAR? QUE CANTIGA? <u>SIM HOJE É DOMINGO DE DE CACHUMBORA</u></p> <p>VOCÊ SABE FAZER ALGUM BRINQUEDO? QUAL? <u>SIM, BARQUINHO DE PAPEL</u></p> <p>PROJETO QUEM AMA TAN BEM CUIDA 2º ANO E 2ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>
--	---

Foto 69 – Aprendendo e ensinando a fazer móveis com caixas de fósforos



Ester, mãe de Jheniffer, respondeu que sabia fazer móveis com caixas de fósforos.



Tivemos outra professora naquela manhã. E ela ensinou a fazer uma poltrona.



Terezinha estava conosco e disse que sabia fazer uma cômoda.



As crianças disseram que sabiam também, e logo surgiram cama, televisão, mesa, sofá...

Todos assentados e atentos para a aula. A mãe da Jhenifer foi a professora logo no início da manhã. Como havíamos enviado uma entrevista para casa, perguntando se os responsáveis sabiam fazer algum brinquedo, ela disse que sabia fazer móveis de caixa de fósforos:

*Como a tia Dulci falou, eu sou a mãe da Jhenifer, vocês já conhecem ela. Eu nasci no Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu, e depois fui morar em Juiz de Fora. No meu tempo de criança... hoje vocês têm brinquedo, na minha época não.*

*Eu aprendi a fazer brinquedos de caixas de fósforos na escola. Aprendi a fazer de vários modos, mas hoje trouxe o sofá que é mais fácil porque a gente não tem muito tempo [Ester havia levado também a filha de um ano de idade e precisava retornar para casa para cumprir os afazeres domésticos].*

*A gente fazia, ensinava os coleguinhas a fazer. Na minha época, era muito legal. Não sei se vocês vão gostar.*

*A professora sabe fazer [aponta para Terezinha], e a gente brincava muito. Hoje em dia as crianças nem querem mais saber de brincar. Tá a informática aí, e a maioria quer saber mais é de computador. Na nossa época, não tinha computador, então a gente brincava com o que tinha e era muito bacana. Espero que vocês gostem. Vou ensinar vocês a fazer. E se quiserem depois fazer em casa...*

Ester foi juntando as caixas com cola sob os olhares atentos das crianças. Ao seu lado, as suas duas filhas. Até que o sofá ficou pronto...

*Tem que deixar secando pra não soltar e depois vocês podem estar decorando ele. Pode colar revista ou paninho...*

– *Pode pintar com tinta também, né?* – perguntou uma criança.

*Pode fazer como vocês quiserem, vai depender da criatividade de vocês* – respondeu Ester.

Kethlyn disse que sabia fazer caminha.

*Você sabe fazer caminha? Quer ensinar pra gente?*– perguntou Ester. *Pode?* Ela olhou para nós.

Os colegas ficaram atentos. Acomodaram-se para ver melhor.

*É só pegar quatro caixinhas e colar uma na outra*– explicou Kethlyn.

Aqui e ali os movimentos indicavam a presença de professores da arte de brincar. Cada um, a seu modo, ensinou o que sabia, como e com quem aprendeu. Havia um silêncio na sala. Renata sinalizou que estavam quietos. As crianças estavam concentradas fazendo e mostrando como fazer brinquedos com caixas de fósforos. Ester perguntou se o silêncio era sempre assim. Dissemos que não. Mas também nem todas as aulas são assim e nem toda participação das crianças era assim. Fazer brinquedos e conversar sobre eles foi se tornando importante para elas e assim foram mergulhando cada vez mais nessas experiências conosco.

Percebíamos que essa atividade também foi prazerosa para Ester. Só trocávamos poucas palavras nos horários de entrada e saída. Um pequeno sofá feito de caixa de fósforos levado por ela naquela manhã disparou conversas e trocas de experiências. Os modos de ensinar, organizar a sala, sentar, falar, compartilhar... foram sendo

modificados nessa experiência...

Mas outros professores foram surgindo. O pai de Suzana também disse que sabia fazer pipas...

Foto 70 – Aprendendo e ensinando a fazer pipa



Saberes iam sendo compartilhados...

Aprendíamos juntos...

As crianças ficaram entusiasmadas com essa aula! Logo sugestões sobre o melhor vento, nomes e modos de soltar a pipa foram sendo ditas. Elas foram fazendo parte da produção enquanto o pai de Suzana dizia que ele fazia seus brinquedos quando era criança. Com a pipa terminada, fomos para a quadra e fizemos alguns ensaios. Diante de nossa inabilidade, ouvíamos das crianças: “Tia, você não sabe?”. Elas se sentiam bem ensinando, e nós melhores ainda aprendendo com elas...

Sérgio, pai de Suzana, também disse que era morador de São Pedro desde a infância.

*Nessa época, cada mês tinha uma brincadeira diferente. Dezembro era o mês das pipas, outubro de bolinha de gude, janeiro e fevereiro eram as férias e a gente brincava com os três: pipa, pião e bolinha de gude.*

*Quando tinha lata de óleo, a gente fazia carrinho. Abria dos dois lados, fazia desenho tipo carrinho de fórmula 1 e fazia rodinha de borracha de sandália.*

Os brinquedos continuaram sendo feitos e Ana Claudia, também professora de Educação Física, disse que, quando era criança, queria soltar pipa, mas essa era uma brincadeira permitida só para os meninos. Ela encontrou uma maneira de satisfazer seu desejo, ao pedir a um amigo que a ensinasse a fazer uma pipa de folha de caderno. Ela chamava de jereco e, quando vimos, lembramos que também brincamos com ele. Chamávamos de catreco, as crianças chamaram de jeleco, quadrado... nomes diferentes para um mesmo brinquedo que crianças de épocas diferentes curtiram. Na quadra, ouvimos Ana narrar sobre sua infância e fizemos o brinquedo. Alguns fizeram rapidamente e, sem que pedíssemos, foram ajudar a outros colegas. Com os *catrecos, jelecos, jerecos ou quadrados* prontos fomos brincar. As crianças corriam de um lado ao outro na quadra. Duda passou por nós e disse: *“As crianças estão felizes! Todo mundo tá alegre porque a gente fez jerequinho. Tá alegre, com sorriso, não tá brigando”*. Duda e as outras crianças voavam com seus brinquedos... nós também voávamos com elas...

Duda ressaltou um aspecto que também observávamos: não havia briga ou confusão. Tudo era compartilhado. Laços de amizade eram estreitados entre as crianças. Fomos aprendendo nas trocas de experiências, nos saberes e nos materiais compartilhados. A partir de Merçon (2009, p.81), reconhecemos esse movimento como *aprendizado afetivo*, e com ele compreendemos nossas relações no mundo, nossas relações na escola.

Voando com o catreco, conhecemos outro brinquedo com Genildo, professor de Arte de 5ª a 8ª séries. Ele disse que gostava de fazer paraquedas de sacola plástica quando era criança. Para o encontro com as crianças, pediu que juntássemos as sacolas e fez bonecos de arame para pendurar nelas.

A aula começou com uma apresentação no quadro com seu nome e alguns desenhos que logo encantaram as crianças. Após a demonstração inicial, logo as crianças começaram a cortar sacolas, medir linhas, forrar bonecos com durex colorido. Assentadas no chão, nas cadeiras, apoiadas nas mesas, elas iam fazendo seu brinquedo. Algumas solicitavam ajuda, outras não. Foram descobrindo que, para colocar o boneco preso à sacola, era preciso medir e tomar cuidado para não “embolar” a linha. Em tempos diferentes, os paraquedas iam ficando prontos e percebíamos os cuidados das crianças umas com as outras.

Depois dos paraquedas prontos, fomos à quadra para brincar. As crianças e os adolescentes de outras turmas olhavam-nos e pediam para brincar. Professoras perguntavam se havia sobrado algum para levar para seus filhos.

Foto 71 – Aprendendo e ensinando a fazer paraquedas



Os brinquedos foram ocupando outros tempos e espaços da escola. Na nossa ciranda, íamos chamando outros e outros... Risos, corpos que se movimentavam e dançavam... Outros aprendizados: o melhor jeito de jogar o paraquedas ao alto, a velocidade com que caía, o jeito de dobrá-lo... tudo ia sendo compartilhado...

E nessa “*ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*”, a música também esteve entre nossas conversas. Rogério, professor de Geografia, levou seu violão e cantou algumas músicas de sua infância. As crianças logo estavam ao seu redor, e pediam que cantasse músicas de Luan Santana.

No TAN, as salas de aula do térreo eram para as turmas de 5ª a 8ª séries e as do primeiro pavimento para as turmas do 2º ano a 4ª série. Costumamos trabalhar em nossas salas e nos espaços destinados a nossas turmas. Os brinquedos, no entanto, levaram Genildo e Rogério à nossa sala e possibilitaram a eles a experiência de atuar com crianças ao invés dos adolescentes para os quais lecionavam.

Foto 72 – Aprendendo e cantando músicas



Foto 73 – Aprendendo e ensinando a fazer bilboquê



Nesse *cirandar*, recebemos Cleidia, educadora social do Programa de Educação em Tempo Integral na escola. Ela contou da sua infância e mostrou um brinquedo que também fazia com as crianças que participavam do Programa, o bilboquê.

Inicialmente, éramos duas professoras e suas turmas. Nesses encontros, compusemos um grupo bem maior e íamos aprendendo com nossos colegas e as crianças. Compartilhávamos nossas histórias e conhecíamos as histórias dos outros. Todos ensinavam e todos aprendiam.

As conversas sobre os brinquedos e as brincadeiras também eram feitas na sala dos professores. Nem todos os colegas aceitaram nosso convite. Alguns justificaram por falta de tempo ou incompatibilidade de horários, mas o movimento continuou acontecendo. Grace, a bibliotecária, levou álbuns de fotografia e contou sobre histórias de sua infância, de seus tios, primos, irmãos... Quem ia à nossa sala contava depois como foi, o que fez. Isso também envolvia os demais colegas.

Foto 74 – Memórias das infâncias compartilhadas na sala dos professores



As memórias de brinquedos e brincadeiras permitiam-nos falar de lugares distantes. E foi assim que Márcia, coordenadora das turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, foi à nossa sala com uma brincadeira de sua infância: belisca ou cinco Marias que joga-se com pedrinhas. Antes, ela mostrou-nos na sala dos professores os saquinhos de chita com recheio de areia que pediu a Mariinha, funcionária da escola, que fizesse. Experimentamos, e ela, dias depois, foi à nossa sala.

Foto 75 – Modos de brincar com as “Cinco Marias” experimentados na sala dos professores



Márcia organizou as crianças em grupos e foi a todos eles mostrar como brincava. Assim, como havia os professores de 5ª a 8ª séries, tínhamos também coordenadores e pedagogos de grupos específicos. Com os brinquedos, não tínhamos mais essa separação. Todos envolvidos na ciranda de brincar...

Foto 76 – Brincando com as “cinco Marias”



Os convites aos profissionais aconteciam na sala dos professores, mas também em outros espaços da escola. Foi assim que conversamos com Filó no corredor e fizemos o convite para que ela fosse à nossa sala para falar de sua infância, em brinquedos e brincadeiras. Filó, moradora da comunidade, é funcionária de apoio da escola. Está sempre sorrindo e solícita aos pedidos feitos a ela. No entanto, para essa solicitação ela respondeu: *“Eu não tive infância, não! Com nove anos, fui trabalhar em casa de família. Tenho 49 anos e nunca tive uma boneca!”*.

Essa resposta de Filó chamou-nos a atenção para uma outra questão: que outras infâncias existem/existiram?

Acreditando que essa poderia ser uma conversa potente com as crianças, insistimos para que ela nos contasse como foi então a sua infância. Filó chegou à sala acompanhada de Márcia, coordenadora de 5ª a 8ª séries, que fez sua apresentação. Logo, Filó passou a narrar a sua história:

Foto 77 – Filó conta a sua história



*Bom-dia, meu nome aqui todo mundo conhece, que é Filomena, me chamam de Filó. Eu nasci em Minas Gerais, num lugar chamado Santa Rita de Cueda, no interior...*

*E lá onde a gente morava na roça, na roça mesmo, muito distante daqui. E onde a gente morava não tinha brinquedo. Nós éramos em sete irmãos e a gente não tinha brinquedo. Nós brincávamos com o que a gente tinha, a gente inventava as coisas. Quando eu era pequena mesmo, eu não tinha boneca. Minha mãe que fazia pra gente boneca de espiga de milho. Era de milho verde e tinha o cabelo de espiga. Quando tinha época de milho, minha mãe pegava. Mas não tinha brincadeira não, a gente foi crescendo assim, sempre trabalhando, ajudando meu pai... a gente ia lá no curral e pegava leite. Nossa vida era assim. Minha mãe fazia café pra levar pro meu pai, não tinha tempo de brincar. E a escola não tinha lá naquele lugar, naquele vilarejo. Lá não era cidade, não, era vilarejinho, era pequeno... era longe, longe mesmo e pra gente ir na escola era muito difícil. Tinha que andar a pé, um pedaço mesmo.*

*A minha brincadeira preferida que eu gostava mesmo era de pique-pega- bandeira. Quem conhece? (Algumas crianças disseram que conheciam e Filó passou a*

explicar como se brincava sob o olhar atento delas). *E brincava de bolinha de gude. Eu era craque.*

*–Vamos brincar, Filó? – convidou João Vitor.*

Filó riu após o convite de João Vitor. Como contadora de histórias disse da sua infância e envolveu as crianças. Logo, algumas associações foram feitas com outras histórias ouvidas por elas.

*Duda: Minha mãe falou que, quando ela era criança e morava na roça, o pai dela não tinha condição de comprar uma boneca pra ela e a mãe dela fazia de pano. Ela falou assim que, na época, tinha que carregar água nas costas!*

*Daniele: Minha mãe falou que, quando ela era pequena, ela fazia bonequinha de pano pra brincar, e quando minha avó pedia água, minha mãe e meus tios pegavam e tinham que subir um montão de morro e pegar água e depois descer um montão de morro pra chegar em casa.*

*Thamires: Minha mãe falou assim que ela também morou na roça e ela não tinha brincadeira, ela fazia panelinha de barro. Filó, e lá não tinha fogo também não. Eles faziam na base da lenha e pegavam a panela de barro e faziam polenta pra comer. As crianças passaram a contar as histórias de suas mães e avós e buscavam semelhanças com as experiências de Filó. Quisemos tornar aquele encontro especial e oferecemos a Filó a sua primeira boneca. Assim que a viram as crianças gritaram: *Filozinha!* (Foto 78 – Filó e sua boneca)*



Os encontros continuaram e, junto com as histórias das infâncias, descobríamos também a história do bairro com funcionários que ali moravam. Renata chegou um dia empolgada com o que ouviu do porteiro Anderson. Agendamos um dia para que ele contasse sua história para as crianças, mas, diante da impossibilidade de que

ele fosse à nossa sala, fomos até o portão para conversar com ele. E entre um atendimento e outro a quem chegava, ele conversou conosco dizendo do seu trabalho e das experiências de sua infância no bairro:

*Quando eu era menor, criança igual a vocês, a gente não tinha muito lugar pra brincar porque tudo aqui era mangue. Aqui não tinha lugar pra brincar, pra gente se divertir. E todo mundo que quisesse vir pra cá, pra São Pedro I, tinha que passar só pela Rodovia Serafim Derenze. Ao longo da Rodovia tinha umas entradas que era aterrado com um pouco de terra. Aí, como a gente não tinha lugar pra brincar, a gente se reunia todo dia, de noite, de manhã, a hora que desse, a gente se reunia ali pra brincar naquele pedacinho de terra, o resto era tudo mangue e não tinha lugar pra gente brincar.*

*E quem morava vindo do quartel pra cá não tinha muito espaço, mas de São Pedro I já tinha. Aí a gente ia naquela beirada de rua aterrada de qualquer jeito com terra, lixo, tudo misturado. Não tinha lugar pra gente brincar. A gente gostava de brincar ali de pique-polícia e ladrão ou pique-bandeira. E naquelas brincadeiras que a gente fazia ali não era só criança, mas muitos pais dos nossos colegas brincavam com a gente porque, como não havia muito lugar pra brincar, os pais se enturmavam junto com a gente pra poder olhar o jeito que a gente brincava e era muito bom. A gente começava a brincar às vezes 7h da noite e quando ia ver já era 2h da manhã. A gente parava uma brincadeira e começava outra.*

Anderson rememorou a sua infância e nos contou do bairro e dos modos como crianças e adultos brincavam. Perguntamos se era perigoso e ele disse que, em sua época, não havia tantos crimes como hoje e, com a presença dos adultos, as crianças se sentiam protegidas. Continuamos a conversa e perguntamos se ele também fazia seus brinquedos...

Foto 79 – Aula no portão da escola



*Eu já cheguei a fazer um tipo de carrinho com roda de velocípede que a gente achava, porque o que não faltava era oportunidade pra achar coisas velhas por aqui. São Pedro foi todo aterrado com lixo. O que não faltava era oportunidade para achar a peça de um carro ou um brinquedo. E a gente tinha mania de fazer. Não fazia um só, não. Já fizemos vários. Até um carrinho que dava pra gente andar dentro, possuía até volante. O freio a gente usava esses chinelos que se usa hoje. A gente usava ele como freio, agarrava ele na madeira pra prender na roda e ficava um carrinho espetacular pra gente naquela época. Um colega empurrava e a gente entrava dentro, tinha volante e as rodas de velocípede. Nessa época, algumas ruas já vinham sendo aterradas, e a gente andava muito um empurrando o outro de carrinho pelas ruas que já existiam no bairro. E foi uma fase muito boa da nossa vida, naquela época.*

Pedimos a Anderson que fizesse um carro igual ao que brincava quando era criança. Ele disse que tentaria e nos surpreendeu no dia em que arrumávamos a sala para a exposição dos trabalhos com um carrinho que encheu os olhos de todos!

Conversa vai, conversa vem... essas conversas com os adultos foram despertando nas crianças o desejo de falar de suas brincadeiras e também de fazer brinquedos. Algumas pediam que os pais as ajudassem e levavam os brinquedos para nos mostrarem. As trocas entre nós foram se tornando cada vez mais frequentes. As crianças misturavam-se entre uma sala e outra. Elas se entendiam e se divertiam juntas, cuidavam umas das outras e dos materiais individuais e comuns. Na ciranda

dos brinquedos e das brincadeiras, fomos trazendo outros fios, compondo novas tramas e outras histórias foram surgindo...

#### 4.1.1 Seres fantásticos na ciranda de brincar

Entre os brinquedos que iam surgindo, o Roberto ia participando também desses encontros. As crianças enviavam recados para ele pedindo que fosse à nossa sala. Pensávamos em fazer oficinas com elas.

Foto 80 – Mensagem endereçada ao Roberto

Data: 07/9/2011.

Querido Robeto,

Eu nossa turma da 2.<sup>a</sup> série e a turma do 2.<sup>o</sup> ano estão participando do Projeto Brincadeira é coisa de criança.

Nós tivemos a ideia de convidar você para nos visitar e fazer uma brincadeira de Teatro de Santoche. Queremos que você capte algumas coisas com a gente. A sua presença é muito importante para todos nós.

Um beijo da 2.<sup>a</sup> série A.

A história que Renata havia contado da menina do anel falava de um momento em que ela fazia bonecos. Poderíamos disparar a conversa a partir daí, mas as crianças foram mais rápidas que nós na proposição. Renata contou como aconteceu num dos nossos momentos de planejamento:

*A gente tava conversando sobre brincar, aí eu perguntei se era só criança que brincava. Aí eles falaram que não, que adulto também brincava. Aí eu falei: “Dulci, por exemplo, Dulci tem os bonecos dela”. E foi quando a Ketllyn falou: “Ah, eu tenho uma ideia! Por que a gente não pede pra ela trazer o Roberto e a gente faz uma brincadeira de fantoche?”. E as outras: “É!”.*

*Eu falei que você tinha a Lili e o Roberto e que a Lili eles não conheciam. Eu também não conheço e que a gente tinha que pedir pra você trazer.*

O que chamávamos de oficina foi chamado de *brincadeira de fantoche*. Os bonecos cada vez mais estavam entrelaçados nas tramas do brincar... Elas conheciam o Roberto, mas não a Lili. Depois que Renata falou, a curiosidade aumentou.

*–Na hora em que saímos, uma falou assim: “Tia, você vai trazer o Roberto? Ah, tia, traz o Roberto, traz a Lili”.*

*Aí a outra cutucou e falou assim: “É surpresa!”.*

Roberto, Lili... os bonecos eram tratados como amigos e a ida deles na sala era uma surpresa! As ideias das crianças surpreendiam mesmo! Por isso, a proposição da *brincadeira de fantoche* implicava uma maneira diferente das oficinas que já havíamos realizado. Nos projetos das turmas, fizemos bonecos de acordo com a temática já definida. Algumas vezes a indicação das cores dos bonecos também vinha da professora. Era comum, por exemplo, a definição de cores próximas às da humana. Num dos momentos de pintura, uma criança queria pintar de rosa, mas já havia sido definido que os bonecos representariam humanos e suas cores seriam semelhantes a eles. Seguimos essa indicação e depois conversamos com a professora. Nossa relação sempre foi de respeito com elas. Entendíamos que acompanhávamos e não nos cabia discordar ou criticar o que vinha sendo feito. Por isso, depois falamos do pedido dessa e de outras crianças. Dias depois, ela nos confessou: *“Eu podia ter deixado pintar de rosa...”*.

Pensando nessa experiência, perguntamos às crianças se elas queriam fazer e ter um boneco para si. Daríamos só as orientações da base. Elas, que já haviam sugerido, aceitaram logo. E assim, como nas outras atividades, seguiram nos cuidados com os materiais e com os colegas. Em todas as etapas, elas compunham

essa produção dando aos bonecos os tons que queriam. Passaram a chamá-los de filhos ou de amigos.

Foto 81 – Movimentos na produção de bonecos



Foto 82 – As cores dos novos amigos



Depois dos bonecos prontos, marcamos uma apresentação. As crianças reuniram-se em grupo e compuseram histórias para apresentar seus bonecos. Roberto e Lili foram convidados para assistir à apresentação. Estavam todos empolgados desejando mostrar suas criações.

Os bonecos ganharam novos acessórios nesse encontro e, nas mãos das crianças, brincavam, cantavam e emocionavam a quem assistia. Durante a apresentação, os cuidados se repetiam para lembrar a fala do outro, para movimentar o boneco da

maneira adequada e para tranquilizar a quem estava nervoso por causa do momento.

Foto 83 – Os bonecos na apresentação de histórias



Os bonecos receberam acessórios...

O ensaio antes da apresentação...

Valia lembrar o texto a quem esquecia ou dar sugestão para um novo texto que surgia...

Fazer, ler, compor... todos participavam...

Depois da apresentação, foi o momento de os bonecos irem para as casas das crianças. Assim como os bonecos produzidos nas outras oficinas, eles percorreram outros caminhos... e alguns retornaram à sala e ficavam envolvidos entre os outros brinquedos e os cadernos.

Foto 84 – Indo para casa



#### 4.1.2 Intercessores do brincar

Os encontros com os bonecos, na perspectiva do brincar, foram nos conduzindo a conversas mais frequentes com as crianças sobre os modos como elas transformavam materiais diferentes em brinquedos. Latinhas, tampas de garrafa, papéis... o que chegasse às suas mãos tornava-se brinquedo. Nessa mesma época, inscrevemos o trabalho que vínhamos realizando para o “Congresso infâncias e brinquedos de ontem e hoje” na Universidade Federal Fluminense. Participamos do evento no período de 10 a 13-10-2011 e retornamos ainda com mais ideias. O verbo *brinciar* que aprendemos por lá ecoava em nós. Então, a partir do que as crianças já faziam e do que ouvimos dos adultos que nos apresentaram sobre os brinquedos e brincadeiras de suas infâncias, propusemos uma oficina de *brinciar*: elas inventariam brinquedos.

Organizamos os grupos tendo como referência que cada um tivesse pelo menos uma criança que já dominasse a leitura e a escrita para que depois escrevêssemos sobre essa experiência. Juntamos diversos materiais: tampinhas, caixas, garrafas... e começamos a confecção.

As crianças moviam-se nos seus grupos e nos demais juntando ideias e materiais. Tudo era compartilhado sem que precisássemos insistir ou indicar como deveriam fazer. Brinquedos iam surgindo, às vezes eram desmanchados e surgiam outros e outros. Alguns grupos fizeram mais de um. Tesouras, fitas adesivas e colas uniam peças, davam origem a carrinhos, a cestas e a bonecos de papel! Restringimos somente o uso do martelo e da cola quente para que ficassem sob nossa manipulação porque receávamos que pudessem se machucar.

Em muitos momentos, o silêncio conduzia as ações. Em outros, falas e pedidos de ajuda e de materiais eram ouvidos. Ficamos olhando, observando como os corpos compunham aquele momento em que todos ensinavam e aprendiam. As professoras calaram-se para ver seus meninos e meninas-mestres trabalhando. Bom encontro que nos incentivava a fazer mais, a vibrar junto com os corpos das crianças com a realização dessa atividade.

Brinquedos inventados iam sendo experimentados ali mesmo, na sala. Ajustes, retoques, iam dando os tons às diferentes maneiras de brincar.

Foto 85 – Invenções de brinquedos



As crianças deram nomes às suas criações e propusemos que fizessem uma espécie de manual com os materiais utilizados e os modos de brincar. Preparávamos um portfólio para colocar na exposição. Em grupos, elas se organizavam para escrever: uma pegava na mão da outra, juntavam letras, formavam palavras e compunham o texto proposto. Nos movimentos que produziram textos orais e corporais, seguiam produzindo textos escritos. Saberes compartilhados pelas crianças...

Foto 86 – Escritas de brinquedos



Durante toda a preparação dos trabalhos, objetivávamos viver cada momento das experiências. Tínhamos prazos e materiais para produzir, mas as maneiras como fomos nos envolvendo com as crianças nessa produção indicaram possibilidades para além das planejadas. As ideias e as maneiras como foram compondo nossos encontros apontavam os desejos que tinham de viver uma vida de *sabersabor* na escola.

Para elas, as possibilidades eram sempre muitas. A vivacidade com que transitavam em nossas salas, conversavam, trocavam, brincavam... convidava-nos a mergulhar

cada vez mais nas tramas que tecíamos com os fios de nosso desejo. Inicialmente tínhamos um fio que entrelaçou a outro, a outro, a outro... E o tecido está quase pronto... Mas como a produção foi compartilhada com os demais da escola?

#### 4.1.3 Encontros entre seres fantásticos na sala de aula



Como já dissemos, a preparação dos projetos estava relacionada com a temática definida no início do ano letivo para a Mostra Cultural. Nessa escrita, nossa dedicação foi para contar os processos dos quais participamos nos cotidianos dessa escola junto aos bonecos, nossos intercessores, e os movimentos que foram produzidos nesses encontros.

Nos dias de apresentação dos trabalhos, as salas eram arrumadas para a exposição. Como em todas as salas, organizamos os materiais: os brinquedos, os bonecos, as fotos, os portfólios... até que Anderson, nosso amigo porteiro que já havia conversado conosco surgiu com uma surpresa: o carrinho que havia

prometido. Levou também um cartaz com as fotos do processo de construção do carro. As crianças ficaram encantadas. Os adultos também. Todos queriam sentar no carrinho e fazê-lo andar.

Andar no carrinho, jogar amarelinha, construir brinquedos, ler... eram os movimentos de quem entrava em nossa sala. Propusemos às crianças para que elas convidassem nossos visitantes para brincar. Algumas convidaram, outras entregaram-se tanto à tarefa de brincar que isso já despertava o interesse de quem chegava para participar. Alguns adultos chegavam pedindo explicações, fazendo perguntas, mas logo entravam nas brincadeiras. Como na oficina do *brinciar*, também destinamos um espaço para quem quisesse construir um brinquedo. Foram dois dias intensos de visitas.

Foto 88 – Cartaz feito por Anderson



Foto 89 – Brincadeiras durante exposição de trabalhos



*A sala está gostosa, com aconchego, cheia... Olha que coisa mais linda! A gente chega aqui e quer ficar. Brincamos de carrinho que a gente não faz há quanto tempo!... (FILÓ).*

Mantivemos a sala desse mesmo jeito um dia após a exposição. Depois entregamos as atividades às crianças, o carrinho a Anderson e as mesas e cadeiras retornaram às salas. Mas continuamos brincando. Foi uma experiência incrível compartilhar nossas aprendizagens com as crianças. Tudo o que era feito nos motivava a fazer mais e a elas também. As proposições surgiam durante todo o tempo.

Chegávamos já ao final do período letivo e fizemos mais uma brincadeira: é muito comum a realização de festas com amigo X ou chocolate nas festas de final de ano. Aproveitando as atividades que havíamos realizado durante o ano, enviamos

bilhetes aos pais/responsáveis explicando que faríamos um “amigo brinquedo” e que precisaríamos do seu auxílio. Cada criança deveria construir um brinquedo para seu/a amigo/a. Alguns ficaram desesperados: *“Eu não sei fazer brinquedo! Posso comprar?”*. O pedido era claro: Não era para comprar, era para fazer. Sugerimos que conversassem com as crianças, pois elas sabiam muito de brinquedos. Algumas crianças fizeram logo e levaram para nos mostrar, outras levaram somente no dia, e outras ainda não levaram, mas resolvemos ali na sala mesmo com a construção de um brinquedo. Mas ninguém ficou sem dar ou receber um brinquedo.

O momento da revelação do/a amigo/a foi marcante. Sorrisos, abraços às vezes envergonhados, surpresa com o brinquedo que logo ia sendo usado... carrinhos, bolsas, bichinhos, avião, jogos, bonecos... tantos brinquedos!

Foto 90 – Momentos do “Amigo brinquedo”





Esse foi o nosso último dia de aula e nos despedimos com saudades...

Os brinquedos-presentes foram para casa assim como os bonecos. Cada um/uma de nós ficou com a memória dessa experiência que nos motiva a perguntar: quais possibilidades de viver a escola esses movimentos nos apontam? O que esses encontros produziram e continuam produzindo em nós e nos outros?

Compusemos movimentos, compartilhamos modos de brincar, de falar, de costurar, colar... *quantos saberes fazeres!* Merçon (2009, p.73) ressalta:

[...] a potência da mente vê-se aumentada quando encontramos um corpo externo com o qual o nosso corpo convém. Isso ocorre porque um novo nível de integração é configurado [...]. À Paixão alegre corresponde esse aumento em nossa potência de agir e entender.

Por meio dessa expansão de nossas potências, experienciadas com as paixões alegres, somos então induzidas a formar a ideia daquilo que é comum entre o nosso corpo e o corpo com o qual nos compomos [...].

Arte dos bons encontros produzidos nos encontros entre as crianças e as suas maneiras de brincar. Mergulhamos nos fluxos de seus *movimentosfalas* e encontramos, a partir delas, possibilidades de viver diferentes aulas e a escola. Esses foram movimentos importantes que nos apontaram a expansão da vida nos diferentes encontros que fomos compondo com os *brinquedodobonecosbrinquedos*, as crianças e seus familiares e nós junto a nossos colegas da escola com suas práticas.

Diferentes aulas e professores entraram nessa composição. A sala de aula estendeu-se à quadra, ao refeitório, ao portão da escola... diferentes saberes foram compartilhados. Os bonecos, seres fantásticos intercessores foram entrelaçados nas redes do brincar junto a outros brinquedos e brincadeiras. E, nesse movimento, as ações tornaram-se coletivas à medida que era necessário compartilhar materiais, espaços, valores, experiências, fazeres e saberes estabelecendo e ampliando redes de solidariedade. Nesse sentido, outras relações foram tecidas nesse e por esse grupo e, portanto, as experiências indicam que os processos elaborados nos cotidianos dessas redes de saberes, fazeres, poderes, afetos, afecções têm apontado outros movimentos mais inventivos, solidários e compartilhados nessas relações de ensinar e aprender. Os afetos produzidos, a partir da manipulação e da confecção dos bonecos e dos brinquedos, foram constituídos com as histórias, práticas e saberes daqueles que compuseram conosco essa experiência. Dessa maneira, esses encontros com a *arte de fazer* de cada um e de todos foram compondo mosaicos mais coloridos que ampliaram os conhecimentos, produzindo possibilidades de uma vida mais bonita entre os sujeitos praticantes das nossas salas de aula e da escola. Tais vivências aumentaram a potência de agir a partir das trocas realizadas e da produção de afetos, produzindo outros sentidos de viver os *espaçostempos* da escola a partir de uma ética-política pautada no *cuidado de si e do outro*, de uma *estética da existência*.

Trazemos conosco as lembranças de todos os processos vividos a partir do nosso fio de desejo para a discussão dos usos dos bonecos na constituição dos

*curriculosafetos* na escola. A partir do que vivemos/compartilhamos/compomos junto à comunidade do TAN, ainda indagamos: o que apontamos da produção das tramas a partir dos diferentes fios que foram tecidos para a composição do *textotecido* a que nos propusemos? Como a composição das tramas tecidas a partir do entrelaçamento dos diferentes fios de desejo aponta para a discussão dos *curriculosafetos* nos cotidianos escolares?

Foto 91 – Desenho feito por uma criança do seu boneco



### 3 A POTÊNCIA DOS COTIDIANOS NAS AULAS DA/NA ESCOLA

Foto 32 – Movimentos de arrumação das salas de aula para a Mostra Cultural



No horário do recreio, rostos cansados na sala dos professores. O final do ano letivo chegara e com ele o encerramento dos projetos da Mostra Cultural. Comentários sobre os preparativos.

Ana Carolina desabafa: *“O painel da Mostra não era pra ser desenhado e feito duas semanas antes... tínhamos de ter preparado há mais tempo. Eu quero que a Mostra acabe logo, não é por causa do trabalho, mas é porque as minhas aulas estão uma porcaria. Eu não dou aula só pra terminar as coisas da Mostra. Passo dever no quadro só pra deixar menino quieto...”* Isabel também desabafa: *“E eu, passo dever de casa e não corrijo.”*

(Escritas a bordo - 2011)

Durante os preparativos dos trabalhos para as apresentações outros movimentos continuavam: os conteúdos selecionados para o semestre, os prazos para revisão e aplicação das provas, para a entrega dos diários de classe, além das questões cotidianas que iam surgindo na escola. Na sala dos professores, as conversas eram frequentes sobre essa profusão de atividades. Com a proximidade da data da exposição dos trabalhos, todos estavam mergulhados na preparação de histórias, quadros, jogos, cartazes, aulas de campo, utilização de papéis com cores, tamanhos e texturas diferentes, colas, tecidos... dentre outros. Os docentes não negavam o prazer que essas atividades traziam, mesmo que elas demandassem mais tempo para serem realizadas, porém elas eram vistas como mais um trabalho exaustivo.

O movimento de preparação das atividades promovia outras formas de organização da sala e dos corpos. Os estudantes gostavam disso e expressavam seus desejos para as aulas: *“Eu queria que a gente brincasse e ao mesmo tempo estudasse... tipo assim, um jogo e, nesse jogo, no mesmo tempo ter aula... tipo assim, tá estudando uma matéria e faz tipo um jogo pra descobrir” (JULIA).*

No entanto, muitas vezes, esses movimentos não eram considerados por alguns docentes como “aula”, ou acreditava-se que não abarcavam as necessidades de conteúdos das disciplinas. Apesar do envolvimento dos estudantes, não eram vistos em conexão com as atividades cotidianas das salas de aula. Mas essa não é uma opinião somente desse grupo. Trazemos de nossas experiências docentes os modelos de “bom” professor, “bom” aluno, “boa” aula e as maneiras como somos cobrados por nós, por nossos colegas e pela comunidade escolar para que sigamos alguns padrões: a posição das mesas e cadeiras, o silêncio, a quantidade de atividades no caderno para comprovar que houve aula e a retenção de movimento dos corpos que, ainda, em muitos lugares, se torna uma necessidade para atestar o que é e o que não é uma aula.

Garcia (2000), a partir da discussão dos usos das múltiplas linguagens na escola, destaca que as aulas que não seguem os padrões do que seja uma aula formal são tidas como “perda de tempo”. Para tanto, costuma-se buscar nas “brechas”, “quando sobra tempo”, as oportunidades para a realização de atividades consideradas de pouca importância, como aquelas que utilizem linguagens como a dança, a pintura, a música e as histórias.

Essas contradições entre o que é e o que não é considerado como aula acompanham não só os professores, mas também os estudantes. Num dos dias em que havíamos iniciado a confecção de bonecos com nossa turma, ficamos envolvida durante toda a manhã com a produção do papel machê, com a modelagem e com a organização da sala. Daí fomos interrogada por uma criança: “*Tia, a gente não vai fazer dever, não?*”.

Diante da pergunta, respondemos que já havíamos feito o nosso “dever” com os bonecos. Uma profusão de “nãos” ecoou na sala. Elas afirmavam que “fazer dever” era quando se passava atividade no quadro e elas faziam no caderno. Se não fosse assim, não haveria “dever”.

Mas... e o que os estudantes consideram ou aprenderam a considerar como “aula”?

– *Aula é estudar .... e se divertir também* (TEREZA).

– *Na aula tem só que escrever, escrever, ler, escrever, escrever, ler, escrever, ler...* (ROSE).

– *Aula, assim, é aquela coisa chata de ficar sentado, fazendo dever, a professora falando no seu ouvido...* (MARISA).

– *[...] é uma coisa tão enjoada que, quando chega segunda-feira, duas aulas de Matemática, sério mesmo, eu fico até com sono na sala* (MARCOS).

– *A mão dói* (LARISSA).

– *Dói assim [coloca a mão na coluna lombar] e dá vontade de levantar... e na segunda, terceira aula, a gente fica doido pra chegar o recreio* (PATRÍCIA).

– *E a cadeira da escola não é muito confortável...*(MARCOS).

Mas quem deve o que ou o que está sempre a “dever”? Por que, nesse jogo de palavras, só reconhecemos a falta? Por que as atividades precisam se tornar um dever e não podem ser de ver, de contemplar, de modelar, de sorrir, de brincar, de usar o corpo? O que os movimentos dos cotidianos da escola têm nos indicado como possibilidades de superação dessa visão?

Duas professoras conversavam e, enquanto uma dizia que deixara de dar os conteúdos das aulas de Geografia, Ciências e História por causa do desenvolvimento dos projetos, a outra apontava os conteúdos dessas disciplinas presentes nas atividades que realizavam. Dias depois, a colega mostrou à outra os livros didáticos e os planejamentos e disse surpresa: *“Eu não deixei de dar nada! Está tudo aqui, tudo o que fizemos!”*.

Então, por que ainda se torna difícil considerar esses momentos como aula? Por que nos sentimos tão “apegados” à organização escolar a partir das disciplinas? Que outros movimentos na escola indicam diferentes aulas? O que essas ações apontam para a expansão da vida na escola? Como as crianças e os adolescentes gostariam que as aulas fossem? Como reconhecem o trabalho docente? O que dizem os professores?

Antes da publicação do livro “Infâncias em territórios curriculares”, produzido por nosso grupo de pesquisa a partir dos encontros na escola, cada capítulo foi compartilhado com o grupo de professores. Quando apresentamos a nossa escrita, levamos também as nossas indagações e inquietações sobre o que as crianças apontavam sobre as aulas na escola, uma vez que já atuávamos como professora. Conversamos sobre essas questões e destacamos o que nossos colegas disseram:

*É tão difícil porque, a todo momento, você é cobrado: Prova Brasil, prova não sei o quê... e o que é a prova? O que é a Prova Brasil? O que é o vestibular? Então nós caminhamos de uma forma que, no sistema educacional, são dois caminhos completamente diferentes. Tem escolas que você entra e os alunos são daquela forma tradicional. Então esse é para passar no vestibular. E o que a gente tenta trabalhar, na verdade, são dois caminhos completamente diferentes, do que você tenta fazer em sala de aula, do que você é cobrado pelo sistema educacional e do que é cobrado depois de você, qual resultado ele vai dar. É claro que o trabalho que a gente faz tem tudo para deixar uma aula mais agradável, para ter um resultado um pouco melhor... (ÂNGELA).*

*Então, dialogando com os currículos que a gente vivencia enquanto escola, nós nos vemos com tantas demandas... fichas de alunos, eu estou falando do integral, por exemplo, e além de pensar em atividades significativas para eles, que é do nosso entendimento, mas que tem de dar conta de várias*

*demandas que são registros, família e etc. E aí, como professora de sala, você falou um pouco: ficha do ciclo, conteúdo, e a gente precisa estar conversando com a gente mesmo para, posteriormente, tornar essas experiências da escola de forma para que eles experimentem essa questão do brincar, do prazer, do divertido, e a gente, obviamente, em alguns momentos, vai conseguir fazer isso acontecer e em alguns, não. Mas quando eu falo em alguns momentos, eu acho que a gente precisa fazer esses 'alguns momentos' serem mais repetidos, mais frequentes do que outros momentos (JÚLIO).*

Destacamos que, mesmo diante desses dilemas entre as exigências das provas, dos resultados e dos modelos de aula, os docentes continuavam levando para suas salas recursos diferentes e propondo diferentes linguagens, como as músicas, as poesias, os jogos, e realizavam aulas de campo. Eles ressaltavam que, nesses momentos, os estudantes se mostravam mais interessados, faziam perguntas e participavam.

As conversas sobre as aulas continuaram com os estudantes. Quando perguntamos como gostariam que as aulas fossem, eles nos ofereceram pistas sobre aulas que já existem e chamavam-nas de “projeto”. Essas aulas eram aquelas nas quais eram realizadas as atividades para a exposição na Mostra Cultural. Eram momentos apreciados por eles:

*– Eu queria que a professora passasse mais projeto porque assim a aula fica mais divertida (LUDIMILA).*

*– Porque o projeto é muito legal (WAGNER).*

*– No projeto, a gente faz mais, aprende mais do que nas aulas que a gente tem que ficar lendo, lendo...(JÉSSICA).*

*– Mas é muito bom também pra gente aprender. Tem mais jogos, brincadeiras (VITOR).*

*– Eu acho que eu aprendo mais nessas aulas, tipo assim, práticas (JOÃO).*

Elas reconhecem também que essas aulas das quais mais gostam demandam uma carga horária maior de trabalho dos seus professores e professoras que é estendida para além da jornada de trabalho, nas suas casas:

– *Pros professores pra mim é pior, porque eles trabalham dobrado. Igual a professora que faz tudo em casa... Ela fez poucas coisas aqui na escola, não dá tempo. É tipo assim, o que não deu pra fazer em casa, ela faz correndo aqui...(JOÃO).*

– *Por isso eles sempre preferem a aula em sala, em quadro... e pra gente, não, é o contrário(JÉSSICA).*

As crianças disseram, inicialmente, sobre um só tipo de aula em que elas ficavam sentadas escrevendo e lendo. Os adolescentes disseram não aguentarem mais ficar sentados, e que as cadeiras e mesas não mais os comportam por causa do tamanho de seus corpos. Perguntamos, então, sobre as aulas que mais gostavam e afirmaram que elas já existem na escola e destacaram o que as diferenciava. As aulas chamadas de práticas são as aulas de campo, relacionadas com os projetos das turmas. Muitas vezes ocorreram viagens a outros municípios para a produção de dados que subsidiaram os projetos. Perguntamos se eles consideravam também esses momentos como aula:

– *Mas é uma aula diferente. Não é aquela aula onde a gente fica sentado escrevendo um monte de texto que cansa. As pessoas pensam que a gente não cansa, mas a gente cansa de ficar escrevendo, escrevendo... E só escrever não adiante nada, tem de ter aula prática também(JOÃO).*

Conversamos sobre um vídeo produzido para o programa “Caminhos da escola”,<sup>1</sup> realizado numa aula de campo com as professoras de Ciências e de Geografia e perguntamos sobre como foi para eles essa experiência:

– *Nossa! Aquilo foi uma coisa diferente. Foi novo, você sair, passar o dia, gravar...(JÉSSICA).*

– *Foi uma aula diferente...(JÉSSICA e FRANCIELLE).*

– *Foi a “Aula”, na verdade! (JOÃO VITOR).*

---

<sup>11</sup> Esse vídeo apresenta uma aula de campo organizada com a intercessão de duas disciplinas: Geografia e Ciências. Nele, além dos passos da aula, são apresentados depoimentos dos estudantes e de duas mães, que ressaltaram a importância da atividade e o envolvimento de todos.

– *A gente aprende mais do que na sala porque, tipo assim, a gente presta mais atenção naquilo...*(LARA).

Antes da aula de campo, a professora de Geografia apresentou o que iriam encontrar, a localização e o que seria requerido deles para registro escrito. Perguntamos se a atividade foi prazerosa:

– *Essa foi “a aula”!* (LARA).

– *Foi melhor porque ela [a professora] trabalhou coisas reais nos textos* (JOÃO VITOR).

No TAN, as aulas de campo eram comuns. Era um movimento que as turmas gostavam e os professores ressaltavam a importância desse envolvimento, de estar perto deles, de aprender “fora das quatro paredes”. Para os estudantes, era uma oportunidade também de conhecer outros lugares, pessoas, de trocar experiências, de aprender e de ensinar.

Numa dessas aulas, acompanhamos uma professora e sua turma da 8ª série a bares e restaurantes da Ilha das Caieiras, bairro próximo à escola, para entrevistar funcionários e proprietários desses estabelecimentos sobre como é feita a destinação final do óleo de cozinha. A atividade fazia parte do projeto “*De óleo no planeta*”, realizado por esse grupo. Os estudantes levaram um roteiro de perguntas e, com pranchetas e máquinas à mão, fizeram os registros. Um dos professores também registrou momentos do grupo e conferia as fotos ali mesmo, junto aos estudantes.

Aulas na sala, na quadra, no refeitório, no corredor, nas ruas do bairro, em outros municípios, escrevendo, lendo, contando, movimentando-se... movimentos de corpos que mostravam as possibilidades e potência dos cotidianos escolares.

Foto 33 – Aula de campo na Ilha das Caieiras



Ações que apresentam as invenções de seus praticantes que alteram e trazem novos tons ao que é produzido na escola. E na contramão do que temos aprendido serem os modelos de “bom” professor, “bom” aluno, “boa” aula e “boa” escola, vemos movimentos surgindo e trazendo as práticas docentes e discentes como movimentos de expansão da vida nesses cotidianos.

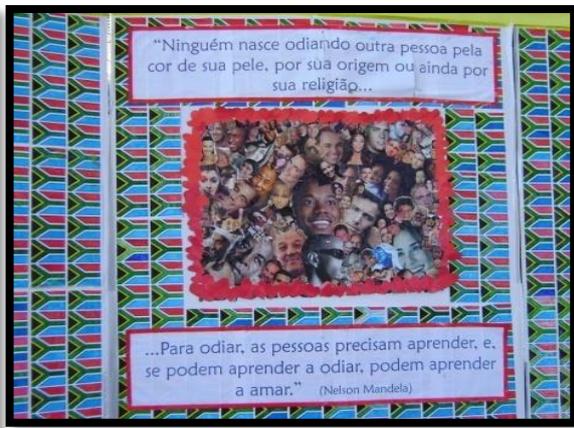
A invenção cotidiana da escola nas diferentes redes das quais é constituída altera e tece currículos a partir dos usos que são feitos de materiais, espaços, vozes, cores, sensações... propiciados no encontro dos corpos. Eles se aproximam entre sons e silêncios produzindo maneiras de tocar, de sentir, de dizer, de viver. Assim,

Inúmeras têm sido as invenções cotidianas que alteram as propostas curriculares, redesenham as relações professor-aluno e enredam valores, saberes e possibilidades de intervenção, experiências e criação, potencializando aprendizagens de conteúdos,

comportamentos e valores para além do suposto oficialmente (OLIVEIRA, 2005, p. 47).

É a estética da existência na tessitura dos *curriculosafetos*, nos encontros que compõem a história da escola em seus *espaçostempos* de aprendizagens constituindo seus currículos a partir das inúmeras aulas produzidas.

Foto 34 – Movimentos de aprender e de ensinar



Nas comemorações e apresentações na quadra...

Nos cartazes expostos nos murais...



Nas maneiras de comemorar aniversários, abraçar e expressar sentimentos...

Nas atividades com participação dos estudantes: brincadeiras, contação de histórias...



Nas festas com brincadeiras e atividades recreativas...



No dia da Matemática com jogos feitos pelos estudantes de 6<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries para compartilhar com os colegas menores...



Nas aulas fora da escola...



Nas atividades em sala de aula com professores e estudantes compondo juntos...

Era comum também que esses *espaçotempos* de aprendizagem fossem retratados no jornal da escola “A tribuna do TAN”. No jornal, as comemorações, o estudo das temáticas da Mostra Cultural, as aulas dentro e fora da escola eram apresentadas a partir de textos escritos pelos grupos envolvidos com fotos e desenhos dos estudantes.

Foto 35 – Jornal do TAN

# A TRIBUNA do Tan

JORNAL DA EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES

NOVEMBRO/2010 - Nº 3



---

### CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Quando a magia acontece, tudo se torna possível. São fadas e bruxas que disputam a atenção com os bichos e bonecas dançantes. Tudo ganha vida na voz do contador de histórias. Com ele, o livro ultrapassa o tempo e o espaço para tornar o ouvinte, sem importar com a idade, um viajante no mundo imaginário do autor. Foi assim que no mês de agosto tivemos um momento de participar do mundo da fantasia com uma seção de contação de histórias onde estiveram envolvidos os alunos de 1ª a 4ª série do turno vespertino.



### Educação Inclusiva – O TAN parte na frente com essa ideia!

(autora: Irina Baldez, Cida)

A Educação Inclusiva é atualmente um dos maiores desafios do sistema educacional. Criados na década de 70, os pressupostos da Educação Inclusiva fundamentam vários programas e projetos da educação.

É um processo em que se amplia a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular. Trata-se de uma reestruturação da cultura, da prática e das políticas vivenciadas nas escolas de modo que estas respondam à diversidade de alunos. É uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a inserção social de todos.

O TAN parte na frente junto a essa afirmação, nossos alunos que apresentam alguma particularidade, são acompanhados com todo carinho e atenção pelos professores, estagiários e todo corpo de funcionários, que acompanham o processo de ensino-aprendizagem, através de atividades dentro e fora de sala de aula, avaliações, bem como o incentivo pessoal, o que garante a todos um crescimento satisfatório, visto pelos familiares e aos que acompanham esse processo que exige principalmente "Dom e Amor" dos participantes, participação satisfatória de todos os alunos, através da socialização entre os mesmos, tratando-os de forma igual, em uma total integração dentro de nossa escola.

A parceria de todos é de extrema importância para que nossos alunos com particularidades se sintam completamente integrados ao meio institucional, sem que haja qualquer tipo de preconceito, aliás, esta palavra (preconceito) **AQUI NÃO EXISTE!!!** A nossa recompensa é ver o desenvolvimento e a felicidade dos nossos alunos, que nos brindam com seus abraços e sorrisos verdadeiros.

A todos os professores, estagiários, corpo de funcionários e alunos, os nossos parabéns! Que todos possam continuar a exercer esse exemplo do que é ser humano de verdade, respeitando as diferenças e convivendo na mais perfeita harmonia.

---

### "OS MÚSICOS DE BREMEM"

Para a escola ter gostinho de "quero mais", usamos maneiras diferentes e atraentes para o ensino e aprendizagem. Uma destas maneiras é colocar Lindolfo, o boneco mascote da professora Danuza, apresentou a história "Os Músicos de Bremen" para os alunos da 1ª "B". Seguindo a história, várias atividades alusivas foram trabalhadas e o divertimento e a aprendizagem se uniram fazendo da escola um lugar de ser feliz.



### GESTÃO DEMOCRÁTICA

Para que haja uma verdadeira gestão democrática em nossa escola é fundamental que exista a participação de todos os segmentos representativos, ou seja, pais, alunos, magistério, servidores e comunidades. Por isso, fique atento as datas das reuniões dos segmentos que acontecem previamente as reuniões do conselho de escola. Faça sua parte, lute por uma educação de qualidade. Próxima reunião do conselho de escola, 03/12/2010 (sexta-feira), participe!



---

### PROJETO LITERÁRIO: "DESCOBRINDO TESOUROS" - 2ª SÉRIE "C"

O livro de literatura constitui uma valiosa opção para dinamizar as aulas, enriquecendo os conteúdos curriculares e tornando mais cativante o ensino e aprendizagem.

Apreciar livros de literatura vai além do ato de ler, envolve fazer críticas e questionamentos sobre temas e conhecimentos com resgate e respeito aos conteúdos locais e gerais.

Quanto maior a aproximação com o ato de apreciar a leitura, melhor será a intervenção do apreciador.

Nesta perspectiva, o Projeto "Descobrimos Tesouros" convida todas as crianças e seus familiares a fazerem uma viagem através dos tempos e situações reais e imaginárias e conhecer um pouco das histórias desse mundo fantástico, denominando **LINGUAGEM ORAL E ESCRITA!**



### "O LUGAR ONDE EU VIVO EM PROSA E VERSO"

Os alunos das 5ª séries B e C desenvolveram juntamente com a professora Adriana o projeto "O LUGAR ONDE EU VIVO EM PROSA E VERSO". Para ampliar as vivências os alunos participaram de uma saída pedagógica para a RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS no município de Caracara. No local os alunos puderam conversar sobre o trabalho do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e seus desafios. A turma participou de trilhas e palestras. A escola foi recebida pelo guia Rogério que explicou sobre o nome da Reserva Duas Bocas, onde esclareceu que o nome foi devido ao fato de dois rios desembocarem nas montanhas e se encontrarem no mesmo ponto, formando assim a represa. Dialogou sobre a importância da preservação do meio ambiente. A atividade oportunizou novas experiências e assim os alunos puderam estabelecer paralelos das diferentes realidades e manter um olhar sensível para sua localidade e produzir versos e prosas sobre sua realidade, buscando mudanças para manter um equilíbrio na convivência com o meio ambiente.



---

### Visita à fábrica de chocolates Garoto

Com o objetivo de enriquecer o conteúdo estudado em Geografia, sobre a Globalização da economia e os avanços tecnológicos, os alunos da 8ª série A fizeram uma visita de estudo a fábrica de chocolates Garoto e puderam ver de perto e entender melhor, como se dá o processo produtivo no mundo globalizado.



### "O LUGAR ONDE EU VIVO EM PROSA E VERSO"

Os alunos das 5ª séries B e C desenvolveram juntamente com a professora Adriana o projeto "O LUGAR ONDE EU VIVO EM PROSA E VERSO". Para ampliar as vivências os alunos participaram de uma saída pedagógica para a RESERVA BIOLÓGICA DE DUAS BOCAS no município de Caracara. No local os alunos puderam conversar sobre o trabalho do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) e seus desafios. A turma participou de trilhas e palestras. A escola foi recebida pelo guia Rogério que explicou sobre o nome da Reserva Duas Bocas, onde esclareceu que o nome foi devido ao fato de dois rios desembocarem nas montanhas e se encontrarem no mesmo ponto, formando assim a represa. Dialogou sobre a importância da preservação do meio ambiente. A atividade oportunizou novas experiências e assim os alunos puderam estabelecer paralelos das diferentes realidades e manter um olhar sensível para sua localidade e produzir versos e prosas sobre sua realidade, buscando mudanças para manter um equilíbrio na convivência com o meio ambiente.



---

### Revisitando Vitória e a Região de São Pedro

As 3ª séries A e B realizaram o Projeto "Revisitando Vitória e Região de São Pedro" durante o mês de maio de 2010 orientado pelas professoras Vera e Letícia. Teve como objetivos identificar os principais pontos turísticos de Vitória e Região de São Pedro, destacar e verificar a importância do turismo como atividade econômica, além de evidenciar os problemas de infra-estrutura não-de-cobra para viabilização da atividade turística na cidade. Os alunos realizaram produções de textos e releitura de imagens a partir de fotos dos principais pontos turísticos da cidade de Vitória e visita técnica à Ilha das Caieiras, na região de São Pedro, onde os alunos lançaram um novo olhar sobre o espaço que faz parte do seu cotidiano, provocando valorização e sentimento de pertencimento.



### Conhecendo melhor a Ilha das Caieiras

A Ilha das Caieiras é um lugar muito conhecido pelos turistas. As pessoas vem de longe para provar a famosa moqueca capixaba e a torta capixaba. Os turistas vão em um monte de restaurantes e podem conhecer melhor os pratos típicos da Ilha das Caieiras. O que deixa os turistas insatisfeitos é a poluição, o esgoto e o lixo jogado no mar. Nos dias em que o mar está cheio as paisagens são lindas. O pôr do sol é mais lindo ainda! Tem outros pontos turísticos como a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a academia popular, além do Mouxara e Mestre Alvaro no fundo da paisagem.

Thais Locatelli de Souza - 3ª B



Na EMEFTAN, essas produções dos professores e alunos nas atividades realizadas em seus *espaçostempos* apresentam-nos as invenções desse grupo que buscava novas maneiras de viver a escola compondo seus *curriculosafetos* nesses encontros.

Foto 36 – Publicações de atividades no jornal “A Tribuna do TAN”

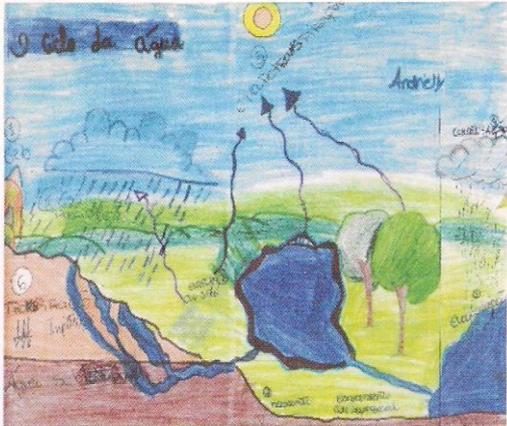
### Visita à Assembléia Legislativa

**Depoimento do aluno:**  
Walmir Gordiano dos Santos Jhunnyor 7ªA

**N**o hall de entrada da Assembléia nós vimos na parede 78 bandeiras, cada uma representando seu município. Ao chegarmos ao plenário, onde acontece à sessão Ordinária, o projeto que estava sendo apresentado era de tratar com mais rigor a questão da lei seca (se beber não dirija) e também foi apresentado um projeto para homenagear o Dia do Pastor e Bispo, já que a Igreja, de forma geral, tem contribuído muito prestando ajuda humanitária a nossa sociedade. Depois fomos para a sala do Presidente onde sua assessora a Srª Dilma nos falou sobre as funções do Poder Legislativo. Tiramos fotos e até sentamos na cadeira do Presidente, muito legal!. Fomos também para o “plenarinho” onde tivemos um caloroso debate sobre a responsabilidade que temos como cidadãos de ajudarmos na construção de uma sociedade melhor e mais justa e ficamos conhecendo um pouco mais da política do Espírito Santo.

Os alunos foram acompanhados pela professora Liane (Lab. de Informática e a ASO Filomena)



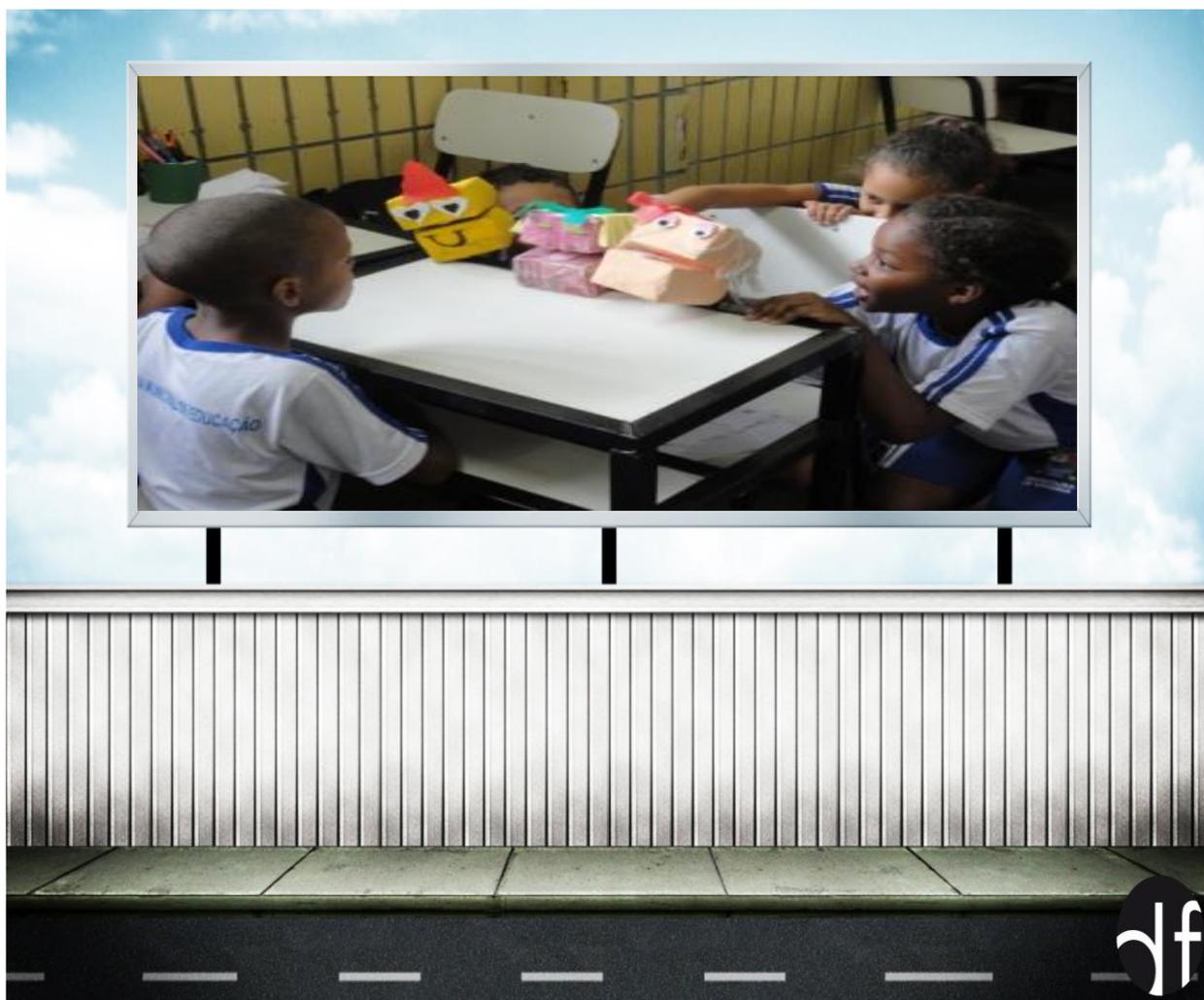
**MEIO AMBIENTE**  
Atividade realizada pela 5ªA- 1º Trimestre  
Conteúdo: Ciclo Natural da Água  
Professora: Lorena

A partir das conversas iniciadas sobre as aulas da escola, na condução da pesquisa, perguntamo-nos: como entrariam os bonecos nessa composição? Haveria lugar para eles nas salas de aula? Existiria “aula de boneco”? Como os bonecos contribuiriam para essa discussão? Como eles comporiam com os currículos escolares? Como as crianças veem e discutem essa situação? E o que dizem os professores desses seres inanimados nas salas de aula?

### 3.1 BONECOS: SERES FANTÁSTICOS INTERCESSORES

[...] as crianças nos acenam de um porto passado, mas também de um horizonte em devir, de um futuro a sonhar e a construir que, além de desejado é, em si, fonte desejante (CÉLIA LINHARES).

Foto 37 - Conversas com bonecos



- *Trouxe o Roberto hoje?*—pergunta Luiz quando chegamos ao portão da escola.
- *Não.*
- *Ah! Fala pra ele deixar de preguiça e vir pra escola!*
- *E por que você quer que ele venha?*
- *Pra conversar, ué! (ESCRITAS A BORDO – 2010).*

Na escola, seguindo o fio de desejo da pesquisa, íamos buscando conhecer as professoras e as possibilidades de conversa entre os bonecos e os projetos de suas salas. Foi assim, que conhecemos a 2ª série da professora Renata. O projeto da sua turma era sobre consumismo e a reutilização de materiais, e uma das crianças havia ensinado aos colegas a fazer bonecos de caixa de leite. Ficamos entusiasmada com a ideia. Perguntamos se poderíamos ir à sala com o Roberto para conversar sobre o que as crianças haviam produzido.

Marcamos a data e um bom encontro aconteceu. Essa história foi publicada no livro “Infância em territórios curriculares”, organizado pela professora Drª Janete Magalhães Carvalho, com capítulos que contam as experiências que tivemos com esse grupo, no ano de 2010.

Foto 39 – Roberto

Mas quem é o Roberto?

Roberto pode ser definido como um boneco, um fantoche de luva, que tem em suas mãos hastes que as movimentam tornando assim a sua manipulação mais interessante e com mais possibilidades de exploração. Porém, Roberto não é chamado pelas crianças ou por nós de *boneco*. Ele é apenas *Roberto*. Não importa se não tem pernas e pés ou se depende de alguém para falar. O encontro com ele é o bastante para que a relação se estabeleça.



Quando chegamos à sala, estava com as mesas e cadeiras organizadas em grupos. As crianças estavam assentadas e reunidas conforme os objetos que haviam feito. Roberto foi a cada mesa conversar sobre o material produzido: bolsas, bonecos... todos feitos de caixa de leite. Elas nos apresentaram suas criações, assim como os modos como fizeram, pintaram e as possibilidades e vantagens do uso de cada objeto.

Mas, além de mostrar o que haviam feito, as crianças queriam também conversar, pegar o Roberto, tocar seus cabelos, fazer-lhe perguntas. Logo se aproximaram mais, burlando a organização dos grupos, e começaram uma conversa cheia de curiosidades. Afetos trocados, abraços, carinho no cabelo, frases apaixonadas... Mas Manoela fez uma pergunta que iniciou um diálogo provocador:

*\_ Você é de verdade?*

*\_ Você não está me vendo?* \_ respondeu o Roberto.

*\_ Ah, não! Ela tá te mexendo...* \_ apontou Charles pra nós.

*\_ Você é de mentira!* \_ Marcos arriscou.

*\_ Eu sou de verdade ou de mentira?* \_ perguntou Roberto.

Os meninos e as meninas dividiram-se nas suas respostas entre verdade e mentira. Ora olhavam para nós, ora olhavam só para o Roberto, buscando uma resposta, até que... Eduarda resolveu o dilema:

*\_ Você é um ser fantástico!*

Essa definição pareceu acalmar a discussão. Todos concordaram que Roberto era um ser fantástico. Gostamos da definição. Achamos que o Roberto também. Porém, algumas perguntas, agora nossas, passaram a ecoar: mas o que é um ser fantástico? Por que as crianças concordaram com isso? Pode o fantástico ocupar o mesmo espaço que seres humanos? Quais as implicações dessa conversa para os caminhos da pesquisa? O que as crianças nos apontaram? Há lugar na sala de aula para o fantástico? O que essa conversa contribui para a discussão sobre os currículos da escola? Há espaço para o fantástico nos currículos escolares? O que as crianças nos provocaram com essa definição? Como a curiosidade e a

imaginação infantil podem contribuir para a constituição dos currículos? Por que ouvir as crianças?

A definição de ser fantástico agradou-nos e também deu-nos a possibilidade de pensar essa arte a partir de outras possibilidades. Sobre essas contribuições das crianças que, muitas vezes, nos fazem “balançar”, Kohan (2007, p. 18) propõe que

[...] um dos principais cuidados ou auxílios consiste em, na medida do possível, deixar de lado o que pensamos saber. Esse gesto ajuda a pensar com as crianças e a deixar-se pensar pelas crianças; é uma oportunidade de esvaziar-se, um esvaziamento daquilo que se crê saber sobre as crianças e a infância para que novos saberes possam nascer.

Então, mergulhamos nas lógicas infantis e começamos a pensar... O que é ser fantástico? Por que elas concordaram com essa definição? Fantástico pode ser definido a partir da sua condição de imaginado, de inventado e também da sua não relação com a realidade. Não existe e, portanto, é fruto da imaginação de quem o inventa. Então, conversando depois com a professora Renata, ela disse-nos que acreditava que as crianças chamaram o Roberto de ser fantástico a partir da relação que podem ter estabelecido com um texto do livro didático<sup>2</sup> que foi estudado em sala de aula. Seguindo essa pista, percorremos a leitura onde as fadas são apresentadas como seres fantásticos, definidas por suas características e hábitos. Propomos, então, uma nova conversa...

### **A fada**

*A fada é ser fantástico do bem, que protege os seres humanos ou intervém magicamente nos seus destinos para evitar malefícios, desfazer encantamentos ou feitiços provocados pelos seres do mal. Surge nas situações de perigo, nas dificuldades amorosas, nas aventuras imprevisíveis e, sobretudo, no combate às bruxas. Sua forma é a de uma linda mulher. Algumas têm asas de borboleta. Seu vestido é*

---

<sup>2</sup>SILVA, Regina Carvalho da; ANSON, Vera Regina Lima. **A grande aventura**: letramento e alfabetização lingüística. São Paulo: FTD, 2008.

*esvoaçante e costuma trazer uma tiara na cabeça com uma estrela luminosa. As mais antigas trazem também uma varinha de condão, com poderes mágicos. Sua aparição é súbita e, ao desaparecer, torna-se invisível, seu estado normal.*

*Os lugares mais fáceis de encontrar uma fada são os bosques e florestas, as hortas, quintais e jardins, as ruas com árvores e flores, as praças com fontes de água. Nas casas ela gosta de ficar na cozinha e perto de sofás macios. Habitualmente come pouco, gostando muito de arroz, couve-flor e salada de alface. Adora pudim de leite, bolo de chocolate, manjar-branco e algodão-doce. Sente-se mal com comidas temperadas com pimenta-do-reino, cebola e muito sal. Não gosta de acordar cedo e se distrai ouvindo música ou brincando de roda. De resto, é excelente bailarina [...].*

*As fadas tornaram-se famosas por causa dos contos de fadas, onde aparecem como personagens coadjuvantes ou auxiliares de heróis e heroínas. A Gata Borralheira tinha uma fada-madrinha protetora. A Bela Adormecida escapou da maldição da morte feita por uma fada má (na verdade, uma bruxa) pela interferência de uma fada bondosa, que transformou a morte da maldição num sono profundo e prolongado [...].*

Inicialmente, a partir desse texto, não há uma relação direta com o Roberto, uma vez que ele não é uma fada de vestido esvoaçante, tampouco possui uma tiara com estrela luminosa... no entanto, alguns trechos destacados podem contribuir para a continuidade da conversa iniciada com as crianças a partir da relação que estabeleceram chamando-o de *ser fantástico*. Cada trecho puxou fios para conversas com outros intercessores que comporão esse diálogo com as crianças e com outras crianças e adolescentes<sup>3</sup> da escola.

Então, seguindo as pistas do texto, enfatizamos que Roberto é

---

<sup>3</sup>As conversas registradas nesse *textotese* foram feitas com estudantes de 1ª a 8ª séries.

***[...] ser fantástico do bem, que protege os seres humanos ou intervém magicamente nos seus destinos para evitar malefícios, desfazer encantamentos ou feitiços provocados pelos seres do mal. Surge nas situações de perigo, nas dificuldades amorosas, nas aventuras imprevisíveis e, sobretudo, no combate às bruxas.***

A partir desses primeiros indicativos, compreendemos que os bonecos são seres fantásticos de pano, espuma ou papel, que podem ser tratados como brinquedo, recurso pedagógico, invenção que alegra, que encanta, que faz rir e também chorar. Apesar da aparente fragilidade representada por seu tamanho e pelos materiais com os quais são produzidos, promovem encontros com públicos variados.

Arte antiga que vai ao encontro de crianças e de adultos. A história da humanidade é também marcada pela presença desses seres fantásticos que surgiram em diversas situações trazendo alegria, conforto, surpresa e indignação.

A marionete é velha como o mundo. Ela é uma filha natural da poesia. É imortal, embora habitando na terra, tendo sido criada para fazer os homens esquecerem suas preocupações. Diverte as crianças, encanta as pessoas grandes, toca o simples, oferece um prazer delicado ao enfasiado e ao cético (CHESNAIS, 1947, apud SANTOS, 1979, p.20).

Presentes desde as primeiras civilizações (SILVEIRA, 1992), têm sido utilizados para registrar ou para transmitir informações, para alegrar, para trazer conforto ou para protestar. Amaral (2004) trata da utilização de bonecos pelo homem primitivo como uma maneira de entender o mundo que o cercava.

Por serem frágeis, não oferecendo qualquer ameaça, têm fácil aceitabilidade e logo são incluídos nas conversas com e entre adultos e crianças. São tratados como “pessoas”! Assim, os bonecos vão ganhando cada vez mais espaço e tecendo outras redes com as crianças e com quem os manipula, por isso “[...] pode acontecer que o boneco, ao representar humanos (indivíduos), não seja tão bom quanto o ator, mas ele o excede [...]” (AMARAL, 2005, p.21).

Sua origem, que provavelmente tenha acontecido no Oriente espalhando-se para a Europa até chegar às Américas, foi “[...] fruto de uma conquista da criatividade humana, do desejo e necessidade inegáveis do homem em se representar e se reconhecer [...]” (SANTOS, 1979, p.11).

Na Idade Média, foram instrumentos utilizados pela Igreja Católica para atrair fiéis e para ensinar a sua doutrina. É dessa época que há indícios de que tenha surgido o termo marionete, em referência a imagens pequenas da Virgem Maria (BALARDIM, 2004). Os jesuítas também fizeram uso dos bonecos como veículo de catequese dos índios no Brasil. Há referências da presença dessa arte em vários lugares no mundo:

Praticado como é em todo o mundo, o teatro de bonecos assumiu fisionomias e espírito dramático diferenciados, dependendo da localização geográfica de cada uma de suas manifestações. Isso devido, obviamente, às próprias injunções de tradição cultural, costumes, formação social, econômica e política. E é sob prismas de diferenciação que vamos encontrar e observar os mais importantes tipos de teatro de bonecos popular do mundo, como por exemplo: o VIDOUCHAKA, na Índia; o KARAGÓS, na Turquia; o PUNCH, na Inglaterra; o GUIGNOL, na França; o FANTOCCINI, na Itália; o MAMULENGO, no Brasil, entre outros. Todas essas manifestações guardando entre si ao menos um aspecto comum: o seu caráter popular, o povo se representando a si mesmo (SANTOS, 1979, p. 20).

No Brasil, o mamulengo é praticado por artistas do povo em alguns Estados nordestinos, “[...] onde os atores são bonecos que falam, dançam, brigam e, quase sempre, morrem” (SANTOS, 1979, p. 11). “Nele está presente o humor, mas também a crítica social e política” (BALARDIM, 2004, p.10).

Atualmente, a mídia tem investido nesses pequenos e aparentemente inofensivos atores. Seja como personagens de histórias, seja como auxiliares de apresentadores de programas de TV, ganham cada vez mais espaço. Dotados de liberdade em suas ações, algumas vezes falam até o que poderia ser censurado se fossem humanos. Por causa disso é que foram proibidos durante a Inquisição, pois propagavam ideias que geravam críticas (SILVEIRA, 1992).

Os bonecos têm a força e a magia de prender a atenção num ser que se torna real pelo olhar do outro que os assiste, interagindo com eles e pelas mãos que os manipulam. Tornam-se fantásticos a partir dos olhos que os observam e das mãos que lhes tocam: um afeta o outro e ambos são afetados. Cada encontro é único. Daí ser o uso que fazemos da arte dos bonecos definido como *um ato de paixão* (SANTOS, 1979).

Nesses encontros entre bonecos e infâncias, além de “verdade” e “mentira”, surgiram outras temáticas que as próprias crianças questionavam e buscavam responder, afirmando a afinidade que tinham com os seres fantásticos. Suas dúvidas e afirmações durante nossas conversas nos deslocavam e nos convidavam a olhar com seus olhares. Havia o desejo de estar perto dos bonecos, de levá-los para casa, de fazer um, dois, três bonecos...

*– E se nós duas fizermos um boneco só e tiver que levar pra casa, quem vai levar pra casa?*

Durante a confecção de bonecos em duplas, Lorrana apresentou esse questionamento. Respondemos que resolveríamos isso depois. Mas Eliel já propôs a solução:

*– Tira a cabeça; dá a cabeça pra uma e o corpo pra outra.*

Rimos da rápida solução.

*– Bem, aí acabou o boneco – dizemos.*

*– Aí o boneco morre, acabou o personagem do boneco – fala José.*

*– O boneco já tá morto, ora! – disparou Eliel, que propôs a divisão do corpo do boneco. Os colegas tentaram discutir, mas ele insistiu:*

*– Ele está morto!*

Propomos a pergunta:

*– O boneco está morto?*

*– Você acha que ele está vivo, tia? – Eliel fala rindo.*

Propomos então outra pergunta:

*– Quando o boneco fica vivo, então?*

*– Quando a gente tá apresentando ele – respondeu José.*

*– Quando ele fala – respondeu Nicole.*

Essas conversas são encontros que produzem outros textos a partir das indagações e conhecimentos das crianças. Suas falas são então *movimentosfalas* que tecem novos saberes entremeados aos seus sentimentos nutridos pelos bonecos.

Seguindo então os fios traçados pelas crianças, seguimos com mais perguntas: Onde encontrar os seres fantásticos? É possível que estejam presentes nas salas de aula? Ou já estarão?

Outra possibilidade é apresentada na continuidade da leitura do texto:

***[...] Sua aparição é súbita e, ao desaparecer, torna-se invisível, seu estado normal.***

***Os lugares mais fáceis de encontrar uma fada são os bosques e florestas, as hortas, quintais e jardins, as ruas com árvores e flores, as praças com fontes de água [...] se distrai ouvindo música ou brincando de roda [...]***

Os seres fantásticos são mais fáceis de encontrar em lugares ao ar livre, porém podem ter aparições súbitas ou estarem nos espaços sem serem notados. Podem estar invisíveis...

Muitas vezes essa invisibilidade está relacionada com o que “pode e o que não pode” estar numa sala de aula a partir do modelo que a formalidade requer desse *espaçotempo*. Conversando com as crianças, víamos que, para muitas delas, a presença dos bonecos na sala de aula indicava apenas momentos pautados, definidos pela execução de um “dever”, como na sua utilização para ensinar um conteúdo disciplinar, por exemplo. Era frequente que nos perguntassem sobre qual disciplina lecionávamos. Aos poucos, foram nos chamando de “a tia dos bonecos”, ou “a professora dos bonecos”.

Nossos encontros nas oficinas aconteciam nas salas de aula, na biblioteca ou em outro espaço onde pudéssemos confeccionar e manipular os bonecos. E, nesses encontros, as conversas se tornaram frequentes entre nós. Nos corredores, no refeitório, na quadra... onde quer que nos encontrássemos, falávamos, além dos bonecos, sobre assuntos que muitas vezes eram iniciados pelas crianças. Se tivéssemos algo nas mãos, as perguntas eram inevitáveis sobre o que trazíamos, o motivo etc. Foi o que aconteceu quando levamos um livro: “Teatro de Guignol”. O

interesse delas pela obra iniciou uma conversa. Falamos sobre o título, sobre a língua na qual foi escrito e traduzimos alguns trechos da introdução, destacando:

Esperamos que este libro sea para los maestros el verdadero aliciente que los impulse a quebrar derroteros ya superar la rutina diaria, y vean que em el teatro de guignól no una posibilidad, sino una necesidad de inmediata aplicación en sus diversos trabajos escolares (CERDA G., 1965, p.18).

A partir dessa leitura, perguntamos sobre como elas pensavam que poderia ser o uso dos bonecos na escola. E a conversa foi seguindo...

– *Eu acho legal* – iniciou Márcia – *É divertido. Ficar na escola só fazendo dever é chato. Fazer o boneco é legal. A gente aprende coisas legais, é melhor do ficar na rua, né?*

– *É bom, a gente desenvolve mais...* – completou Carla.

Com respostas rápidas, elas disseram que seria bom se os bonecos estivessem na escola. Enquanto filmávamos nossa conversa, elas brincavam com a câmera e umas com as outras. Em *movimentosfalas* contavam dos projetos de suas turmas. Insistimos um pouco mais para falarem sobre como e quando os bonecos poderiam estar em suas salas de aula e destacaram momentos pontuais, como apresentações na escola e em outros espaços. Nas respostas, olhavam umas para as outras e gaguejavam...

– *Só quando der um intervalinho* – disse Carla.

– *Ou no recreio* – disse Márcia.

– *Ou na última aula, quando a professora deixa a gente fazer alguma coisa* – afirmou Paulo.

– *Durante a aula, só se combinar com a professora...* – falou Antônio.

– *Só às vezes, porque tem o negócio da prova no caderno e, se a professora não tiver dado pra gente ainda, não tem como a gente fazer negócio com boneco na sala de aula, quando ela tá botando revisão pra prova* – destacou Paulo.

Elas ficaram mais silenciosas depois dessas afirmações. Já não se movimentavam tanto... Estariam pensando em impossibilidade?

Percebemos que os corpos das crianças foram mudando durante a conversa e pensamos, como professora, o quanto restringimos os usos das múltiplas linguagens na escola. No início da conversa, brincavam, mexiam umas com as outras, algumas se movimentavam para que filmássemos, mas, ao perguntarmos sobre os bonecos na sala de aula, os corpos se modificaram, ficaram quietas, falaram mais pausadamente, silenciaram. O que esse silêncio dizia?

Recorremos às nossas memórias do início da carreira docente sobre como éramos abordada pelas pedagogas que costumavam dizer que “não tínhamos domínio de classe” ou da “sujeira” e “desorganização” das mesas que algumas atividades geravam. Recordamos também de nossas experiências na infância quando era proibido até sorrir. Entre memórias passadas e atuais, entremeamos nossas dúvidas e inquietações sobre as maneiras como cerceamos o movimento na escola sobre como algumas linguagens ficam para os momentos de recreio ou de festa ao priorizarmos disciplinas e conteúdos somente em seus aspectos formais.

A partir dessas considerações, os bonecos, personagens fantásticos nas relações da sala de aula e da escola, têm realmente aparições súbitas. Estão invisíveis (guardados) aguardando uma palavra que os chame e um desejo que os convoque e os traga à cena. Sua presença poderia tornar as relações mais fluidas e permeadas de afetos, porque, segundo Espinosa (2008, p.195), “[...] por imaginarmos que uma coisa semelhante a nós é afetada de algum afeto, seremos afetados de um afeto semelhante ao seu”. Inicialmente, tratados como corpos estranhos, invisíveis, passariam a compor nos cotidianos da escola afetando docentes e discentes nesse encontro, e outras linguagens, outros aprendizados seriam elaborados nesses encontros como

Aprendizado(s) afetivo(s) como arte do encontro, isto é, como cultivo de um pensar e agir que nos coloque em arranjos vitalizantes, dos quais podemos derivar um entendimento mais afetivo de nossas relações no mundo [...] (MERÇON, 2009, p. 81).

Foto 40 – Um encontro na sala de aula



Afetando e afetadas pelos bonecos, as crianças tinham um pedido constante:

– *Tia, posso levar o boneco pra casa?*

Quando, finalmente, foi possível levar os bonecos após a exposição, perguntamos sobre o que fizeram com seus novos amigos e, então, disseram dos novos caminhos trilhados por esses seres fantásticos:

– *Lá, na minha casa, eu tava brincando com os meus carrinhos, aí eu botei ele dentro e fiquei brincando (ALEX).*

– *Eu peguei meu boneco e coleí na parede do meu quarto (CARLA).*

– *Eu fiz uma casa de caixote pra ele (RAUL).*

– *Eu coloquei um travesseiro, eu fiz a cama dele de pau (MAXSWEL).*

– *Tá! E eu levei ele pra casa da minha avó, onde eu vou... Eu fiz um cordão nele [passou as mãos nos ombros]. Onde é a perna dele eu fiz um cordão. Onde eu vou, eu coloco o cordão nele e ele fica pendurado (DANIEL).*

– *Minha bonequinha eu levei pra casa da minha avó e minha avó quis que eu deixasse lá* (LORRANA).

Os afetos com os bonecos e com seus corpos frágeis, seja na interpretação das histórias, seja nas conversas... estimularam as crianças na produção de outros textos – orais, escritos, corporais – afetando seus modos de se constituírem nos *espaçostempos* dentro e fora da escola. Assim, esses encontros aumentaram a sua potência de agir “[...] e, conseqüentemente, durante esse tempo, a potência de pensar da mente é aumentada ou estimulada” (ESPINOSA, 2008, p. 179). Os bonecos saíram da escola e foram para as casas das crianças e conheceram seus familiares. Mas será que retornaram à escola? O que as crianças buscam na composição de encontros com os bonecos? Perguntamos, então, sobre o retorno dos bonecos à escola.

– *Não. A professora falou que, se a gente “trazer” o boneco, ela vai arrancar da nossa mão* – disse Sandro.

– *E não vai devolver mais* – completou Luiza.

– *O da Clara voltou. Só que ela não tinha tirado da bolsa e aí a professora não viu* – disse Alice.

– *Mas eu tirei e ela não viu* – contou Clara.

– *Se “trazer”, a professora vai pegar igual ela pegou do Ricardo, porque senão a gente não presta atenção na aula e fica brincando* – acrescentou Alice.

As crianças disseram que os bonecos produzidos em sala de aula não poderiam mais voltar. A confecção ficou restrita ao momento para a exposição. A justificativa é para que eles prestassem atenção à aula. Continuamos a conversa perguntando se era possível estudar com os bonecos em sala sem que “atrapalhassem” e como poderiam ser os usos deles. Elas deram as soluções...

*Se tivesse boneco na sala, eu ia ficar brincando de teatro, um monte de coisa...* – diz Alice.

– *Ele não atrapalha. É só ensinar a ele* – disse Ricardo.

– *Coloca ele assim do lado da cadeira* – explicou Clara.

– *Igual a Luiza: ela leva um monte de boneca para a sala e fica bem assim: coloca ou no colo dela ou coloca assim do lado ou atrás. E brinca, faz e mostra o dever, escreve, faz um monte de coisa ao mesmo tempo.*

– *Ah! A gente podia brincar mais com os bonecos... Eu gosto de brincar...* – suspirou Ricardo.

– *Eu também gosto, mas a professora não deixa mais trazer pra sala...* – lamentou Alice.

– *Eu queria que o Roberto viesse...* – disse Clara.

Elas falaram dos seus desejos de ter os bonecos em sala, das possibilidades para que não “atrapalhassem” e de como burlaram para que a professora não descobrisse que alguns bonecos voltaram. Eles estiveram na sala até a apresentação dos trabalhos, mas não puderam mais voltar. Segundo Clara, o Roberto poderia ir à sala. O que poderia fazer esse ser fantástico?

A tessitura dos currículos assim é também constituída com os dilemas entre a prática docente marcada pelos tempos, pela rigidez e pelas marcas dos modelos de aula legitimados. Entretanto, os desejos e as lógicas infantis – muitas vezes menosprezados, mas ricos do mágico que distanciamos da escola, dentre outros motivos, porque não consideramos como “aula” – estão também presentes.

As crianças dizem de diferentes modos sobre a necessidade de linguagens intercessoras. Infelizmente, muitas vezes, nós, que somos professoras e professores, utilizamos linguagens como os bonecos, as músicas, as histórias, as brincadeiras, a dança somente nas brechas, quando “dá tempo”. Não que ignoremos sua importância, porém as exigências do cumprimento de conteúdos, como foi dito pela professora Ângela, por parte do sistema, da escola, das famílias e de nós mesmos, dentre outras atividades que temos relacionadas com nossos fazeres docentes, distanciam cada vez mais essas práticas de nossas aulas. Deixamos assim de reconhecer, utilizar e aprender a riqueza de conhecimentos que elas encerram. Nesse sentido, Cerda G. (1965, p. 18) afirma:

Olvidan nuestros maestros, que los recursos propios del guignõl son em si elementos de recreación, inherentes a la naturaleza del muñeco, y que ellos pueden estar al servicio de la educación para facilitar los médios de aprendizaje; para ello hay que saber organizar estos recursos [...].

Os bons encontros com os bonecos encerram muitas possibilidades. Precisamos explorá-las. Na escola, fomos percebendo o envolvimento de adultos e de crianças com eles na produção, no toque para ver de qual maneira foi feito ou no afago ao novo personagem que chegara para compor com as suas histórias. As conversas entre as crianças e os bonecos apresentaram a mágica do encontro com o fantástico, com o inusitado, com o inventado por elas nas redes tecidas dentro e fora da escola. Não havia hierarquia de saberes ou poderes, havia potência de querer e de produção de afetos que provocavam outros aprendizados, outras linguagens até então não utilizadas ou desprezadas, outras maneiras de dizer, compor, ser, falar, amar e viver.

Garcia (2000, p. 12) advoga no sentido de que as múltiplas linguagens estejam presentes na escola e enfatiza a importância de “[...] musicalizar a vida, poetizar a vida, sentir o cheiro da vida, saborear a vida, cantar e dançar a vida, ver a beleza da vida, tornar a vida bela”. Assim, a autora contrapõe a visão naturalizada acerca da escola como lugar de tristeza e as certezas equivocadas que buscam no espaço escolar somente os aspectos negativos. Dessa maneira, um outro trecho do texto estudado pelas crianças ressalta como os bonecos são constituídos como seres fantásticos e o que podem fazer por elas e pela escola na tessitura dos *curriculosafetos*: ***“As fadas tornaram-se famosas por causa dos contos de fadas, onde aparecem como personagens coadjuvantes ou auxiliares de heróis e heroínas”***.

Nas relações das salas de aula e da escola, os bonecos constituem-se como participantes das atividades, como intercessores de aprendizagens. Deleuze (1992) destaca que eles são essenciais e que necessitamos deles para nos expressar e para que eles se expressem por nosso intermédio. Nessa relação, além do encontro com as crianças, os bonecos promovem encontros entre elas, com os docentes e demais profissionais da escola. Assim, redes de solidariedade são estabelecidas e compartilhadas: um carinho expresso no jeito de segurar, de tocar, de sorrir para o

outro. Aprendizagens múltiplas vividas e sentidas por meio de pequenos seres fantásticos.

Esses cuidados que cercam bonecos e humanos vão provocando encontros e novos conhecimentos são elaborados. Também são estabelecidas novas relações com os outros – outros estudantes, outros professores, outros profissionais da escola, outros familiares: É quando o cuidado com o boneco e com “cada outro” revela o cuidado de si próprio.

Foto 40 – Pintura do boneco

Nesse sentido, outras redes e atravessamentos são produzidos nos encontros com os bonecos – encontros consigo e com os outros. Já não é “cada um”, são “todos”. Redes de subjetividades tecidas nesses processos, nesses encontros entre seres fantásticos e seres humanos.



Podemos chamar os heróis e heroínas citados no texto por aqueles que vivem e compõem os cotidianos das escolas tecendo *curriculosafetos* com as cores das suas experiências. São eles que, junto aos bonecos, se tornam também seres fantásticos. Mas, e o que dizer das crianças? Renata, a professora da 2ª série, disse que a definição de *ser fantástico* pode ter vindo da relação com a leitura de um texto do livro didático, mas o que as crianças diziam desses encontros com os bonecos? Como elas conversavam com eles? O que diziam desses novos personagens? Como compunham os encontros com eles? Como intercessores, o que os bonecos provocavam/suscitavam/possibilitavam nas relações dos cotidianos das salas de aula e da escola?

### 3.2 OS BONECOS NA TESSITURA DOS CURRÍCULOSAFETOS ENTRE AS REDES DOS COTIDIANOS ESCOLARES

Foto 41 – Retrato de Júlio, candidato a diretor, feito por Genildo, professor de Arte



*Ao interagir com o boneco, a criança vai além do que nós, adultos, professores, alcançamos, porque o que a gente quer alcançar é: processos de aprendizagem deles em relação ao conteúdo, ao que você tem estabelecido de proteção ao meio ambiente, cuidar do meio ambiente... Eles não. Eles imaginam, eles viajam... ficam olhando o boneco tipo "tem vida, não tem vida?"... Tanto que alguns queriam ir para atrás do painel ver quem estava... Estranho isso, não? Ouve o som e vê um boneco se mexendo... (PROFESSOR JÚLIO CESAR).*

Vimos, nesse texto, tratando dos bons encontros nos cotidianos escolares a partir de nossas experiências entrelaçadas com os encontros da pesquisa e com autores que convidamos para a composição dessas conversas. Apresentamos, então, o conceito *curriculosafetos* nesse entrelaçamento de vivências com a arte dos bonecos. Não buscamos uma definição única que reduza as possibilidades que esse imbricamento de palavras convoca. Defendemos que os *curriculosafetos* acontecem nos bons encontros com esses intercessores. No entanto, entendemos que são inúmeros os movimentos já existentes em nossas unidades de ensino e, portanto, falar dos *curriculosafetos* implica falar desses movimentos que produzem outros sentidos às práticas escolares.

Alves (2002), ao discutir sobre a produção dos currículos escolares, propõe a reflexão de uma nova compreensão: parte da concepção de currículo como *produto* para a de currículo como *processo*. Tal reflexão nos permite buscar compreender o currículo a partir da sua constituição nos cotidianos escolares nas *redes de poderes, saberes e fazeres* das quais seus praticantes participam. Dessa maneira, a partir da autora, compreendemos que existem vários currículos sendo produzidos, vividos e elaborados cotidianamente.<sup>4</sup>

E nessas *redes de poderes, saberes e fazeres* de constituição dos currículos também estão os dilemas e contradições sobre os *espaçostempos* de aprender e de ensinar legitimados pelos modelos formais. A produção curricular ocorre, então, nos encontros e tensões dessas inúmeras redes e dos seus atravessamentos. Cada um traz o seu tom, a sua contribuição, em movimentos de tons e forças que colorem e produzem matizados diferentes à sua composição. Nesse sentido, entendemos que a produção dos currículos é composta também das redes de afetos nas quais os seus praticantes interagem.

Os afetos são forças que nos movem e, nesse encontro entre corpos, são produzidos movimentos que potencializam ou despotencializam nosso agir. Eles constituem-se como fios nas tramas cotidianas. Nesse sentido, as tensões entre as

---

<sup>4</sup> Neste momento, não nos cabe trazer um histórico das teorias do currículo. Não que não julguemos importante, porém entendemos que trabalhos já foram produzidos com essa finalidade (LOPES; MACEDO, 2005, 2011) e nossa intenção, neste texto, é tratar dos entrelaces, dos processos curriculares entre bonecos e as relações nos cotidianos da escola.

redes provocam movimentos que mobilizam ou desmobilizam e que, portanto, traduzem os sentidos que os grupos dão às suas práticas. Isso nos ajuda a compreender os movimentos de muitos professores, professoras e estudantes que buscam outras possibilidades para viver e compor o ambiente escolar.

Foto 42 – Apresentação do teatro de bonecos “O planeta em fúria”



Espinosa (2008, p. 163) destaca que os afetos são “[...] afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções”. Entendemos essas afecções como ações de nossos corpos que podem afetar e ser afetados por outros corpos.

É nesse cenário – onde ocorrem encontros entre docentes e discentes, que, com diferentes matizados, constituem os *curriculosafetos* da escola numa composição de invenção e de vontade de criar para *perseverar na existência* (CHAUÍ, 2011), como maneira de viver e constituir suas ações – que encontramos possibilidades para a

experiência com os bonecos. Esses usos possibilitam relações mais harmônicas, menos tensas e mais fluidas que ampliam as possibilidades dos bons encontros (ESPINOSA, 2008).

A partir de Espinosa, Chauí (2011, p. 84) ressalta que “[...] as afecções do corpo e as idéias das afecções na mente” são modificações que ao corpo faz mover-se (afetar e ser afetado), e à mente faz pensar contribuindo para perseverar na existência. Por isso, somos *conatus–esforço de autoperseveração na existência* (CHAUÍ, 2011, p. 127). Na mente, esse esforço pela existência que constitui a essência humana é chamado de desejo. “Somos desejo, e nossos desejos são nós” (CHAUÍ, 2011, p.64).

Com os usos dos bonecos, outras relações são produzidas no cuidado de si e do outro (FOUCAULT, 2006): tocar os bonecos, compartilhar materiais, fazer junto, rir, emocionar-se pela obra concluída. Na produção de bonecos, os *curriculosafetos* são produzidos, assim também como outros estudantes e professores. Encontros consigo e com os outros. Redes de afetos e de solidariedade tecidas com materiais diversos entre desejos, papéis, linhas, tecidos e afetos.

À medida que mergulhávamos nos encontros com os bonecos, fomos percebendo esses movimentos. Seja nos encontros para conversas por meio da contação de histórias ou para sua confecção. Algo novo era produzido e a potência de agir era aumentada: ideias para outras histórias e bonecos, sorrisos, perguntas... e mais encontros surgiam. Uma ação encaminhava à outra, fios entrelaçavam-se e produziam novas tramas.

Outros personagens e histórias compunham o *espaçotempo* escolar...

Foto 43 – Uma história de produzir bonecos



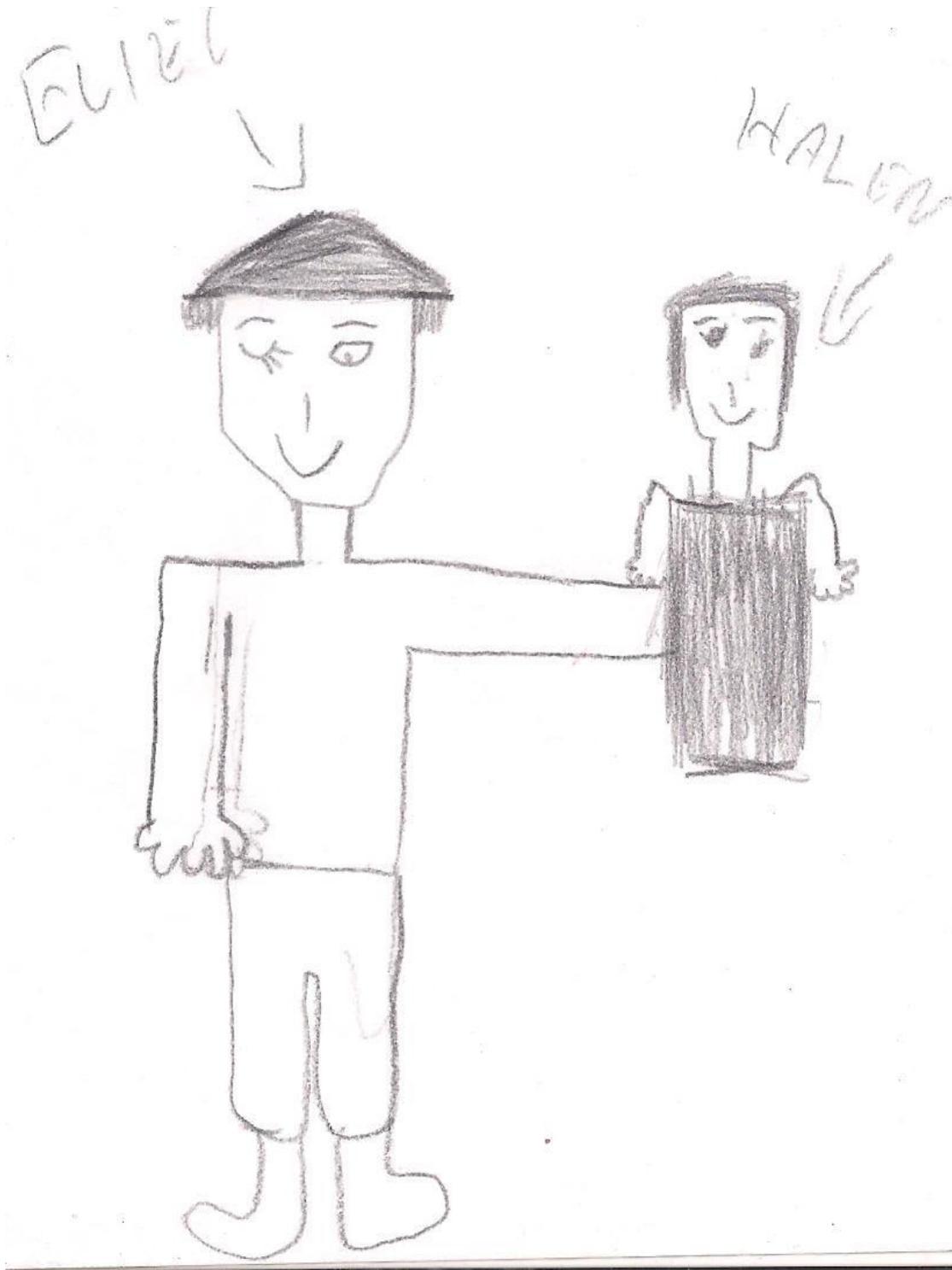
Foto 44 – Conversas durante a produção e apresentação de bonecos



Foucault (MACHADO, 2002) apresenta essas possibilidades a partir da estética da existência nesse movimento de fazer fazendo da vida uma obra de arte. Nesse sentido, os *curriculosafetos* que apresentamos, no decorrer deste texto, referem-se ao que é produzido nos encontros com os bonecos e com outras linguagens nas relações entre corpos que possibilitem a ampliação de sentidos para a vida na/da escola. Movimentos que apresentam os *espaçostempos* de diferentes aulas no ambiente escolar como expansão da vida nesses cotidianos.

Mas, o que pode acontecer quando os bonecos passam a compor as redes de constituição dos currículos da escola? Quais movimentos os encontros com eles podem provocar? O que dizem as crianças nesses encontros? Quais movimentos provocam nas práticas curriculares?

Foto 45 – Desenho de uma criança com seu boneco



### 3.3 OS BONS ENCONTROS NAS OFICINAS DE PRODUÇÃO DE BONECOS

Foto 46 – Bonecos (Roberto, Lili e Pierre) intercessores de aprendizagens



Chegamos à escola antes do toque do sinal de entrada. Cleidia, do Integral, estava no pátio com as crianças. Paramos pra conversar com ela sobre a oficina que faríamos. Perguntamos se teríamos tempo para planejar. Ela disse que iria às 13h30 min para o Americano.<sup>1</sup> Enquanto conversávamos, sentimos a bolsa que levávamos ao ombro balançar. Um menino conversava com ela:

– *Ei, Arthur! Você está aí?*

Quando percebeu que estávamos olhando, perguntou:

– *O Arthur tá aí?*

– *Você tá falando do Roberto? Não, ele não veio.*

– *Ah!!!!*—ele saiu reclamando (ESCRITAS A BORDO – 2011).

<sup>1</sup> O Americano Batista, antigo prédio da escola que levava esse nome, foi adquirido pela PMV. Funcionava como um centro onde várias atividades eram realizadas, dentre elas, oficinas para as crianças e adolescentes que participavam do Programa de Educação em Tempo Integral.

Depois da primeira visita à escola, o Roberto não parou mais de ir até lá. Optamos por levá-lo, e não outros bonecos, por causa do material resistente com o qual ele é feito e também pela possibilidade de manipulação que seus braços oferecem devido às duas hastes que os sustentam. E o Roberto foi tornando-se companhia inseparável. As crianças e os adolescentes gostavam de pegá-lo em suas mãos e manipulá-lo. Faziam carinho, conversavam com ele. Bastava que chegássemos à escola e a pergunta surgia: *“E o Roberto, ele veio?”*.

Fomos percebendo que essa aproximação nos possibilitava mergulhar mais nesses cotidianos. Os estudantes queriam saber de qual material ele era feito, onde foi comprado, quanto custou... e desejavam também ter um boneco para si. A partir, então, dessas conversas, foram surgindo possibilidades de oficinas e de momentos para contar histórias. Como já dissemos, nós nos envolvíamos nos projetos das turmas à convite das professoras. Elas viam, nos usos dos bonecos, oportunidades de diálogo com os projetos realizados em suas salas de aulas. Quando uma sabia que estávamos acompanhando alguma turma, logo nos convidavam também. Assim, fomos entrelaçando nossos fios de pesquisa aos projetos das turmas.

Carla, professora de Português, que desenvolvia com duas turmas de 6ª série o projeto “A Fúria do Amor”, sobre histórias como Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, O frade e a freira, O pássaro de fogo, e tantas outras, pediu que ensinássemos seus estudantes da 6ª série a contar histórias. Fizemos, então, uma oficina que começou com um momento de memórias. Cada um levou um objeto ou uma foto que lembrasse uma história. Daí, a turma não parou de contar histórias de parentes, da infância, de perdas, de alegrias...

Foto 47 – Histórias e memórias



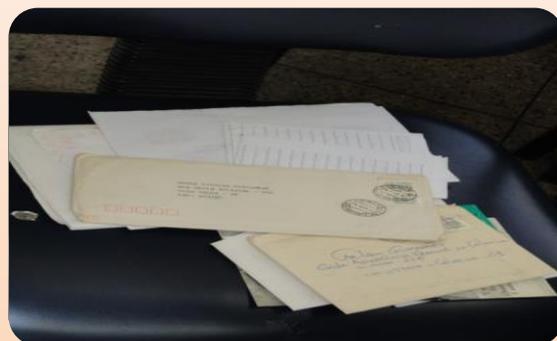
Numa ciranda de histórias, cada um contou a sua...



Histórias nas fotos de família, do Centro de Educação Infantil...



Dos objetos, e roupas que foram guardadas para lembrar momentos especiais...



E das cartas pessoais que a professora levou.

A partir desse movimento de recordar as memórias, outras maneiras de contar, com livro, cartazes, avental... foram sendo apresentadas. A turma participava, brincando e aguardando o momento em que os bonecos aparecessem.

Foto 48 – Recursos para contar histórias



Desses encontros, outros bonecos surgiram na composição das histórias estudadas pela turma: Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, O pássaro de fogo, Lampião e Maria Bonita. Os bonecos foram produzidos em tamanhos diferentes. Os maiores foram expostos na sala para que suas histórias fossem contadas. Outros foram manipulados pelos estudantes para contar as histórias dos personagens das histórias que representavam.

Foto 49 – Movimentos a partir das histórias



Cada detalhe era tratado com bastante cuidado...



Era preciso trabalhar junto...



Carla dizia que precisava utilizar materiais diferentes. Por isso, as ferramentas não saíam do seu armário...



Os bonecos recebiam carinho e cuidados...



E os contadores de histórias assumiram seus lugares...



Bons encontros que produziram outros encontros consigo e com os outros...

Chauí (2011), a partir de Espinosa, destaca que é no encontro de corpos, nas ricas e complexas relações de uns com os outros que eles se tornam fortes, potentes e mais aptos à transformação. Nesse sentido, o que foi produzido nesse sistema de afecções resultou em mais encontros, mais vida, mais desejo e mais fios que se incorporaram à tessitura das histórias.

Os encontros desses múltiplos desejos foram provocando agenciamentos coletivos. As crianças e os adolescentes foram compondo movimentos e, nas conversas, o inusitado surpreendia pela compreensão de como utilizavam os bonecos fugindo das regras, das normas que pensávamos que utilizariam e nas quais jamais havíamos pensado dessas maneiras. Elas entregavam-se ao encontro, afetavam e deixavam-se afetar. Foi assim que aconteceu com o boneco Etevaldo.

Estávamos em mais uma oficina. A professora da 4ª série trabalhava com a reutilização de materiais e pediu que a ajudássemos na produção de bonecos feitos com material reciclado:

Foto 50 – Oficina de bonecos com material reciclado



*Na segunda aula, fomos para a sala de Eleusa. As crianças haviam levado os materiais. Eleusa também. Pegamos retalhos de EVA com Vera. Falamos com as crianças que iríamos inventar bonecos. Eles já haviam pesquisado na internet alguns tipos. Começamos. Uma menina perguntou o que faria com uma garrafa, e sugerimos fazer a cabeça de um boneco, cortando-a. Bonecos semelhantes foram*

*surgindo. Outros diferentes também. Com outras utilidades também: uma menina colou os olhos de uma maneira que não dava para manipular pelo gargalho da garrafa como se fosse um pescoço. Perguntamos como o utilizaria, acreditando que, com essa pergunta, ela colaria da maneira que esperávamos. A resposta surpreendeu: “Pra enfeitar!” (ESCRITAS A BORDO - 2010).*

A resposta da menina nos fez “balançar”. A primeira reação foi de susto. Diante de bonecos que iam surgindo e falando, ela apresentou um que serviria para enfeitar. Essa foi uma das primeiras lições de uso que tivemos, mas há outros usos que vão sendo explorados...

Foto 51 – Caixa de gelatina falante



*Uma caixinha de gelatina cortada foi o suficiente pra que logo uma boca saísse falando. O menino que a manipulava passeava entre colegas e se divertia com os diálogos que criava! (ESCRITAS A BORDO-2010)*

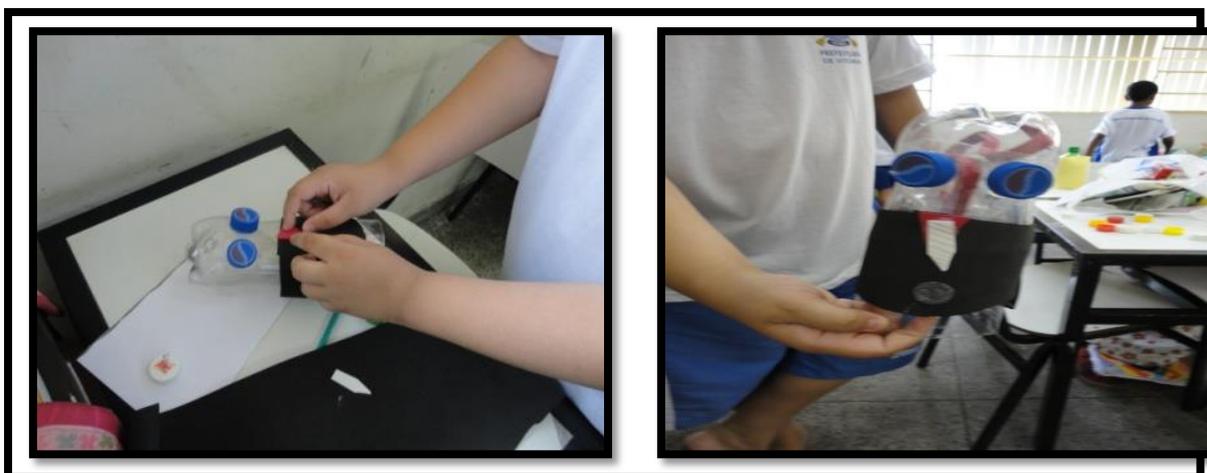
A caixinha não estava enfeitada, não havia olhos, mas ela falava, ou melhor, o menino falava por ela. Fomos aprendendo, nos encontramos com esses intercessores, que as crianças querem falar. Em suas mãos, objetos vão ganhando vida e enunciando, trazendo vozes, brincadeiras, risos, denúncias...

Kohan (2007, p. 21) convida-nos a pensar “[...] aquilo que não estamos dispostos ou que não ousamos pensar”, a entrar nos fluxos dessas conversas, nas lógicas

apresentadas pelas crianças quando encontram seres *fantásticos* e afetam e deixam-se afetar por eles. O convite é para o mergulho nessas intensidades dos encontros dos corpos e da vida que surgia nas mãos das crianças...

*Foram surgindo também bonecos-cofres e também o Etevaldo, que ganhou até cérebro! O menino que o fez caminhava pela sala apresentando Etevaldo aos outros, conversando com os outros bonecos (Escritas a bordo-2010).*

Foto 52 – Etevaldo



Tentamos conversar com o Etevaldo: *“Ele não fala não, tia!”*. Tentamos a linguagem de sinais: *“Ele não tem braços”*– respondeu o menino.

Mas se ele falava com os demais, porque não conosco? Talvez porque quiséssemos apreender, capturar... Descobrimos que as redes que o Etevaldo estabelecia eram para além da visão, da fala e dos gestos. Etevaldo era intensidade, e a comunicação entre ele e o menino ocorria por vias afetivas, não apreendidas e nem compreendidas nas lógicas de quem queria capturar, apreender, aprisionar em falas, fotos e gestos um encontro entre um menino e seu boneco. Etevaldo juntou-se aos demais na estante. Fotografamos todos já prontos e recebemos o pedido: *“Tira a foto do Etevaldo!”*.

Bonecos prontos também recebiam acessórios e iam mudando. As mãos dos meninos e meninas ágeis iam testando materiais, possibilidades e apresentando variações para o mesmo boneco.

Foto 53 – Encontros com os bonecos



O boneco-enfeite, o Etevaldo e a caixinha de gelatina falante chamaram nossa atenção... As crianças foram dando sentidos para suas criações. Prazer, brincadeira, criação... Que encontro potente!

Uns bonecos provocavam aqui, outros nasciam ali... nas salas de aula, nos corredores, no refeitório e, nessa ciranda, também foram “nascendo” os bonecos que fizemos com as crianças que participavam do Programa de Educação em Tempo Integral.

Já conhecíamos Júlio, coordenador do Programa na escola, por termos sido colegas de trabalho na Seme/Central. Desejávamos realizar alguma atividade com ele, mas cada vez mais convites para as oficinas nas salas surgiam. Um dia, lanchando na sala dos professores, Rosiane, diretora na época, começou a dizer que queria ver o Integral na abertura da Mostra Cultural. Fomos pensando em como fazer.

Compartilhamos com Júlio, com as educadoras sociais e com as crianças. Assim nasceu a ideia de um mundo de onde brotasse gente, quer dizer, *bonecosgente*.

Da conversa inicial à fabricação da massa de papel machê, da pintura e da confecção das roupas, muitos movimentos foram surgindo... Trabalhávamos no refeitório, no corredor... na sala de informática para pesquisar características dos personagens que seriam construídos a partir do seu país de origem. Eles representariam crianças de diferentes países discutindo sobre problemas a partir da temática “Reconstruindo o planeta em fúria”.

Foi preciso pesquisar sobre cada país, costumes... experimentar cores, texturas... essa foi uma tarefa divertida e que promovia outros encontros. A vontade de mostrar cada detalhe que surgia levava-nos a caminhar com os bonecos pela escola, despertando a curiosidade e sorrisos de crianças e dos adultos.

Os bonecos receberam nomes, características e iam nascendo nas mãos das crianças. Elas pegavam-nos e conversavam, contavam histórias... os profissionais da escola que passavam por nós também brincavam, mexiam nos bonecos. As crianças de outras turmas ficavam fascinadas. Queriam pegar, brincar, perguntavam se iriam fazer também.

Foto 54 – *Flashes* de uma história de produção de bonecos

Já havíamos definido a quantidade de bonecos, seus nomes, as roupas... até que uma criança propôs uma mudança: Samara faria um boneco-menino que representaria uma criança brasileira na história do mundo, especificamente um estudante do TAN. Como eram muitos bonecos, as crianças ajudavam-se. Ela ajudou uma colega a fazer o cabelo de uma menina chinesa. Ao ver terminado o cabelo da boneca de sua colega, não resistiu: *“Deixa eu fazer menina também?!”*.

A princípio, tentamos convencê-la a mudar de ideia, mas o pedido de Samara e o nosso estranhamento nos fez olhar para os bonecos de outras maneiras. Por que aprisioná-los em modelos masculino e feminino? Eles estavam nas mãos das crianças e seriam compostos por elas. Poderiam ser meninos, meninas, meninos-meninas, meninas-meninos. Isso pouco importava. Os bonecos eram intensidades vibrando em suas mãos.

Amaral (2005) ressalta que os bonecos transmitem as ideias das coisas, mas não são as coisas. Nesse sentido, não necessitam ser reprodução da realidade com exatidão. Eles remetem à ideia do que representam e aí está o fascínio da arte: os bonecos recebem a energia de quem os manipula e tornam-se animados, recebendo e transmitindo vida. Os meninos-meninas nas mãos das crianças remetiam à ideia de crianças de outros países, recebiam a energia de suas mãos e criavam movimentos para além dos pretendidos para a apresentação. Eram forças que no encontro se tocavam e se deixavam tocar pelo inusitado, pela surpresa e pelos afetos.

Seguindo a preparação para a apresentação, logo veio a necessidade de preparar a empanada,<sup>2</sup>que seria um mundo com janelas de onde os bonecos sairiam. Genildo, professor de Arte, ampliou o planisfério no papelão que montamos com várias caixas abertas. Daí veio o momento de pintar e que foi bem aproveitado pelas crianças.

---

<sup>2</sup> Palco onde o teatro de bonecos é apresentado.

Foto 55 – Colorindo o “mundo”



Tintas, cores, movimento nos corredores, na quadra... Quem passava olhava, perguntava, ajudava... Íamos nos divertindo com “o nosso mundo”. Os bonecos já estavam prontos e terminávamos a empanada. Faltava ensaiar. Com o texto nas mãos, acertávamos as falas. Uma pontinha de nervosismo... Como será no dia da apresentação? O coral de libras<sup>3</sup> comporia com uma música após a história. Ideia de Rosiane. Ela era assim: ia agregando pessoas, ideias... o Marcelo, professor de percussão, *oficineiro* também do Integral, compôs conosco ao conduzir uma orquestra que produzia sons que representavam vento, furacão, terremoto... utilizando teclados de computador, mangueiras... As crianças se divertiam com esse movimento.

<sup>3</sup> Na escola não havia crianças com deficiência auditiva; no coral de libras, tampouco. O grupo era coordenado pela professora de informática que conhecia a linguagem e ensinava às crianças e adolescentes do coral.

Foto 56 – Apresentação da história de um planeta em fúria



Chegou o dia da apresentação. Chegamos cedo para colocar a empanada no lugar. O movimento na quadra nos mostrava que aquela não seria uma manhã como tantas outras. Não havia filas. Algumas ferramentas e escada eram usadas ao invés dos cadernos, livros, lápis, borracha... Tínhamos “um mundo” para colocar “de pé”... Ele seria o palco para a apresentação dos bonecos.

Sobe escada, desce escada, prepara o som, “pega o mundo”, arruma boneco, revisa o texto... últimos combinados... e, entre os sons de um planeta em fúria, surgiram, nas janelas do mundo desenhado e pintado pelas próprias crianças, os bonecos contando as suas histórias. Emoção, suspense, apreensão, alegria... um misto de sentimentos por quem havia produzido, além dos textos escritos, outros textos orais e corporais. Não resistimos e choramos... Intensidades, movimentos de lembranças dos processos vividos com toda a boniteza da apresentação. A cada janela aberta uma surpresa... Aprendizados compartilhados, seja soprando “*Agora é você!*”, seja ajudando o colega a falar o seu texto. Afetos construídos, vidas compartilhadas, conhecimentos vividos, experiências para toda a vida...

Fomos, nesses encontros, vivendo a criação de novos mundos a partir da arte dos encontros com seres frágeis, de materiais simples, mas que ganharam vida nas mãos das crianças. Cores e texturas produzidas por elas.

Palmas! A apresentação foi encerrada. Elogios, comentários sobre a beleza produzida. Os bonecos produziram outros textos em quem também assistiu. Arte dos encontros. Fim? Não?! Outros momentos foram produzidos e ainda serão. Fomos marcadas significativamente por essa experiência. Outros bonecos nasceram e nascerão trazendo outras histórias. Fomos ainda a outros espaços carregando o “nosso mundo”: Feira do Verde e reunião de diretores e coordenadores do Programa de Educação em Tempo Integral.

Os bonecos, intercessores de aprendizagens, seres fantásticos, nas mãos das crianças nos apontaram muitas possibilidades de bons encontros. Abrir espaços para que esses diálogos ocorram implica mudanças nos nossos modos de ver e de fazer. Esse seria um movimento importante para pensarmos com a escola as suas práticas a partir das lógicas e desejos infantis.

Afinal, como seria o movimento nas salas de aula com os bonecos participando de suas histórias? Quais cenas representariam? O que contaríamos desse encontro entre crianças e bonecos nas salas de aula?



### 3.3.1 Os seres fantásticos nas mãos das crianças: cenas na sala de aula

Foto 57 – Cenas com bonecos na sala de aula



## Cena 1

*Diante da câmera, três crianças mostravam seus bonecos. Havia movimento na sala. Estavam de pé, andando, conversando com e através dos bonecos. Quem estava de frente para a câmera mexia os braços dos bonecos ainda sem mãos.*

*Alex saiu de um dos cantos da sala e veio em direção ao grupo que estava sendo filmado, com o boneco como um bebê afagado em seu colo: “Oh! Tia!... tira foto do meu bebê”.*

*Isaque, que estava junto com ele, veio em seguida e colocou seu boneco na frente do dele. Com a mão, Alex empurrou o boneco de Isaque e olhou para a câmera como se quisesse congelar a imagem através da foto com o boneco entre os braços (ESCRITAS A BORDO - OUTUBRO/2010).*

O que pode acontecer no encontro entre crianças e bonecos? Essa foi a pergunta que nos acompanhou durante a pesquisa. Desejávamos acompanhar esses movimentos e a potência desses encontros.

Numa das oficinas realizadas, acompanhamos um grupo de crianças da 1ª série que realizava o projeto “Qual é o seu papel?” sobre a história do papel e sua reutilização. A oficina na sala de aula foi feita passo a passo: cobertura das garrafas com papel e cola, papel machê para compor detalhes do rosto, pintura e... a roupa. Com ela, os bonecos ganharam corpos e, nas mãos das crianças, receberam afagos e movimentos. As histórias, nos diversos espaços da sala, foram surgindo. A professora Solange ajudava-os a vestir os novos personagens. Faltavam cabelos e a pintura dos detalhes na cabeça. Mesmo assim, a cada roupa colocada, o nascimento de mais bonecos ia compondo com os demais. Fomos seguindo as cenas com a câmera. Sons e vozes ecoavam na sala, movimentos, representações variadas. Linhas se cruzavam e produziam devires. Devir-boneco, devir-criança, devir-boneco-criança...

A organização da sala já não era a mesma. Os bonecos bailavam, conversavam, as crianças moviam seus corpos no mesmo compasso. Textos orais e corporais surgiram. As crianças brincavam, riam... representavam.

Os diálogos com os bonecos nos encaminharam para conversar com outros intercessores: as crianças. Para isso, precisamos mergulhar nas intensidades de suas experiências: viver, brincar, imaginar. Nesse sentido, Kohan (2004, p.63) ajuda-nos a compreender

[...] a infância como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. É a infância que encontra-se num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes [...].

Reconhecer que é possível aprender com as crianças nos permite questionar as concepções de infância pautadas num modelo arborizante que compreende pessoas, modos e saberes como inferiores ou superiores. Atento às dicotomias, não reconhece a multiplicidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e o pensar desse modo nos conduz à não experiência da potência dos diálogos com as crianças, concebendo-as como incapazes e a quem cabe somente aprender o que os adultos lhe ensinam.

Por isso, propomos “desaprender” (KOHAN, 2007) com as crianças as lógicas nas quais até então nos sentíamos confortavelmente firmados. Buscamos, no encontro entre crianças e bonecos, uma *pedagogia rizomática* (LINS, 2005) que irrompa as experiências de sabores pela voz das crianças. Mostrando-se como rizomas que aqui e ali irrompem, elas nos instigam a pensar na potência desse bom encontro e nas multiplicidades de sentidos que ele produz.

Durante a confecção dos bonecos, as crianças atribuíram sentidos à sua criação. Formas, texturas e cores passaram a compor um novo personagem com o qual dialogavam. Já não era massa, tinta ou pano, era um outro que surgia nessa composição:

Carlos estava pintando o seu boneco. Passou a mão sobre ele e disse:

*–Na hora que ficar igual ao Roberto... vai virar um menino...*

O boneco-menino de Carlos passou a compor a sua história. O menino fez planos com ele, brincava, inventava. Um novo personagem, um amigo, um intercessor... boneco-menino, menino-boneco nos desejos de uma criança.

Outras cenas continuaram acontecendo nas salas, nos corredores, no pátio, no refeitório, compondo bons encontros na escola.

Foto 58 – Movimentos de crianças e bonecos



#### Cena 2:

*Enquanto a professora falava a um grupo de crianças, uma delas ficava assentada com o boneco na mão, outros duas conversavam: uma virada para trás sobre a mesa da outra. Os bonecos pareciam ser extensão de suas mãos, pois conversavam gesticulando. A outra se abaixou sob a mesa e ensaiou uma apresentação onde seu boneco falava a outros que não estavam ali. Talvez falasse a ele mesmo, em sua busca de conhecer a si, aos outros e ao mundo (ESCRITAS A BORDO - OUTUBRO/2010).*

Um encontro de corpos que produz movimento: assim é o encontro dos bonecos nas mãos das crianças. O novo amigo, brinquedo e intercessor, que possibilita diálogos até então inexistentes. Potência de agir aumentada. Segundo Espinosa (2008, p. 163), o afetamento do nosso corpo pode ocorrer de modos variados, aumentando ou diminuindo a potência de agir. Assim, nossa mente também pode passar por mudanças experimentando afetos, como a alegria ou a tristeza que são a passagem

para uma perfeição maior ou menor, respectivamente. Esses dois afetos são chamados por ele de alegria quando “[...] referido simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; [...]” e de tristeza quando referido a “[...] dor ou melancolia”.

As conversas entre as crianças e os bonecos apresentaram a mágica do encontro com o fantástico, com o inusitado, com o inventado por elas nas relações rizomáticas com as redes de subjetividades da sala de aula.

Os bonecos, novos personagens nas relações da sala de aula, à medida que ficavam prontos, foram se constituindo como interlocutores das experiências das infâncias e receberam cuidados delas. E, nesse fazer ao outro e a si mesmo, foram produzidos outros afetos...

Assim, se a natureza de um corpo exterior é semelhante à de nosso corpo, então a ideia do corpo exterior que imaginamos envolverá uma afecção de nosso corpo semelhante àquele afeto. Portanto, por imaginarmos que uma coisa semelhante a nós é afetada de algum afeto, seremos afetados de um afeto semelhante ao seu (ESPINOSA, 2008, p. 195).

Os diálogos com Espinosa (2008) e os usos dos bonecos aproximam-se à medida que esses encontros geram afetos, entendidos pelo autor como “[...] afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções [...]” (ESPINOSA, 2008, p. 163).

Os bonecos, inicialmente corpos estranhos, passaram a compor as relações na escola. Surgiram então movimentos nos modos de fazer, de costurar, de colar, de compor, de misturar cores... de produzir textos, de manipular, de brincar com as vozes. O encontro com os bonecos passaram a compor outros encontros entre crianças e professores.

Também outras linguagens, outros aprendizados foram elaborados nesses encontros... Os afetos com os bonecos, durante os encontros de confecção ou dos encontros com seus corpos frágeis na interpretação das histórias, potencializaram suas aprendizagens.

Esses cuidados que cercaram bonecos e humanos provocaram encontros e, a cada encontro, novos conhecimentos foram elaborados. Também foram estabelecidas novas relações com os outros – outros estudantes, outros professores, outros profissionais da escola, outros familiares. O cuidado com o boneco e com “cada outro” revelou o cuidado de si próprio. Já não eram somente as crianças e os bonecos. Eram as *criançasbonecoscrianças*. Multiplicidades.

Foto 59 – Bonecos: novos personagens nas relações da sala de aula



Cena 3:

*Alguns meninos brincavam com seus bonecos. Aproximamos a câmera deles. Eles pararam e um deles nos ofereceu um salgadinho desses de saquinho. Agradecemos.*

*Caminhamos pela sala. Rose nos disse que ainda não tinha a roupa de seu boneco.*

*Mais poses de crianças e bonecos para as câmeras. Alex apareceu em nossa frente com seu boneco nos braços, como se fosse um bebê.*

*–É o meu neném!*

*–Você está fazendo ele dormir?*

*Ele saiu sem responder (ESCRITAS A BORDO- OUTUBRO/2010).*

Com os bonecos nas mãos, as crianças caminhavam pela sala, conversavam e brincavam. A professora terminava de ajudá-las a vestir seus novos amigos. Havia sons por toda a sala, mas não parecia incomodar. Os corpos movimentavam-se e não havia qualquer tentativa de contê-los. Abraços, beijos, afagos ocorriam entre os seres *fantásticos* e as crianças. Bom encontro que aproximava ainda mais docentes e discentes e que produzia outros sentidos naquela sala de aula. Em suas mãos, os bonecos ganhavam vida e expandiam as possibilidades de aprender e de ensinar na sala de aula. Cuidados com os bonecos e cuidados uns com os outros.

Então, para a relação entre bonecos, crianças e docentes, *epiméleiaheautoû*, o *cuidado de si mesmo*, apresenta as possibilidades de discussão sobre os bons encontros ocorridos, os afetos encadeados e as redes estabelecidas nos cuidados de si e do outro. É quando é preciso olhar pra si e para os outros – outros, cuidar de si e dos outros, preocupar-se consigo e com os outros, aprender consigo e com os outros.

Os cuidados compõem os bons encontros entre bonecos e crianças. Foucault (2006) encontra em Sócrates a defesa para apresentar um termo usado por ele: o grego *epiméleia heautoû* (em latim “cura sui”) – o cuidado de si. Então, *epiméleia heautoû* como o *cuidado de si mesmo*, o *fato de ocupar-se consigo* (FOUCAULT, 2006, p. 4,5), que não recebeu importância na historiografia da filosofia, contrapõe-se ao *gnôthi seautón* – *conhece-te a ti mesmo* – *fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade*. Para Foucault (2006, p. 18):

[...] a razão mais séria, parece-me pela qual este preceito do cuidado de si foi esquecido [...]. Parece-me que o 'momento cartesiano' [...] atuou de duas maneiras, seja requalificando filosoficamente o *gnôthi seautón* (*conhece-te a ti mesmo*), seja desqualificando, em contrapartida, a *epiméleia heautoû* (cuidado de si).

Nesse sentido, outras redes e atravessamentos são produzidos nos encontros com os bonecos – encontros consigo e com os outros. O fazer antes individual tornou-se coletivo. Não há um fazer, há fazeres. Movimentos gerados pelo encontro de corpos que se misturam e compõem histórias de meninos-bonecos e bonecos-meninos. A maneira de tocar, de falar, de aproximar-se muda nessas relações: corpos mais próximos, proposição de brincadeiras, vozes, toques e risos.

Foto 60 – Cumplicidade entre crianças e bonecos



Cena 4:

*Muitas crianças estavam assentadas e outras em pé próximas às suas cadeiras.*

*O som era de muita conversa. Em diferentes pontos, os bonecos foram os disparadores dessas trocas entre eles. Exploravam o uso do boneco, sua manipulação, colocavam-nos pra conversar com outros, pra caminhar por cima do encosto das cadeiras... Os bonecos tornavam-se prolongação das mãos: queriam apontar algo, falar gesticulando... Lucas tentou dar um cocorote no boneco do colega, mas quando viu que estávamos filmando, deu um “tchau”.*

*Em grupos ou sozinhos cada um explorava o seu boneco (ESCRITAS A BORDO - OUTUBRO/2010).*

Com os bonecos nas mãos, as crianças ensaiavam inúmeras possibilidades de conversar e de brincar. A sala de aula tornou-se cenário para encontros variados. Múltiplas histórias e personagens foram surgindo. A horizontalidade nas relações foi a marca dessa experiência. Quando recebia a roupa, o corpo, entre as mãos das crianças os “bonecos nasciam”.

Arte do encontro, utilizar ou não essa linguagem? Essa foi uma decisão da professora ao querer proporcionar às crianças o uso do papel machê com a produção dos bonecos. A cada etapa do processo, ela percebia o que ia mudando em sua sala e as crianças também. Os bonecos tornaram-se o centro das conversas e dos interesses. Por isso, tratando desses bons encontros com os bonecos e as histórias, temos também, nessas relações, as implicações das decisões tomadas pelos usos dessa arte, quando encontramos nela as possibilidades de buscar outros modos de aprender e de ensinar nos cotidianos das escolas. Com os bonecos (e outras artes expressas por múltiplas linguagens), os afetos produziram movimentos que se constituíram em atos políticos nos desejos por viver numa instituição onde nossas práticas “[...] fazem irromper jardins no chão de nossas escolas” (LINHARES; GARCIA, 2001).

É do que Foucault trata “[...] a partir da noção de ética” (CASTRO, 2009, p. 150), apresentando a noção de estética da existência como a aceitação por princípios aos quais as pessoas se agregam a fim de viver a beleza que propõem.

Por estética da existência, há que se entender uma maneira de viver em que o valor moral não provém da conformidade com um código de comportamentos, nem com um trabalho de purificação, mas de certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que se faz deles, nos limites que se observa, na hierarquia que se respeita [...] a estética da existência é uma arte, reflexo de uma liberdade percebida como jogo de poder [...] (CASTRO, 2009, p. 150, 151).

“Ter uma vida bela e deixar a memória de uma existência bela” (CASTRO, 2009, p. 151) encontra possíveis nesses encontros de afetos. Dessa maneira, as práticas cotidianas das professoras que decidem utilizar materiais incomuns aos que comumente nos referimos como pertencentes ao ambiente escolar, bem como a contradição que enfrentam quando os seus modos de atuar são permeados por linguagens que fogem ao que é considerado como uma “aula” apresentam a sua estética da existência na constituição dos *curriculosafetos* da escola.

Cena 5:

*Solange, em sua mesa, riscava num papel mais resistente as mãos dos bonecos, enquanto mais movimentos surgiam...*

*Uma menina aproximou seu boneco de algo que estava escrito no quadro, como se ele estivesse lendo ou escrevendo.*

*Focamos no centro da sala onde quatro meninas conversavam com seus bonecos.*

*Alex chegou nesse grupo e, olhando para o seu boneco, apontou o dedo em sua direção, como se estivesse ordenando algo.*

*Ele veio na nossa direção e disse:*

*– Oh, gente, oh, gente... [passou a mão no ar, horizontalmente, na frente do boneco]*

*Alex estendeu o dedo indicador e sua mão ficou assemelhada a uma arma. Ele fez um movimento como se atirasse no boneco. Em sua outra mão, o boneco abaixou a cabeça para trás, como se tivesse sido atingido. Alex saiu de frente da câmera.*

*Conduzimos novamente a câmera em direção às meninas. Elas celebravam um casamento.*

*Tinham nas mãos dois anéis de plástico. Um dos bonecos era o pai, que deu as alianças aos noivos. Eles colocaram os anéis e se beijaram. Elas celebraram:*

*– Ah! Se beijaram!...*

*– Eh!!! (ESCRITAS A BORDO – OUTUBRO/2010).*

Foto 61 – Histórias com os bonecos



As conversas entre os intercessores: bonecos, Foucault, Espinosa e as crianças, contribuíram para a continuidade com outras conversas... Como rizomas, as crianças estabeleceram conexões com os bonecos e passaram a criar cenas, textos inventados e conhecidos. Em suas mãos, eles passaram a compor um mesmo corpo com elas. As crianças traçaram linhas de fuga “fugindo” da câmera que as seguia. Elas diziam e se deixavam dizer em suas composições. Criavam movimentos e compunham histórias. Como rizomas, irrompiam em vários locais da sala de aula com seus modos de dizer, de brincar, de representar. O real e o imaginário se entrelaçavam. Elas mergulhavam na brincadeira que o encontro proporcionava. Um bom encontro que aumentou a potência de agir e que nos moveu a continuar indagando: que outras possibilidades esses encontram proporcionam? O que as crianças ainda têm a dizer? Que outros movimentos os bonecos produziram? Há outros bons encontros para serem contados? Quais serão os outros fios dessa história?

#### 4- OS BONECOS NAS ARTES E MANHAS DE BRINCAR



Foto 62 – Mosaico produzido pelas crianças do 2º ano com a professora de Arte, Geruza

#### **MINHA INFÂNCIA**

*Quando eu era criança, morava em uma fazenda linda onde meu pai trabalhava. Lá tinha lugares lindos e mágicos para brincar, lugares onde hoje muitas crianças não conhecem nem na imaginação. Foi lá que passei minha infância, inventando e descobrindo brincadeiras novas a cada dia. Lembro-me, como se fosse hoje, das brincadeiras com meus seis irmãos. As brincadeiras eram bastante divertidas. Além de esconde-esconde, pique-bandeira, passa anel, amarelinha, tinha as mais divertidas como, por exemplo, subir em árvores. E uma que eu gostava muito era fazer panelinhas e bonecos de barro à beira da lagoa. Os carrinhos feitos de latas, com rodinhas de borracha de havaianas velhas também eram um sonho. Fazer os próprios brinquedos já era uma grande brincadeira, imagine quando ficavam prontos! Era uma grande alegria... Brinquedos comprados, só lembro de um, uma boneca que meu pai me deu já faz uns 30 anos, que guardei até hoje, uma lembrança do meu pai e da minha memória. E quando guardamos tudo isso dentro de nós, somos eternamente crianças, e até hoje gosto muito de coisas relacionadas à criança, de brinquedos a filmes etc. Aqui está um pouquinho da minha infância, ficaria dias escrevendo se fosse contar tudo (LÚCIA, mãe de Davi).*

Os bonecos ampliaram os nossos encontros no TAN: estivemos envolvida nos projetos das turmas no ano de 2010 e, como disse uma das professoras: “Os bonecos invadiram a escola!”. Eram bonecos nas histórias de amor das sextas séries, no reaproveitamento de papéis das turmas de 1ª série, na história de São Pedro da 3ª série, no material reciclado da quarta série e na história criada com as crianças que participavam do Programa de Educação em Tempo Integral e faziam parte de diferentes turmas. O Roberto foi ganhando novos “primos” e, em diferentes *espaçotempos*, esses novos personagens foram compondo as histórias da escola.

A continuidade no ano seguinte foi um desejo inevitável. Algumas professoras pediam que fizéssemos também nas turmas das quais não participamos, e as crianças também queriam fazer novos bonecos:

–*Eu quero fazer um boneco pra ele fazer companhia pro outro que eu já tenho* (JOYCE).

No entanto, a surpresa veio de uma maneira diferente no ano seguinte: retornamos de um período de licença para estudo e, pelas relações de afeto com a escola e por sugestão de nossa orientadora, escolhemos, como posto de trabalho, a EMEF Tancredo de Almeida Neves. Assumimos uma turma do 2º ano do ensino fundamental. Ouvimos, na escola, que essa escolha não foi nenhuma novidade porque já éramos chamada de *professora da escola*.

Com a responsabilidade de assumir uma turma em todas as manhãs já não dava para trabalhar com muitas oficinas, então aproveitamos a oportunidade para que nossa sala de aula se tornasse também um *espaçotempo* de diálogos com os bonecos. Passamos a considerar nossa sala de aula como uma continuidade da pesquisa. Tínhamos a intenção de levar bonecos e de viver a experiência das oficinas de confecção e de manipulação. Tivemos uma primeira experiência com esse grupo e as crianças entre conversas sobre amor, doenças, dinheiro, religião... e dos conhecimentos que tinham sobre esses assuntos foram nos apresentando outro uso dos bonecos: brincar.

Foto 63 – Histórias durante uma oficina



*\_Coloca cabelo, senão vão pensar que ela tem câncer – disse Jhenifer a outra colega.*

*\_O que é câncer? – perguntamos.*

*\_É uma doença – e continuou a fazer sua boneca.*

*“Você é meu amor, meteoro da paixão...” Cantava um grupo de crianças.*

*\_Você não sabe o que é amor – disse Jéssica a um dos meninos que cantava.*

*\_E o que é amor? – perguntamos.*

*\_É namorar – respondeu Lucas e terminou numa gargalhada.*



*Andreia e Alice brincam de pique.*

*\_Tá com você –Andreia sai com sua boneca correndo sobre a mesa.*

*Uma boneca “boia” a outra.*

*\_Vocês estão brincando? De quê?*

*\_Pique-boia.*

*\_E como é que brinca de pique-boia?*

*\_Tem que correr e boiar– fala Alice.*

*Com as bonecas entre seus dedos, as meninas fazem-nas correr sobre as mesas.*

*Os bonecos transformaram-se nas mãos das crianças. Um deles foi gerente, depois virou palhaço. Lãs foram usadas para compor cabelos e depois serviram para enfeites. As crianças disseram que a lã dourada era ouro.*

E foi brincando com os bonecos que textos orais e corporais surgiram. As crianças movimentavam-se na sala, conversavam muito e iam produzindo os bonecos entre as suas falas. Elas compartilhavam materiais e davam sugestões para a construção dos bonecos dos colegas. O movimento era coletivo. Os bonecos representavam diferentes papéis e elas se divertiam com isso. Brincavam. Começamos no início da manhã, e a brincadeira durou até a hora do recreio. Após o recreio, continuaram brincando e foram nos mostrando, além da possibilidade do boneco como brinquedo, também da sua permanência na sala numa convivência amistosa com os cadernos e as atividades sistematizadas.

Foto 64 – Entre bonecos e cadernos



Os bonecos passaram a participar das atividades seja nas mãos das crianças, seja acomodados ao lado dos cadernos “olhando” o que acontecia.

Novos personagens, seres fantásticos intercessores estavam ali, bem perto das crianças.

Esses movimentos das crianças nos encantavam: as maneiras como brincavam e como diferentes materiais em suas mãos se tornavam brinquedos. Os bonecos também foram logo envolvidos em suas brincadeiras. Para Espinosa (2008), os bons encontros aumentam a potência de agir e, nesse sentido, esses movimentos aumentavam as possibilidades de bons encontros a partir do que as crianças propunham. Com os bonecos, elas brincavam, atribuindo-lhes seus nomes, de parentes ou de colegas. Fomos aprendendo com elas como aproveitavam todas as situações para brincar e inventavam as maneiras mais inusitadas de transformar as atividades do dia a dia em brincadeiras.

Mas não estivemos sozinha com a nossa turma. No TAN, as professoras das séries

iniciais trabalhavam juntas na realização dos projetos. Trabalhamos junto com a professora Renata da 2ª série.<sup>1</sup> No ano anterior, foram suas crianças que chamaram o Roberto de *ser fantástico*, e ela continuou com a mesma turma em 2011. Desde o ano anterior, já havíamos estreitado laços de amizade e isso contribuiu para o trabalho que tínhamos para desenvolver.

Acreditamos que também em razão de nossa amizade, começamos a “misturar” nossas crianças produzindo bons encontros. Nossas filas para a entrada nas salas eram próximas e passamos a conversar com e sobre as crianças umas das outras nesse momento. Compartilhávamos atividades e assistíamos a filmes juntos. Trocávamos bilhetes com ideias de planejamentos que eram levados pelas crianças de uma sala a outra. Um dia em que as turmas estavam organizadas na quadra 1, a nossa turma foi chamada primeiro para participar de uma atividade na quadra 2 e a turma de Renata foi seguindo também. A coordenadora logo lembrou que só uma turma fora chamada e Henzell, para explicar o que estava acontecendo, gritou movimentando as mãos no alto apontando para todos: “*Estamos juntos!*”

E foi assim, *juntos*, que passamos a desenvolver os projetos de nossas turmas. A temática para o ano de 2012 foi “*Quem ama TANbém cuida*”, escolhida entre outras com a votação de todas as turmas. Precisávamos, assim como as outras turmas, definir nossa proposta de trabalho. E foi observando os movimentos das crianças que percebemos como o brincar estava na urgência de suas ações. Foi assim que surgiu o projeto: “*Brincadeira é coisa de criança!*”. A justificativa dessa ação foi apresentada no projeto que apresentamos:<sup>2</sup>

[...] Nossos alunos e alunas vêm de experiências no Centro de Educação Infantil com tempo, espaços e recursos que possibilitam a realização de sua atividade mais séria e importante: brincar!

No entanto, reconhecemos que, apesar do oferecimento das condições, é necessário que os profissionais também estejam atentos a essa especificidade da infância. Entendemos também que é necessário que se ofereçam às crianças oportunidades de ampliar

---

<sup>1</sup>Havia nomenclaturas diferentes na escola. A nossa turma foi a primeira a entrar na escola a partir da denominação de “ano”. As demais continuavam sendo chamadas de “série”. Nesse caso, a turma de Renata era composta por crianças que tinham, em média, um ano a mais de idade que as da nossa turma.

<sup>2</sup> Após a escolha da temática geral, as turmas tinham de decidir por um projeto de trabalho e apresentá-lo por escrito, com a justificativa, objetivos, descrição de atividades e os materiais necessários para a sua execução.

seu repertório, no caso, de oportunizar o conhecimento de maneiras diferentes de brincar, bem como de conhecer o passado e dialogar com suas experiências no presente.

Por isso nos desafiamos a mergulhar no mundo das brincadeiras buscando seguir as lógicas infantis nos desejos de constituir na escola *espaçotempos* que promovam as brincadeiras dentro e fora da sala de aula e da escola.

Como disparadores das nossas intenções trazemos as brincadeiras chamadas de 'antigas' e as cantigas de roda junto às formas de brincar 'atuais' para discutir as temáticas junto com as crianças, os seus familiares, os profissionais da escola e tantos outros que desejarem dialogar conosco.

Nosso desejo, além de apresentar os trabalhos das crianças, é discutir os usos dos brinquedos e das brincadeiras no ensino fundamental como ferramenta indispensável ao desenvolvimento das crianças, principalmente as que estudam nos anos iniciais.

Como já apontamos, faremos das memórias de brinquedos e brincadeiras uma ponte entre o passado e o presente para trazer essa temática de estudo e, nesse sentido, discutir e apresentar possibilidades para a constituição dos currículos dos anos iniciais do ensino fundamental, enfatizando que 'Brincadeira é coisa de criança!'

*DULCIMAR PEREIRA – profª do 2º ano*

*RENATA NOBRE AIRES – profª da 2ª série.*

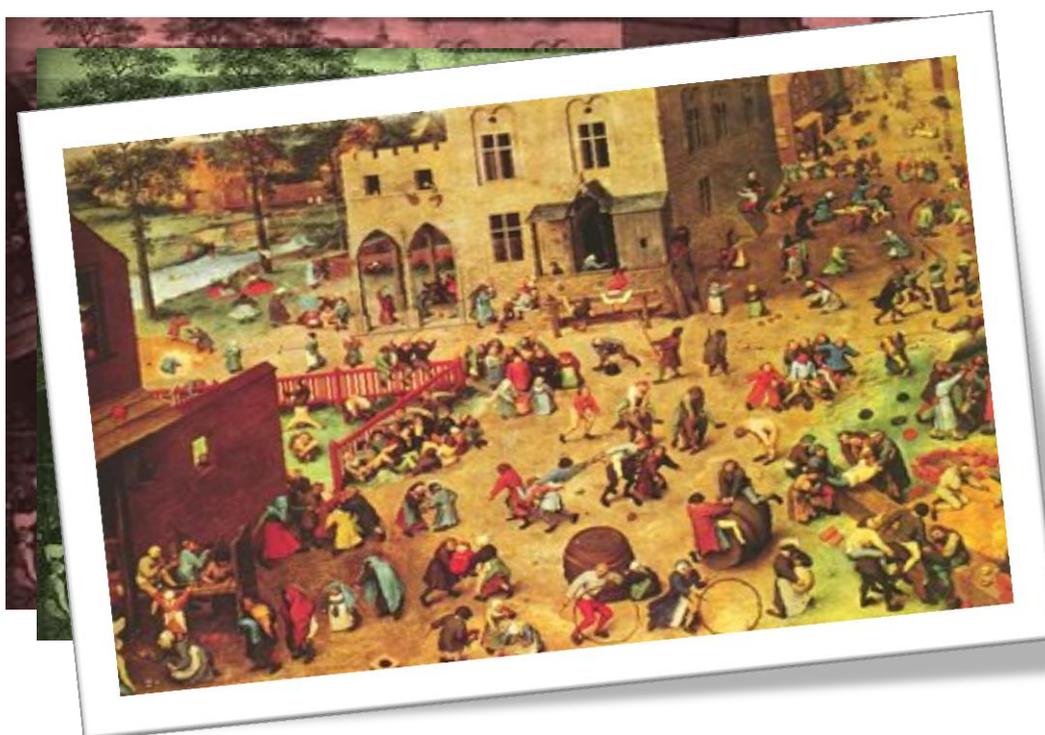
Esse projeto orientou nossas ações durante o ano e foi alterado, revisto, retomado, reelaborado a cada novo movimento. Nossas turmas já estavam envolvidas e não foi difícil o desenvolvimento das ações com todas as crianças. Elas sempre nos surpreendiam tanto nas sugestões e perguntas que faziam como nos modos como iam realizando cada atividade e cuidando para que ninguém ficasse de fora. Havia um cuidado entre elas expresso na troca de materiais, na lembrança de quem faltou à aula e na organização da sala. Reuníamos 50 crianças numa sala de aula e nunca tivemos qualquer problema de indisciplina. Elas foram se envolvendo e compondo o projeto com as suas ideias.

Fomos buscando histórias, músicas e atividades relacionadas com a temática para que pudéssemos apresentar às crianças e realizar as ações com elas. Renata conseguiu um livro com a pedagoga da escola onde trabalhava à tarde, "A menina do anel", de Bia Bedran e contou para nós. A menina da história passava por diferentes fases, mas as lembranças da infância e de seus brinquedos sempre a

acompanharam. Na história, ela fazia bonecos e brincava depois com sua filha. A partir dessa história, fomos buscando dialogar com as crianças sobre as relações entre as suas infâncias e as dos adultos que também foram crianças.

Histórias e músicas foram compondo nossos encontros e buscamos dialogar com imagens. Desse modo, apresentamos às crianças um quadro de Pieter Bruegel, *jogos infantis*, do século XVII. Planejamos, para essa apresentação, uma rápida conversa, mas as crianças nos sugeriram outros caminhos a partir de suas perguntas e considerações. Mergulhamos na conversa, e Renata começou a registrar esse movimento. Dessa conversa surgiu o relatório a seguir que conta como foi esse encontro:

Foto 65 – Jogos Infantis, Pieter Bruegel



*[...] A apresentação inicial da imagem foi uma mistura de curiosidade, alvoroço e perguntas que invadiu a sala de aula e coloriu o início de nossa manhã. A gravura foi apresentada através de um retroprojektor que tomou o quadro onde até então só*

*passeavam letras e cartazes. Após projetarmos a imagem e falarmos um pouco sobre o autor e o ano da produção da obra, uma criança perguntou:*

*– São adultos?*

*E outro continuou:*

*– São escravos!*

*– Por que vocês acham que são escravos? – perguntamos.*

*E, para nossa surpresa, uma criança disse que era porque estavam carregando muitas coisas. E as perguntas não pararam por aí...*

*Uma criança afirmou que eles estavam usando muita roupa.*

*Perguntamos qual seria o motivo para o uso de tantas roupas, e as respostas foram variadas. Comentaram sobre os panos que as mulheres usavam na cabeça e que isso não é comum em nossa cultura. Depois de muita conversa, as crianças disseram que deveria estar fazendo muito frio naquele dia, o que explicava o uso daquelas roupas.*

*E a conversa continuou com uma criança perguntando:*

*– Eles estão brigando?*

*– Por que você acha que eles estão brigando?*

*Com propriedade, a criança afirmou:*

*– Porque estão juntos!*

*– E vocês acham que as pessoas ficam juntas só para brigar?*

*E em unanimidade responderam:*

*– Não.*

*Sem demorar muito, um pediu a palavra dizendo:*

– *Ficam juntas para ajudar, dar carinho, cuidar, conversar, brincar.*

*E quando achamos que sairia algum comentário sobre brincadeira, uma criança quis saber:*

– *Por que eles estão jogados pela rua? Por que não se juntam e fazem uma roda?*

*Outra completa:*

– *Eles deveriam ter casas também.*

*Uma criança, surpresa e afoita, levanta o dedo e grita:*

– *Ah! Tia! Eu já entendi o que é isso! Eu acho que eles estão brincando de circo, porque tem bicicleta, barril.*

– *E quando faz coisa de circo é briga?*

*A criança sorrindo responde:*

– *Não. É uma palhaçada para fazer as crianças rirem.*

*Outra querendo ouvir de nós o motivo da gravura afirma:*

– *Tia, você e a Tia Renata já sabem o que é isso e vocês querem que a gente adivinhe.*

*Logo, a mesma criança afirma que está parecendo capoeira. E outra, fazendo gestos de jogar coisas para cima, diz:*

– *Parece um negócio assim... Ah! Tem umas mulheres fazendo uma dança assim [faz os gestos]. Parece dança da Bahia.*

– *Ah! Parece uma festa!*

*E outra completa em tom de descoberta do “mistério”:*É Carnaval!

*Como, nessas conversas, ninguém quer ficar de fora, uma criança aproveita todas as ideias e fala:*

– *Uns estão de circo, outros de escravo, outros de capoeira, outros de baiana.*

– *É uma festa, só que cada um tem um brinquedo— completa outra criança.*

*Depois dessa fala, elas começam a compreender o objetivo daquela gravura. E uma delas afirma:*

– *Como, naquela época, não tinha brinquedos, então eles aproveitavam materiais para brincar, como o barril, o tomate para fazer malabarismo.*

*E continuando a conversa, outra criança observa que, no barril, tem duas crianças sentadas e que, segundo ela, estão brincando de cavalo. Outro afirma que na gravura existe um tanque de areia e que as crianças estão brincando.*

*Essa experiência foi muito prazerosa e nos chamou a atenção pelo fato de as crianças conseguirem tirar suas próprias conclusões e tornarem mais significativa esta tarefa (RENATA AIRES, 2011).*

Depois, as crianças perguntaram sobre o autor, se teve filhos e se havia pintado outros quadros. Fizemos uma pesquisa no laboratório de informática e elas se divertiram nessa busca. Nesse início, percebemos que outras conversas viriam e que a participação delas seria cada vez mais importante.

As crianças nos apontaram que as imprevisibilidades marcariam os nossos encontros. Quais seriam os outros entrelaçamentos possíveis? Quais outras tramas seriam compostas a partir dos nossos fios de desejo que entrelaçávamos aos delas?

#### 4.1 OS CAMINHOS DO BRINCAR NAS HISTÓRIAS DO PASSADO E DO PRESENTE<sup>3</sup>

*Tenho um livro sobre águas e meninos.  
 Gostei mais de um menino  
 Que carregava água na peneira.  
 A mãe disse  
 Que carregar água na peneira  
 Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos  
 A mãe disse que era o mesmo que  
 Catar espinhos na água  
 O mesmo que criar peixes no bolso  
 O menino era ligado em despropósitos.  
 Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos  
 A mãe reparou que o menino  
 Gostava mais do vazio  
 do que do cheio.  
 Falava que os vazios são maiores  
 E até infinitos.  
 Com o tempo aquele menino  
 Que era cismado e esquisito  
 Porque gostava de carregar água na peneira  
 Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira  
 No escrever o menino viu  
 que era capaz de ser  
 noviça, monge ou mendigo  
 ao mesmo tempo.  
 O menino aprendeu a usar as palavras.  
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.  
 E começou a fazer peraltagens.  
 Foi capaz de interromper o vôo de um pássaro  
 Botando ponto no final da frase.  
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.  
 O menino fazia prodígios.  
 Até fez uma pedra dar flor!  
 A mãe reparava o menino com ternura.  
 A mãe falou:  
 Meu filho você vai ser poeta  
 Você vai carregar água na peneira a vida toda  
 Você vai encher  
 os vazios com as suas  
 Peraltagens  
 E algumas pessoas  
 Vão te amar por seus  
 Despropósitos (MANOEL DE BARROS, 1999).*

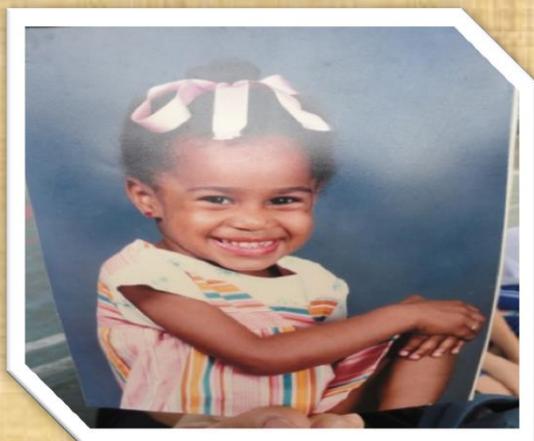


<sup>3</sup>Os desenhos desta página são de crianças da nossa turma e da turma de Renata, no ano de 2011.

Entramos no fluxo das *peraltagens* e dos *despropósitos* das crianças com as histórias de seus brinquedos e brincadeiras, convidando também seus responsáveis e profissionais da escola para compartilharem conosco as suas experiências de brincar na infância.

Renata ia fazendo os agendamentos num caderno que separamos para esse fim. Cada pessoa que nos contava sobre a sua brincadeira preferida também brincava conosco. E, assim, começamos uma ciranda de histórias...

Foto 66 – Aprendendo e ensinando brincadeiras



A profª Terezinha apresentou a brincadeira de elástico e também levou sua foto de quando era criança.



As crianças e ela compartilharam modos de cantar diferentes para essa brincadeira.



Com a cozinheira Marlene brincamos de boca de forno e as crianças compartilharam também outros modos de cantar essa brincadeira.



Patrícia, auxiliar administrativo, brincou de pique-esconde e contou como gostava dessa brincadeira quando era criança. Outros piques foram sugeridos pelas crianças que explicavam as maneiras de brincá-los.

Nossas aulas já não eram mais as mesmas, nós também não. Em alguns dias, a tarefa de entrevistar, brincar e fazer brinquedos levava toda a manhã. Os cadernos não eram abertos e vivíamos num tempo que não era contado pelos ponteiros do relógio. Era muito divertido ouvir essas histórias e as crianças cruzarem tempos e espaços diferentes com suas experiências e a dos adultos. Num desses dias, enquanto preparávamos a massa de papel machê para fazer bonecos, Gabriel perguntou a Renata:

*–Tia, já teve o recreio? A gente já lanchou?*

Ainda não havia passado o recreio, mas ficamos tão absorvidos que não nos preocupamos com o relógio. Vivíamos o tempo da experiência que não podia ser contado, medido. Eram intensidades vibrando nos encontros da sala de aula. As crianças faziam brinquedos, bonecos, escreviam sobre essas ações, mas também participavam da organização da sala, principalmente quando tínhamos convidados. Forravam lençóis no chão e ali nos assentávamos para ouvir as histórias.

Foto 67 – As crianças organizam a sala para receber convidados



Enviamos uma pesquisa e muitos responsáveis nos retornaram com as suas experiências na infância. Compartilhamos com as crianças todas as respostas que foram enviadas. Muitas delas eram acrescidas dos comentários dos filhos com alguma história que foi contada pelo pai ou pela mãe. As perguntas direcionavam as brincadeiras, brinquedos e canções que fizeram parte de suas infâncias. Perguntamos também se sabiam fazer algum brinquedo. Aproveitamos as respostas e novos professores surgiram nessa ciranda...

Foto 68 – Entrevista com familiares das crianças

 <p>EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES</p> <p><u>ENTREVISTA</u></p> <p>VAMOS NOS PREPARAR PARA FAZER UMA ENTREVISTA COM UM ADULTO DE SUA FAMÍLIA. VOCÊ É O ENTREVISTADOR OU ENTREVISTADORA.</p> <p>FAÇA AS PERGUNTAS E SE PREFERIR, A PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU RESPONDE AS PERGUNTAS ESCRREVENDO AS RESPOSTAS ABAIXO OU ENTÃO VOCÊ MESMO ESCRVE.</p> <p>ENTREVISTADOR (A): <u>IZAQUE</u></p> <p>ENTREVISTADO (A): <u>BETH</u></p> <p>PERGUNTAS:</p> <p>QUAL É O SEU NOME? O QUE VOCÊ É DO (A) ENTREVISTADOR (A)? <u>BETH MÃE</u></p> <p>O QUE GOSTA DE FAZER NAS HORAS VAGAS? <u>PASSEAR COM OS FILHOS</u></p> <p>DO QUE VOCÊ SENTE SAUDADE DE SUA INFÂNCIA? <u>DE ESTUDAR</u></p> <p>QUE MÚSICA VOCÊ COSTUMAVA CANTAR QUANDO ERA CRIANÇA? <u>MUSICA DE RODA</u></p> <p>DE QUE BRINCADEIRAS VOCÊ COSTUMAVA PARTICIPAR? <u>PULA CORDA</u></p> <p>VOCÊ TINHA BRINQUEDO QUANDO ERA CRIANÇA? SE A RESPOSTA FOR SIM, QUAIS ERAM ESSES BRINQUEDOS? SE A RESPOSTA FOR NÃO, CONTE COMO VOCÊ BRINCAVA. <u>SIM BONECA</u></p> <p>QUE HISTÓRIAS COSTUMAVA OUVIR? <u>BRANCA DE NEVE</u></p> <p>VOCÊ GOSTAVA DE CANTAR? QUE CANTIGA? <u>A TIREI O PAU NO GATO</u></p> <p>VOCÊ SABE FAZER ALGUM BRINQUEDO? QUAL? <u>NENHU</u></p> <p>PROJETO QUEM AMA TAN BEM CUIDA 2º ANO E 2ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>	 <p>EMEF TANCREDO DE ALMEIDA NEVES</p> <p><u>ENTREVISTA</u></p> <p>VAMOS NOS PREPARAR PARA FAZER UMA ENTREVISTA COM UM ADULTO DE SUA FAMÍLIA. VOCÊ É O ENTREVISTADOR OU ENTREVISTADORA.</p> <p>FAÇA AS PERGUNTAS E SE PREFERIR, A PESSOA QUE VOCÊ ESCOLHEU RESPONDE AS PERGUNTAS ESCRREVENDO AS RESPOSTAS ABAIXO OU ENTÃO VOCÊ MESMO ESCRVE.</p> <p>ENTREVISTADOR (A): <u>TULIO (FZ)</u></p> <p>ENTREVISTADO (A): <u>MARINALVA</u></p> <p>PERGUNTAS:</p> <p>QUAL É O SEU NOME? O QUE VOCÊ É DO (A) ENTREVISTADOR (A)? <u>MARINALVA MÃE</u></p> <p>O QUE GOSTA DE FAZER NAS HORAS VAGAS? <u>ACEBITAR TELEVISÃO</u></p> <p>DO QUE VOCÊ SENTE SAUDADE DE SUA INFÂNCIA? <u>A BRINCADEIRA</u></p> <p>QUE MÚSICA VOCÊ COSTUMAVA CANTAR QUANDO ERA CRIANÇA? <u>MEU CAROZINHO XIPO</u></p> <p>DE QUE BRINCADEIRAS VOCÊ COSTUMAVA PARTICIPAR? <u>PULA CORDA, AMARELINHA</u></p> <p>VOCÊ TINHA BRINQUEDO QUANDO ERA CRIANÇA? SE A RESPOSTA FOR SIM, QUAIS ERAM ESSES BRINQUEDOS? SE A RESPOSTA FOR NÃO, CONTE COMO VOCÊ BRINCAVA. <u>NÃO BRINCAVA COM O GUE AS OPORTUNIDADES PERMITIAM</u></p> <p>QUE HISTÓRIAS COSTUMAVA OUVIR? <u>CHAVEZINHO VERMELHO</u></p> <p>VOCÊ GOSTAVA DE CANTAR? QUE CANTIGA? <u>SIM, HOJE É DOMINGO DE DE CACHUMBORA</u></p> <p>VOCÊ SABE FAZER ALGUM BRINQUEDO? QUAL? <u>SIM, BARQUINHO DE PAPEL</u></p> <p>PROJETO QUEM AMA TAN BEM CUIDA 2º ANO E 2ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL</p>
--	---

Foto 69 – Aprendendo e ensinando a fazer móveis com caixas de fósforos



Ester, mãe de Jheniffer, respondeu que sabia fazer móveis com caixas de fósforos.



Tivemos outra professora naquela manhã. E ela ensinou a fazer uma poltrona.



Terezinha estava conosco e disse que sabia fazer uma cômoda.



As crianças disseram que sabiam também, e logo surgiram cama, televisão, mesa, sofá...

Todos assentados e atentos para a aula. A mãe da Jhenifer foi a professora logo no início da manhã. Como havíamos enviado uma entrevista para casa, perguntando se os responsáveis sabiam fazer algum brinquedo, ela disse que sabia fazer móveis de caixa de fósforos:

*Como a tia Dulci falou, eu sou a mãe da Jhenifer, vocês já conhecem ela. Eu nasci no Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu, e depois fui morar em Juiz de Fora. No meu tempo de criança... hoje vocês têm brinquedo, na minha época não.*

*Eu aprendi a fazer brinquedos de caixas de fósforos na escola. Aprendi a fazer de vários modos, mas hoje trouxe o sofá que é mais fácil porque a gente não tem muito tempo [Ester havia levado também a filha de um ano de idade e precisava retornar para casa para cumprir os afazeres domésticos].*

*A gente fazia, ensinava os coleguinhas a fazer. Na minha época, era muito legal. Não sei se vocês vão gostar.*

*A professora sabe fazer [aponta para Terezinha], e a gente brincava muito. Hoje em dia as crianças nem querem mais saber de brincar. Tá a informática aí, e a maioria quer saber mais é de computador. Na nossa época, não tinha computador, então a gente brincava com o que tinha e era muito bacana. Espero que vocês gostem. Vou ensinar vocês a fazer. E se quiserem depois fazer em casa...*

Ester foi juntando as caixas com cola sob os olhares atentos das crianças. Ao seu lado, as suas duas filhas. Até que o sofá ficou pronto...

*Tem que deixar secando pra não soltar e depois vocês podem estar decorando ele. Pode colar revista ou paninho...*

– *Pode pintar com tinta também, né?* – perguntou uma criança.

*Pode fazer como vocês quiserem, vai depender da criatividade de vocês* – respondeu Ester.

Kethlyn disse que sabia fazer caminha.

*Você sabe fazer caminha? Quer ensinar pra gente?*– perguntou Ester. *Pode?* Ela olhou para nós.

Os colegas ficaram atentos. Acomodaram-se para ver melhor.

*É só pegar quatro caixinhas e colar uma na outra*– explicou Kethlyn.

Aqui e ali os movimentos indicavam a presença de professores da arte de brincar. Cada um, a seu modo, ensinou o que sabia, como e com quem aprendeu. Havia um silêncio na sala. Renata sinalizou que estavam quietos. As crianças estavam concentradas fazendo e mostrando como fazer brinquedos com caixas de fósforos. Ester perguntou se o silêncio era sempre assim. Dissemos que não. Mas também nem todas as aulas são assim e nem toda participação das crianças era assim. Fazer brinquedos e conversar sobre eles foi se tornando importante para elas e assim foram mergulhando cada vez mais nessas experiências conosco.

Percebíamos que essa atividade também foi prazerosa para Ester. Só trocávamos poucas palavras nos horários de entrada e saída. Um pequeno sofá feito de caixa de fósforos levado por ela naquela manhã disparou conversas e trocas de experiências. Os modos de ensinar, organizar a sala, sentar, falar, compartilhar... foram sendo

modificados nessa experiência...

Mas outros professores foram surgindo. O pai de Suzana também disse que sabia fazer pipas...

Foto 70 – Aprendendo e ensinando a fazer pipa



Saberes iam sendo compartilhados...

Aprendíamos juntos...

As crianças ficaram entusiasmadas com essa aula! Logo sugestões sobre o melhor vento, nomes e modos de soltar a pipa foram sendo ditas. Elas foram fazendo parte da produção enquanto o pai de Suzana dizia que ele fazia seus brinquedos quando era criança. Com a pipa terminada, fomos para a quadra e fizemos alguns ensaios. Diante de nossa inabilidade, ouvíamos das crianças: “Tia, você não sabe?”. Elas se sentiam bem ensinando, e nós melhores ainda aprendendo com elas...

Sérgio, pai de Suzana, também disse que era morador de São Pedro desde a infância.

*Nessa época, cada mês tinha uma brincadeira diferente. Dezembro era o mês das pipas, outubro de bolinha de gude, janeiro e fevereiro eram as férias e a gente brincava com os três: pipa, pião e bolinha de gude.*

*Quando tinha lata de óleo, a gente fazia carrinho. Abria dos dois lados, fazia desenho tipo carrinho de fórmula 1 e fazia rodinha de borracha de sandália.*

Os brinquedos continuaram sendo feitos e Ana Claudia, também professora de Educação Física, disse que, quando era criança, queria soltar pipa, mas essa era uma brincadeira permitida só para os meninos. Ela encontrou uma maneira de satisfazer seu desejo, ao pedir a um amigo que a ensinasse a fazer uma pipa de folha de caderno. Ela chamava de jereco e, quando vimos, lembramos que também brincamos com ele. Chamávamos de catreco, as crianças chamaram de jeleco, quadrado... nomes diferentes para um mesmo brinquedo que crianças de épocas diferentes curtiram. Na quadra, ouvimos Ana narrar sobre sua infância e fizemos o brinquedo. Alguns fizeram rapidamente e, sem que pedíssemos, foram ajudar a outros colegas. Com os *catrecos, jelecos, jerecos ou quadrados* prontos fomos brincar. As crianças corriam de um lado ao outro na quadra. Duda passou por nós e disse: *“As crianças estão felizes! Todo mundo tá alegre porque a gente fez jerequinho. Tá alegre, com sorriso, não tá brigando”*. Duda e as outras crianças voavam com seus brinquedos... nós também voávamos com elas...

Duda ressaltou um aspecto que também observávamos: não havia briga ou confusão. Tudo era compartilhado. Laços de amizade eram estreitados entre as crianças. Fomos aprendendo nas trocas de experiências, nos saberes e nos materiais compartilhados. A partir de Merçon (2009, p.81), reconhecemos esse movimento como *aprendizado afetivo*, e com ele compreendemos nossas relações no mundo, nossas relações na escola.

Voando com o catreco, conhecemos outro brinquedo com Genildo, professor de Arte de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries. Ele disse que gostava de fazer paraquedas de sacola plástica quando era criança. Para o encontro com as crianças, pediu que juntássemos as sacolas e fez bonecos de arame para pendurar nelas.

A aula começou com uma apresentação no quadro com seu nome e alguns desenhos que logo encantaram as crianças. Após a demonstração inicial, logo as crianças começaram a cortar sacolas, medir linhas, forrar bonecos com durex colorido. Assentadas no chão, nas cadeiras, apoiadas nas mesas, elas iam fazendo seu brinquedo. Algumas solicitavam ajuda, outras não. Foram descobrindo que, para colocar o boneco preso à sacola, era preciso medir e tomar cuidado para não “embolar” a linha. Em tempos diferentes, os paraquedas iam ficando prontos e percebíamos os cuidados das crianças umas com as outras.

Depois dos paraquedas prontos, fomos à quadra para brincar. As crianças e os adolescentes de outras turmas olhavam-nos e pediam para brincar. Professoras perguntavam se havia sobrado algum para levar para seus filhos.

Foto 71 – Aprendendo e ensinando a fazer paraquedas



Os brinquedos foram ocupando outros tempos e espaços da escola. Na nossa ciranda, íamos chamando outros e outros... Risos, corpos que se movimentavam e dançavam... Outros aprendizados: o melhor jeito de jogar o paraquedas ao alto, a velocidade com que caía, o jeito de dobrá-lo... tudo ia sendo compartilhado...

E nessa “*ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*”, a música também esteve entre nossas conversas. Rogério, professor de Geografia, levou seu violão e cantou algumas músicas de sua infância. As crianças logo estavam ao seu redor, e pediam que cantasse músicas de Luan Santana.

No TAN, as salas de aula do térreo eram para as turmas de 5ª a 8ª séries e as do primeiro pavimento para as turmas do 2º ano a 4ª série. Costumamos trabalhar em nossas salas e nos espaços destinados a nossas turmas. Os brinquedos, no entanto, levaram Genildo e Rogério à nossa sala e possibilitaram a eles a experiência de atuar com crianças ao invés dos adolescentes para os quais lecionavam.

Foto 72 – Aprendendo e cantando músicas



Foto 73 – Aprendendo e ensinando a fazer bilboquê



Nesse *cirandar*, recebemos Cleidia, educadora social do Programa de Educação em Tempo Integral na escola. Ela contou da sua infância e mostrou um brinquedo que também fazia com as crianças que participavam do Programa, o bilboquê.

Inicialmente, éramos duas professoras e suas turmas. Nesses encontros, compusemos um grupo bem maior e íamos aprendendo com nossos colegas e as crianças. Compartilhávamos nossas histórias e conhecíamos as histórias dos outros. Todos ensinavam e todos aprendiam.

As conversas sobre os brinquedos e as brincadeiras também eram feitas na sala dos professores. Nem todos os colegas aceitaram nosso convite. Alguns justificaram por falta de tempo ou incompatibilidade de horários, mas o movimento continuou acontecendo. Grace, a bibliotecária, levou álbuns de fotografia e contou sobre histórias de sua infância, de seus tios, primos, irmãos... Quem ia à nossa sala contava depois como foi, o que fez. Isso também envolvia os demais colegas.

Foto 74 – Memórias das infâncias compartilhadas na sala dos professores



As memórias de brinquedos e brincadeiras permitiam-nos falar de lugares distantes. E foi assim que Márcia, coordenadora das turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, foi à nossa sala com uma brincadeira de sua infância: belisca ou cinco Marias que joga-se com pedrinhas. Antes, ela mostrou-nos na sala dos professores os saquinhos de chita com recheio de areia que pediu a Mariinha, funcionária da escola, que fizesse. Experimentamos, e ela, dias depois, foi à nossa sala.

Foto 75 – Modos de brincar com as “Cinco Marias” experimentados na sala dos professores



Márcia organizou as crianças em grupos e foi a todos eles mostrar como brincava. Assim, como havia os professores de 5ª a 8ª séries, tínhamos também coordenadores e pedagogos de grupos específicos. Com os brinquedos, não tínhamos mais essa separação. Todos envolvidos na ciranda de brincar...

Foto 76 – Brincando com as “cinco Marias”



Os convites aos profissionais aconteciam na sala dos professores, mas também em outros espaços da escola. Foi assim que conversamos com Filó no corredor e fizemos o convite para que ela fosse à nossa sala para falar de sua infância, em brinquedos e brincadeiras. Filó, moradora da comunidade, é funcionária de apoio da escola. Está sempre sorrindo e solícita aos pedidos feitos a ela. No entanto, para essa solicitação ela respondeu: *“Eu não tive infância, não! Com nove anos, fui trabalhar em casa de família. Tenho 49 anos e nunca tive uma boneca!”*.

Essa resposta de Filó chamou-nos a atenção para uma outra questão: que outras infâncias existem/existiram?

Acreditando que essa poderia ser uma conversa potente com as crianças, insistimos para que ela nos contasse como foi então a sua infância. Filó chegou à sala acompanhada de Márcia, coordenadora de 5ª a 8ª séries, que fez sua apresentação. Logo, Filó passou a narrar a sua história:

Foto 77 – Filó conta a sua história



*Bom-dia, meu nome aqui todo mundo conhece, que é Filomena, me chamam de Filó. Eu nasci em Minas Gerais, num lugar chamado Santa Rita de Cueda, no interior...*

*E lá onde a gente morava na roça, na roça mesmo, muito distante daqui. E onde a gente morava não tinha brinquedo. Nós éramos em sete irmãos e a gente não tinha brinquedo. Nós brincávamos com o que a gente tinha, a gente inventava as coisas. Quando eu era pequena mesmo, eu não tinha boneca. Minha mãe que fazia pra gente boneca de espiga de milho. Era de milho verde e tinha o cabelo de espiga. Quando tinha época de milho, minha mãe pegava. Mas não tinha brincadeira não, a gente foi crescendo assim, sempre trabalhando, ajudando meu pai... a gente ia lá no curral e pegava leite. Nossa vida era assim. Minha mãe fazia café pra levar pro meu pai, não tinha tempo de brincar. E a escola não tinha lá naquele lugar, naquele vilarejo. Lá não era cidade, não, era vilarejinho, era pequeno... era longe, longe mesmo e pra gente ir na escola era muito difícil. Tinha que andar a pé, um pedaço mesmo.*

*A minha brincadeira preferida que eu gostava mesmo era de pique-pega- bandeira. Quem conhece? (Algumas crianças disseram que conheciam e Filó passou a*

explicar como se brincava sob o olhar atento delas). *E brincava de bolinha de gude. Eu era craque.*

*–Vamos brincar, Filó? – convidou João Vitor.*

Filó riu após o convite de João Vitor. Como contadora de histórias disse da sua infância e envolveu as crianças. Logo, algumas associações foram feitas com outras histórias ouvidas por elas.

*Duda: Minha mãe falou que, quando ela era criança e morava na roça, o pai dela não tinha condição de comprar uma boneca pra ela e a mãe dela fazia de pano. Ela falou assim que, na época, tinha que carregar água nas costas!*

*Daniele: Minha mãe falou que, quando ela era pequena, ela fazia bonequinha de pano pra brincar, e quando minha avó pedia água, minha mãe e meus tios pegavam e tinham que subir um montão de morro e pegar água e depois descer um montão de morro pra chegar em casa.*

*Thamires: Minha mãe falou assim que ela também morou na roça e ela não tinha brincadeira, ela fazia panelinha de barro. Filó, e lá não tinha fogo também não. Eles faziam na base da lenha e pegavam a panela de barro e faziam polenta pra comer. As crianças passaram a contar as histórias de suas mães e avós e buscavam semelhanças com as experiências de Filó. Quisemos tornar aquele encontro especial e oferecemos a Filó a sua primeira boneca. Assim que a viram as crianças gritaram: *Filozinha!* (Foto 78 – Filó e sua boneca)*



Os encontros continuaram e, junto com as histórias das infâncias, descobríamos também a história do bairro com funcionários que ali moravam. Renata chegou um dia empolgada com o que ouviu do porteiro Anderson. Agendamos um dia para que ele contasse sua história para as crianças, mas, diante da impossibilidade de que

ele fosse à nossa sala, fomos até o portão para conversar com ele. E entre um atendimento e outro a quem chegava, ele conversou conosco dizendo do seu trabalho e das experiências de sua infância no bairro:

*Quando eu era menor, criança igual a vocês, a gente não tinha muito lugar pra brincar porque tudo aqui era mangue. Aqui não tinha lugar pra brincar, pra gente se divertir. E todo mundo que quisesse vir pra cá, pra São Pedro I, tinha que passar só pela Rodovia Serafim Derenze. Ao longo da Rodovia tinha umas entradas que era aterrado com um pouco de terra. Aí, como a gente não tinha lugar pra brincar, a gente se reunia todo dia, de noite, de manhã, a hora que desse, a gente se reunia ali pra brincar naquele pedacinho de terra, o resto era tudo mangue e não tinha lugar pra gente brincar.*

*E quem morava vindo do quartel pra cá não tinha muito espaço, mas de São Pedro I já tinha. Aí a gente ia naquela beirada de rua aterrada de qualquer jeito com terra, lixo, tudo misturado. Não tinha lugar pra gente brincar. A gente gostava de brincar ali de pique-polícia e ladrão ou pique-bandeira. E naquelas brincadeiras que a gente fazia ali não era só criança, mas muitos pais dos nossos colegas brincavam com a gente porque, como não havia muito lugar pra brincar, os pais se enturmavam junto com a gente pra poder olhar o jeito que a gente brincava e era muito bom. A gente começava a brincar às vezes 7h da noite e quando ia ver já era 2h da manhã. A gente parava uma brincadeira e começava outra.*

Anderson rememorou a sua infância e nos contou do bairro e dos modos como crianças e adultos brincavam. Perguntamos se era perigoso e ele disse que, em sua época, não havia tantos crimes como hoje e, com a presença dos adultos, as crianças se sentiam protegidas. Continuamos a conversa e perguntamos se ele também fazia seus brinquedos...

Foto 79 – Aula no portão da escola



*Eu já cheguei a fazer um tipo de carrinho com roda de velocípede que a gente achava, porque o que não faltava era oportunidade pra achar coisas velhas por aqui. São Pedro foi todo aterrado com lixo. O que não faltava era oportunidade para achar a peça de um carro ou um brinquedo. E a gente tinha mania de fazer. Não fazia um só, não. Já fizemos vários. Até um carrinho que dava pra gente andar dentro, possuía até volante. O freio a gente usava esses chinelos que se usa hoje. A gente usava ele como freio, agarrava ele na madeira pra prender na roda e ficava um carrinho espetacular pra gente naquela época. Um colega empurrava e a gente entrava dentro, tinha volante e as rodas de velocípede. Nessa época, algumas ruas já vinham sendo aterradas, e a gente andava muito um empurrando o outro de carrinho pelas ruas que já existiam no bairro. E foi uma fase muito boa da nossa vida, naquela época.*

Pedimos a Anderson que fizesse um carro igual ao que brincava quando era criança. Ele disse que tentaria e nos surpreendeu no dia em que arrumávamos a sala para a exposição dos trabalhos com um carrinho que encheu os olhos de todos!

Conversa vai, conversa vem... essas conversas com os adultos foram despertando nas crianças o desejo de falar de suas brincadeiras e também de fazer brinquedos. Algumas pediam que os pais as ajudassem e levavam os brinquedos para nos mostrarem. As trocas entre nós foram se tornando cada vez mais frequentes. As crianças misturavam-se entre uma sala e outra. Elas se entendiam e se divertiam juntas, cuidavam umas das outras e dos materiais individuais e comuns. Na ciranda

dos brinquedos e das brincadeiras, fomos trazendo outros fios, compondo novas tramas e outras histórias foram surgindo...

#### 4.1.1 Seres fantásticos na ciranda de brincar

Entre os brinquedos que iam surgindo, o Roberto ia participando também desses encontros. As crianças enviavam recados para ele pedindo que fosse à nossa sala. Pensávamos em fazer oficinas com elas.

Foto 80 – Mensagem endereçada ao Roberto

Data: 07/9/2011.

Querido Robeto,

Eu nossa turma da 2.ª série e a turma do 2.º ano estão participando do Projeto Brincadeira é coisa de criança.

Nós tivemos a ideia de convidar você para nos visitar e fazer uma brincadeira de Teatro de Santoche. Queremos que você capte algumas coisas com a gente. A sua presença é muito importante para todos nós.

Um beijo da 2.ª série A.

A história que Renata havia contado da menina do anel falava de um momento em que ela fazia bonecos. Poderíamos disparar a conversa a partir daí, mas as crianças foram mais rápidas que nós na proposição. Renata contou como aconteceu num dos nossos momentos de planejamento:

*A gente tava conversando sobre brincar, aí eu perguntei se era só criança que brincava. Aí eles falaram que não, que adulto também brincava. Aí eu falei: “Dulci, por exemplo, Dulci tem os bonecos dela”. E foi quando a Ketllyn falou: “Ah, eu tenho uma ideia! Por que a gente não pede pra ela trazer o Roberto e a gente faz uma brincadeira de fantoche?”. E as outras: “É!”.*

*Eu falei que você tinha a Lili e o Roberto e que a Lili eles não conheciam. Eu também não conheço e que a gente tinha que pedir pra você trazer.*

O que chamávamos de oficina foi chamado de *brincadeira de fantoche*. Os bonecos cada vez mais estavam entrelaçados nas tramas do brincar... Elas conheciam o Roberto, mas não a Lili. Depois que Renata falou, a curiosidade aumentou.

*–Na hora em que saímos, uma falou assim: “Tia, você vai trazer o Roberto? Ah, tia, traz o Roberto, traz a Lili”.*

*Aí a outra cutucou e falou assim: “É surpresa!”.*

Roberto, Lili... os bonecos eram tratados como amigos e a ida deles na sala era uma surpresa! As ideias das crianças surpreendiam mesmo! Por isso, a proposição da *brincadeira de fantoche* implicava uma maneira diferente das oficinas que já havíamos realizado. Nos projetos das turmas, fizemos bonecos de acordo com a temática já definida. Algumas vezes a indicação das cores dos bonecos também vinha da professora. Era comum, por exemplo, a definição de cores próximas às da humana. Num dos momentos de pintura, uma criança queria pintar de rosa, mas já havia sido definido que os bonecos representariam humanos e suas cores seriam semelhantes a eles. Seguimos essa indicação e depois conversamos com a professora. Nossa relação sempre foi de respeito com elas. Entendíamos que acompanhávamos e não nos cabia discordar ou criticar o que vinha sendo feito. Por isso, depois falamos do pedido dessa e de outras crianças. Dias depois, ela nos confessou: *“Eu podia ter deixado pintar de rosa...”*.

Pensando nessa experiência, perguntamos às crianças se elas queriam fazer e ter um boneco para si. Daríamos só as orientações da base. Elas, que já haviam sugerido, aceitaram logo. E assim, como nas outras atividades, seguiram nos cuidados com os materiais e com os colegas. Em todas as etapas, elas compunham

essa produção dando aos bonecos os tons que queriam. Passaram a chamá-los de filhos ou de amigos.

Foto 81 – Movimentos na produção de bonecos



Foto 82 – As cores dos novos amigos



Depois dos bonecos prontos, marcamos uma apresentação. As crianças reuniram-se em grupo e compuseram histórias para apresentar seus bonecos. Roberto e Lili foram convidados para assistir à apresentação. Estavam todos empolgados desejando mostrar suas criações.

Os bonecos ganharam novos acessórios nesse encontro e, nas mãos das crianças, brincavam, cantavam e emocionavam a quem assistia. Durante a apresentação, os cuidados se repetiam para lembrar a fala do outro, para movimentar o boneco da

maneira adequada e para tranquilizar a quem estava nervoso por causa do momento.

Foto 83 – Os bonecos na apresentação de histórias



Os bonecos receberam acessórios...

O ensaio antes da apresentação...

Valia lembrar o texto a quem esquecia ou dar sugestão para um novo texto que surgia...

Fazer, ler, compor... todos participavam...

Depois da apresentação, foi o momento de os bonecos irem para as casas das crianças. Assim como os bonecos produzidos nas outras oficinas, eles percorreram outros caminhos... e alguns retornaram à sala e ficavam envolvidos entre os outros brinquedos e os cadernos.

Foto 84 – Indo para casa



#### 4.1.2 Intercessores do brincar

Os encontros com os bonecos, na perspectiva do brincar, foram nos conduzindo a conversas mais frequentes com as crianças sobre os modos como elas transformavam materiais diferentes em brinquedos. Latinhas, tampas de garrafa, papéis... o que chegasse às suas mãos tornava-se brinquedo. Nessa mesma época, inscrevemos o trabalho que vínhamos realizando para o “Congresso infâncias e brinquedos de ontem e hoje” na Universidade Federal Fluminense. Participamos do evento no período de 10 a 13-10-2011 e retornamos ainda com mais ideias. O verbo *brinciar* que aprendemos por lá ecoava em nós. Então, a partir do que as crianças já faziam e do que ouvimos dos adultos que nos apresentaram sobre os brinquedos e brincadeiras de suas infâncias, propusemos uma oficina de *brinciar*: elas inventariam brinquedos.

Organizamos os grupos tendo como referência que cada um tivesse pelo menos uma criança que já dominasse a leitura e a escrita para que depois escrevêssemos sobre essa experiência. Juntamos diversos materiais: tampinhas, caixas, garrafas... e começamos a confecção.

As crianças moviam-se nos seus grupos e nos demais juntando ideias e materiais. Tudo era compartilhado sem que precisássemos insistir ou indicar como deveriam fazer. Brinquedos iam surgindo, às vezes eram desmanchados e surgiam outros e outros. Alguns grupos fizeram mais de um. Tesouras, fitas adesivas e colas uniam peças, davam origem a carrinhos, a cestas e a bonecos de papel! Restringimos somente o uso do martelo e da cola quente para que ficassem sob nossa manipulação porque receávamos que pudessem se machucar.

Em muitos momentos, o silêncio conduzia as ações. Em outros, falas e pedidos de ajuda e de materiais eram ouvidos. Ficamos olhando, observando como os corpos compunham aquele momento em que todos ensinavam e aprendiam. As professoras calaram-se para ver seus meninos e meninas-mestres trabalhando. Bom encontro que nos incentivava a fazer mais, a vibrar junto com os corpos das crianças com a realização dessa atividade.

Brinquedos inventados iam sendo experimentados ali mesmo, na sala. Ajustes, retoques, iam dando os tons às diferentes maneiras de brincar.

Foto 85 – Invenções de brinquedos



As crianças deram nomes às suas criações e propusemos que fizessem uma espécie de manual com os materiais utilizados e os modos de brincar. Preparávamos um portfólio para colocar na exposição. Em grupos, elas se organizavam para escrever: uma pegava na mão da outra, juntavam letras, formavam palavras e compunham o texto proposto. Nos movimentos que produziram textos orais e corporais, seguiam produzindo textos escritos. Saberes compartilhados pelas crianças...

Foto 86 – Escritas de brinquedos



Durante toda a preparação dos trabalhos, objetivávamos viver cada momento das experiências. Tínhamos prazos e materiais para produzir, mas as maneiras como fomos nos envolvendo com as crianças nessa produção indicaram possibilidades para além das planejadas. As ideias e as maneiras como foram compondo nossos encontros apontavam os desejos que tinham de viver uma vida de *sabersabor* na escola.

Para elas, as possibilidades eram sempre muitas. A vivacidade com que transitavam em nossas salas, conversavam, trocavam, brincavam... convidava-nos a mergulhar

cada vez mais nas tramas que tecíamos com os fios de nosso desejo. Inicialmente tínhamos um fio que entrelaçou a outro, a outro, a outro... E o tecido está quase pronto... Mas como a produção foi compartilhada com os demais da escola?

#### 4.1.3 Encontros entre seres fantásticos na sala de aula



Como já dissemos, a preparação dos projetos estava relacionada com a temática definida no início do ano letivo para a Mostra Cultural. Nessa escrita, nossa dedicação foi para contar os processos dos quais participamos nos cotidianos dessa escola junto aos bonecos, nossos intercessores, e os movimentos que foram produzidos nesses encontros.

Nos dias de apresentação dos trabalhos, as salas eram arrumadas para a exposição. Como em todas as salas, organizamos os materiais: os brinquedos, os bonecos, as fotos, os portfólios... até que Anderson, nosso amigo porteiro que já havia conversado conosco surgiu com uma surpresa: o carrinho que havia

prometido. Levou também um cartaz com as fotos do processo de construção do carro. As crianças ficaram encantadas. Os adultos também. Todos queriam sentar no carrinho e fazê-lo andar.

Andar no carrinho, jogar amarelinha, construir brinquedos, ler... eram os movimentos de quem entrava em nossa sala. Propusemos às crianças para que elas convidassem nossos visitantes para brincar. Algumas convidaram, outras entregaram-se tanto à tarefa de brincar que isso já despertava o interesse de quem chegava para participar. Alguns adultos chegavam pedindo explicações, fazendo perguntas, mas logo entravam nas brincadeiras. Como na oficina do *brinciar*, também destinamos um espaço para quem quisesse construir um brinquedo. Foram dois dias intensos de visitas.

Foto 88 – Cartaz feito por Anderson



Foto 89 – Brincadeiras durante exposição de trabalhos



*A sala está gostosa, com aconchego, cheia... Olha que coisa mais linda! A gente chega aqui e quer ficar. Brincamos de carrinho que a gente não faz há quanto tempo!... (FILÓ).*

Mantivemos a sala desse mesmo jeito um dia após a exposição. Depois entregamos as atividades às crianças, o carrinho a Anderson e as mesas e cadeiras retornaram às salas. Mas continuamos brincando. Foi uma experiência incrível compartilhar nossas aprendizagens com as crianças. Tudo o que era feito nos motivava a fazer mais e a elas também. As proposições surgiam durante todo o tempo.

Chegávamos já ao final do período letivo e fizemos mais uma brincadeira: é muito comum a realização de festas com amigo X ou chocolate nas festas de final de ano. Aproveitando as atividades que havíamos realizado durante o ano, enviamos

bilhetes aos pais/responsáveis explicando que faríamos um “amigo brinquedo” e que precisaríamos do seu auxílio. Cada criança deveria construir um brinquedo para seu/a amigo/a. Alguns ficaram desesperados: “*Eu não sei fazer brinquedo! Posso comprar?*”. O pedido era claro: Não era para comprar, era para fazer. Sugerimos que conversassem com as crianças, pois elas sabiam muito de brinquedos. Algumas crianças fizeram logo e levaram para nos mostrar, outras levaram somente no dia, e outras ainda não levaram, mas resolvemos ali na sala mesmo com a construção de um brinquedo. Mas ninguém ficou sem dar ou receber um brinquedo.

O momento da revelação do/a amigo/a foi marcante. Sorrisos, abraços às vezes envergonhados, surpresa com o brinquedo que logo ia sendo usado... carrinhos, bolsas, bichinhos, avião, jogos, bonecos... tantos brinquedos!

Foto 90 – Momentos do “Amigo brinquedo”





Esse foi o nosso último dia de aula e nos despedimos com saudades...

Os brinquedos-presentes foram para casa assim como os bonecos. Cada um/uma de nós ficou com a memória dessa experiência que nos motiva a perguntar: quais possibilidades de viver a escola esses movimentos nos apontam? O que esses encontros produziram e continuam produzindo em nós e nos outros?

Compusemos movimentos, compartilhamos modos de brincar, de falar, de costurar, colar... *quantos saberes fazeres!* Merçon (2009, p.73) ressalta:

[...] a potência da mente vê-se aumentada quando encontramos um corpo externo com o qual o nosso corpo convém. Isso ocorre porque um novo nível de integração é configurado [...]. À Paixão alegre corresponde esse aumento em nossa potência de agir e entender.

Por meio dessa expansão de nossas potências, experienciadas com as paixões alegres, somos então induzidas a formar a ideia daquilo que é comum entre o nosso corpo e o corpo com o qual nos compomos [...].

Arte dos bons encontros produzidos nos encontros entre as crianças e as suas maneiras de brincar. Mergulhamos nos fluxos de seus *movimentosfalas* e encontramos, a partir delas, possibilidades de viver diferentes aulas e a escola. Esses foram movimentos importantes que nos apontaram a expansão da vida nos diferentes encontros que fomos compondo com os *brinquedodobonecosbrinquedos*, as crianças e seus familiares e nós junto a nossos colegas da escola com suas práticas.

Diferentes aulas e professores entraram nessa composição. A sala de aula estendeu-se à quadra, ao refeitório, ao portão da escola... diferentes saberes foram compartilhados. Os bonecos, seres fantásticos intercessores foram entrelaçados nas redes do brincar junto a outros brinquedos e brincadeiras. E, nesse movimento, as ações tornaram-se coletivas à medida que era necessário compartilhar materiais, espaços, valores, experiências, fazeres e saberes estabelecendo e ampliando redes de solidariedade. Nesse sentido, outras relações foram tecidas nesse e por esse grupo e, portanto, as experiências indicam que os processos elaborados nos cotidianos dessas redes de saberes, fazeres, poderes, afetos, afecções têm apontado outros movimentos mais inventivos, solidários e compartilhados nessas relações de ensinar e aprender. Os afetos produzidos, a partir da manipulação e da confecção dos bonecos e dos brinquedos, foram constituídos com as histórias, práticas e saberes daqueles que compuseram conosco essa experiência. Dessa maneira, esses encontros com a *arte de fazer* de cada um e de todos foram compondo mosaicos mais coloridos que ampliaram os conhecimentos, produzindo possibilidades de uma vida mais bonita entre os sujeitos praticantes das nossas salas de aula e da escola. Tais vivências aumentaram a potência de agir a partir das trocas realizadas e da produção de afetos, produzindo outros sentidos de viver os *espaçostempos* da escola a partir de uma ética-política pautada no *cuidado de si e do outro*, de uma *estética da existência*.

Trazemos conosco as lembranças de todos os processos vividos a partir do nosso fio de desejo para a discussão dos usos dos bonecos na constituição dos

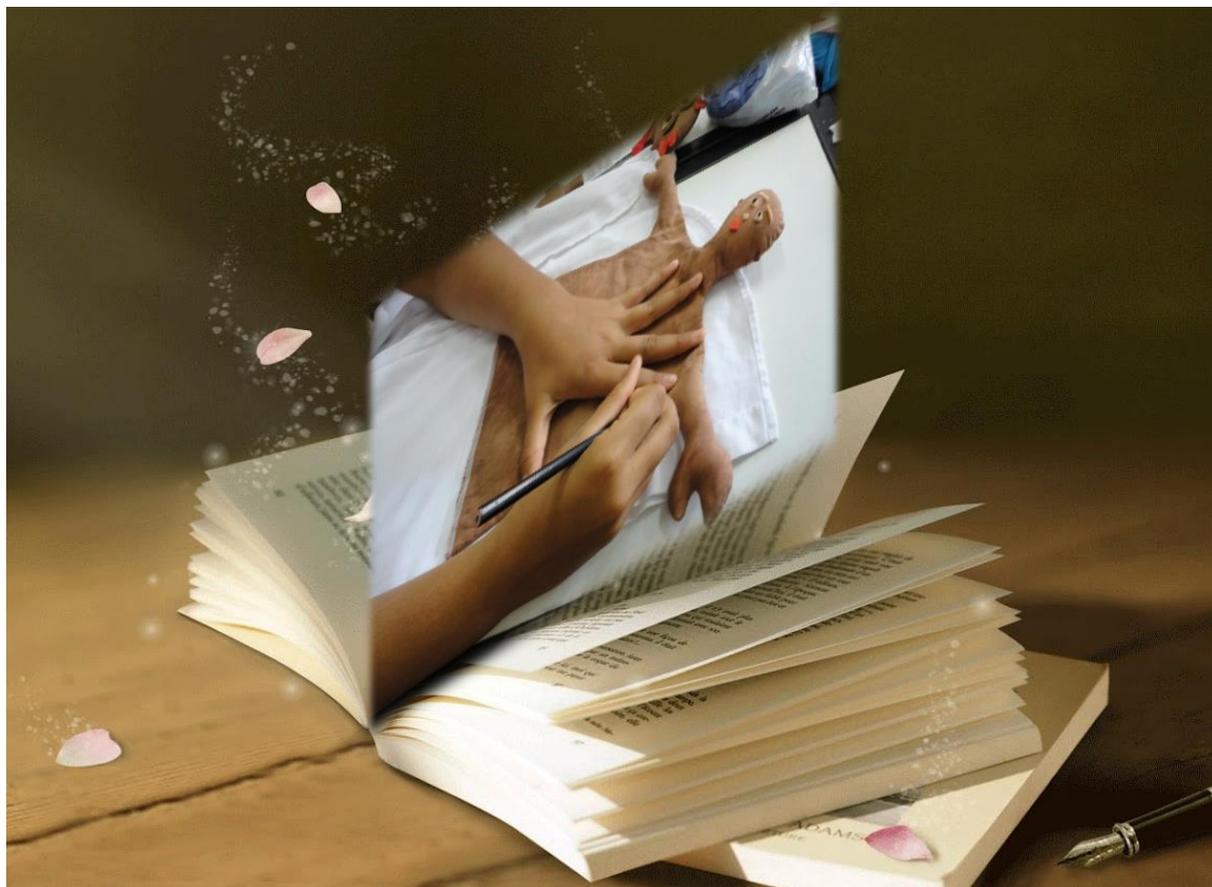
*curriculosafetos* na escola. A partir do que vivemos/compartilhamos/compomos junto à comunidade do TAN, ainda indagamos: o que apontamos da produção das tramas a partir dos diferentes fios que foram tecidos para a composição do *textotecido* a que nos propusemos? Como a composição das tramas tecidas a partir do entrelaçamento dos diferentes fios de desejo aponta para a discussão dos *curriculosafetos* nos cotidianos escolares?

Foto 91 – Desenho feito por uma criança do seu boneco



## 5 PUXANDO FIOS PARA OUTRAS CONVERSAS E ENCONTROS

Foto 92 – Uma história de bonecos



As crianças notavam o nosso interesse por seus desenhos e histórias dos bonecos. Observavam que escrevíamos, fotografávamos e filmávamos também. Num dos dias de oficina, enquanto ajudávamos Luís a fazer a blusa do seu boneco, ele perguntou:

– *Você vai escrever livro daqui?*

– *Vamos escrever a história desse tempo com vocês.*

– *Por quê?*

– *Porque estamos fazendo uma pesquisa.*

– *E depois?*

– *Bem, depois precisamos mostrar pra nossa professora e para outros professores também.*

– *Pra você passar, né?* – concluiu ele. (Escritas a bordo-2010)

A conversa com Luís aponta que todo o tempo de pesquisa na escola tinha o objetivo de uma escrita que precisava ser finalizada e, segundo ele, era para “passar de ano”. Fotografamos, filmamos, escrevemos e a história dessas vivências foi apresentada neste *textotese* que buscamos encerrar. Temos formalidades que precisam ser cumpridas em todos os níveis de ensino para “passar de ano” com os requisitos e as exigências que cada um deles requer. “Passar de ano”, ser aprovado, concluir uma etapa... são importantes também para que possamos contar dos processos que nos conduziram a esse resultado. E, por isso, seguimos a pista que Luís nos deixou ao perguntar se escreveríamos um livro das experiências que vivemos na escola.

As crianças gostam de ouvir histórias e nós, professoras, fazemos questão de contá-las. Há histórias alegres, tristes, de assombração, que não queremos ouvir, que nos deixam curiosas pra terminar logo e há aquelas que não queremos que terminem... Mesmo que um ponto final tenha sido dado, recorremos a trechos que queremos reler e reviver o que nos impressionou.

Há histórias que terminam: “*E foram felizes para sempre...*”. Há outras que sugerem que o leitor invente um final para elas... Há ainda aquelas que, mesmo após o livro ser fechado, continuam ecoando em nós... O fato é que as histórias continuam sendo contadas das mais variadas maneiras. Elas recebem um ponto final aqui, mas são contadas ali, recontadas acolá... e uma história lembra outra, que lembra outra... os fios das histórias não cessam de tecer e de *retecer*. São vidas que se entrelaçam, experiências que se cruzam em bordados que se mesclam entre cores e matizados diferentes que compõem as nossas histórias de vida. Seguindo, então, essa pista, percorremos os fios que teceram as histórias que foram contadas neste *textotese* não buscando somente um ponto final, mas alinhavando pontos que podem suscitar outras tessituras.

Entramos na EMEF Tancredo de Almeida Neves movida por um fio de desejo que buscava discutir os encontros com os bonecos na produção dos *curriculosafetos* e encontramos outros fios aos quais fomos entrelaçada. Era nossa preocupação que a composição da pesquisa ocorresse junto aos movimentos da unidade de ensino e, por isso, justificamos o nosso envolvimento nos projetos da Mostra Cultural. Reiteramos que essa era uma atividade importante para a unidade de

ensino, no entanto nossa atenção foi para os processos e não para os resultados dela.

Reconhecemos que, por causa de nossa história nas escolas da Rede Municipal de Vitória, seria mesmo provável que a relação com os bonecos e os pedidos das oficinas fosse feito. Isso contribuiu para que nossa aproximação aliasse nossas intenções de pesquisa às necessidades dos projetos das turmas das quais participamos.

Levamos o Roberto para que pudéssemos conversar com as crianças e elas passaram a tratá-lo como um amigo, um colega que ia visitá-las. Um dos meninos, que sempre perguntava por ele, porque dizia querer conversar, repetiu a mesma pergunta num dos dias em que chegávamos à escola carregando na bolsa materiais para uma oficina que realizaríamos: *E o Roberto? Ele veio?* Respondemos que, por causa da oficina, ele ficou em casa e tivemos como resposta: *“Ele tá triste, professora! Não tá gostando, não!”*.

Boneco-amigo, boneco-colega, boneco-filho... eram essas as maneiras pelas quais as crianças se referiam aos intercessores bonecos. Pegavam os bonecos no colo, faziam carinho, também faziam provocações, chamavam para brigar, colocavam apelido... enfim, viviam a intensidade dos encontros atribuindo vida a bonecos de papel, garrafas, tecidos... a vida delas pulsava neles. Eram encontros não só com a matéria-boneco, mas com o desejo-boneco, com o amigo-boneco, com o brinquedo-boneco, com o eu-boneco. Encontros consigo e com os outros.

Sem dúvida alguma, foram as crianças que nos deram as pistas para os caminhos da pesquisa. Entrelaçamos os estudos dos cotidianos com a cartografia e mergulhamos nas intensidades dos encontros, entendendo que a vida que compõe as relações na escola traria achados inesperados. E foi o que aconteceu quando visitamos com Roberto a turma que o chamou de *ser fantástico*. Essa conversa ainda hoje mexe conosco ao pensarmos que temos compartilhado nossas vidas com *seres fantásticos*. Com essa definição fica mais fácil compreendermos as histórias que vivemos com eles e as possibilidades que o encontro entre bonecos e praticantes do cotidiano pode apresentar.

Tivemos não só achados inesperados, mas aprendemos muito! Nas oficinas as crianças iam mostrando suas habilidades nos desenhos de olhos, bocas, roupas, na composição de cores, nos nomes e histórias que compunham com os bonecos, nos modos como iam manipulando cabeças e corpos ainda não terminados. Mas também aprendíamos quando elas propunham algo que não estava planejado ou que desestruturava o planejado. Foi o que aconteceu quando Samara pediu que seu boneco-menino fosse boneco-menina. Compartilhamos nosso aprendizado com Cleidia, Helen e Júlio:

*[...] o que a Samara nos apontou? O boneco da Samara era um menino, mas quando ela viu o cabelo comprido do boneco da Denilza, porque nós fizemos primeiro, e depois fomos fazer o cabelo do boneco dela, ela olhou e disse: “Ai, tia, eu quero menina!”. Aí perguntamos: “Mas não é menino?”. Ela olhou e deu um sorrisinho... e podíamos ter persistido afirmando que era menino, mas ela ficou tão encantada com o cabelo da menina que não tinha outro jeito. E o menino virou menina. E o que chamou a atenção? Por que a gente se apega tanto a uma coisa fixa de sexo e de cor, se boneco não tem isso? Por que a gente quer aprisionar tanto? E o boneco pode ser menino hoje, pode ser menina amanhã.*

A Helena de Samara, o Etevaldo, a caixinha de gelatina falante, o Ramessés, o Bob, o Pierre, a Mia e tantos outros bonecos “nascidos” na escola foram nos apontando as possibilidades dessa arte e do quanto os diálogos com ela podem contribuir para os modos como ensinamos e aprendemos. Arte que depende do outro para expressar-se e que o outro depende dela para também expressar-se. Arte intercessora, que nos encontros provoca, desperta, suscita perguntas, movimentos e proposições. Arte da vida, arte que dá vida.

Amaral (2005, p. 16) diz que os bonecos e outros objetos cênicos não são as coisas, mas transmitem a sua essência, são simulacros. Por isso, não precisamos reproduzi-las fielmente porque é pela ideia das coisas que podemos compreendê-las melhor e “[...] o importante é que manifestem ilusão de vida, através da manipulação e da energia do ator”.

Nas conversas com as crianças, fomos percebendo as possibilidades de usos dos bonecos nas brincadeiras que faziam, mas também fomos compreendendo algumas lógicas que temos em nossas unidades de ensino. Inicialmente uma das preocupações das crianças era saber qual disciplina lecionávamos. Arte foi a

disciplina mais indicada, porém diante da nossa negativa às suas perguntas, foram nos chamando de tia dos bonecos, de professora dos bonecos.

A discussão sobre as aulas também percorreu nossas conversas. As crianças e adolescentes consideravam “aula” como um momento ruim, chato, enfadonho. Mencionavam os projetos que envolviam as atividades de preparação e de organização das salas para a Mostra Cultural como os melhores, porque as aulas eram menos tensas e elas podiam caminhar na sala e pela escola e aprendiam mais nesses momentos.

*Porque fica tudo bagunçado assim, no corredor com todo mundo montando as coisas... E o mais legal é o dia antes de começar (MARIA).*

No entanto, quando perguntávamos se esses momentos que julgavam prazerosos eram aulas, as respostas eram negativas. Isso ocorreu em nossa sala de aula, quando as crianças nos disseram que não havíamos estudado naquela manhã porque não usamos o caderno. Fizemos bonecos, cortamos, medimos, comparamos... e para elas não houve aula. Essas são lógicas que encaminham para um modelo formal, aceito e legitimado como aula. Trazemos em nossa história a experiência desses conceitos que priorizam disciplinas, conteúdos e elegem a sala de aula como espaço privilegiado de ensinar e de aprender.

Para os professores também a discussão caminhou nessa perspectiva, quando apontavam que, junto com todas as atividades da Mostra Cultural, ainda tinham que “dar aula”, ministrar conteúdos, preparar provas e tantas outras questões que envolvem o trabalho docente. Todas essas atividades levavam ao questionamento da importância das atividades em frente ao que formalmente era exigido:

*Mandei umas alunas ensaiarem uma música. Não puderam porque eu tinha de estar presente. Como eu posso dar aula, ensaiar e ainda fazer o restante dos trabalhos? (PROF<sup>a</sup> JÉSSICA).*

Entendemos que essas questões, tanto para docentes quanto para discentes, geravam dúvidas sobre as aulas da escola e sobre os *espaçostempos* legitimados do saber. Por isso, alguns bonecos foram “proibidos” de retornar à sala para não “atrapalhar”. Era preciso ministrar os conteúdos, preparar os materiais da exposição,

preencher diários de classe... enfim, as atividades assomavam-se... Não dava para “perder tempo”. Mas as crianças foram driblando essas situações e levando os bonecos mesmo assim. Os professores também continuavam levando músicas, jogos, mesmo que dissessem da necessidade e importância de modelos formais de aula... Essas situações nos levaram a discutir sobre os usos das múltiplas linguagens e de como são negligenciadas, restando a elas o “tempo que sobra”. É nas margens que essas linguagens ficam, mas é nas margens que elas vão conquistando e ocupando territórios, seja nas burlas das crianças, seja nas práticas de professores que insistem em compor suas práticas com elas. Ladeando, buscando brechas aqui e ali, elas vão se tornando importantes a ponto de gerar uma discussão como essa. Potência que indica que, nas escolas, os movimentos instituintes têm composto a tessitura de nossas práticas.

No entanto, nos cotidianos da escola, percebemos que as aulas ocorriam em diferentes *espaçostempos*: nas salas de aula, na biblioteca, na horta, na sala de arte, na pintura dos muros, nas quadras, nas aulas de campo, nas oficinas do Programa de Educação em Tempo Integral, no refeitório, nos corredores, na sala dos professores... Enfim, tanto na relação docente-discente quanto na docente-docente ou discente-discente, havia compartilhamento de ideias, de sugestões de atividades, de ampliação de vocabulário, do aprendizado de músicas, movimentos, palavras, sons... as trocas eram constantes e as aulas aconteciam. Movimentos de aprender e de ensinar como expansão da vida nos encontros de corpos que compõem a escola.

“A tribuna do TAN”, jornal impresso da escola, trazia vários desses momentos de aula em suas edições. Apesar de algumas vezes não reconhecidos como “aulas”, eles apontam os modos como essa unidade de ensino constituía seus *saberesfazeres* nas diversas atividades realizadas.

Vivemos essas questões junto às professoras quando também assumimos a regência de classe na turma do 2º ano. Entendemos as preocupações do trabalho docente como também a importância dos usos das múltiplas linguagens na escola. Por isso, apresentamos as oficinas de produção de bonecos como *espaçostempos* de aprender e de ensinar. As relações com os bonecos foram mostrando que havia mais do que aulas no sentido de um conteúdo que se ensinava e que os outros

respondiam terem aprendido com resultados demonstráveis. Não era um conteúdo. Era algo que não cabia nessa forma de conteúdo-objetivo-aprendizagem. Era isso tudo, mas de outra maneira, envolvido em tramas de sentimentos, de afetos e de desejos. Era um aprender que passava pelo corpo, que gerava sorriso, curiosidade, intensidades... Era um querer bem a si, ao outro, aos bonecos... Era um povoar de intenções acerca de algo que surgia de nossas mãos... Era uma composição com matérias diferentes da nossa, mas que tinha tudo a ver com a nossa... Era um misto de cheiro, de sabor, de tato, de audição, de paladar, sabores que surgiam e aguçavam mais o apetite... Sentidos ampliados... Os corpos compunham com os bonecos e os bonecos compunham com os corpos. Eles eram os corpos e os corpos eram eles. Textos escritos, orais e corporais sendo tecidos. Corpos vibrando na mesma intensidade. Multiplicidades.

Os *curriculosafetos* que apontamos neste texto iam sendo constituídos na composição dos bons encontros com os bonecos. Bons encontros que ocorriam nas conversas que utilizávamos para apresentar a arte dos bonecos antes das oficinas nas salas de aula, nas perguntas sobre o Roberto nos corredores, no portão da escola e nas ruas. Bons encontros nas oficinas nas quais mergulhávamos muitas vezes sem saber se a massa de papel machê daria certo ou não. Saberes compartilhados em que cada um compunha com o que sabia. Todos ensinavam. Todos aprendiam. Bons encontros na alegria com o “nascimento” dos novos personagens que ganhavam vida em nossas mãos.

*Curriculosafetos* que constituíam os *saberesfazeres* dessa unidade de ensino que realizava inúmeras ações na perspectiva de ampliar as possibilidades de aprendizagens de seus estudantes. Como disse nossa orientadora, “uma escola cheia de vida”, experimentando, na mistura de afetos, as possibilidades das escolhas que faziam para ensinar e para aprender.

Nessas relações dos cotidianos do TAN, encontramos crianças e adolescentes que se entregaram à conversa com os bonecos e conosco. Estudantes que brincavam, brigavam, riam, xingavam, que nos “tiravam do sério” com a bagunça, mas que também nos emocionavam com as suas produções! Encontramos também professores e funcionários que diziam gostar de estar ali, alegres, cansados, aborrecidos, persistentes, que reclamavam da quantidade de atividades, mas

sempre estavam inventando algo... Pessoas plurais que, com jeitos diferentes, compunham a história da escola. Diferentes gentes que gostavam de festejar: na sala dos professores para comemorar aniversários de colegas, páscoa, ações de graça... Para cantar ao som do violão tocado por um professor... Na quadra, para iniciar o ano letivo com perucas, música e dança... Para comemorar a festa junina, o Dia das Crianças, as gincanas do Dia do Estudante, as formaturas da 8ª série... Pessoas que celebravam a vida e que viviam a intensidade dos encontros nessa unidade de ensino. *Curriculosafetos* nas amizades, no jeito de acolher, de querer bem ao outro, de chorar pela morte de uma professora querida, de compartilhar tristezas e alegrias na mistura de afetos e corpos que afetavam e se deixavam afetar.

No cuidado consigo e com os outros iam acontecendo os bons encontros que aumentavam a potência de agir e que puxavam fios para a composição de outras histórias. Seguindo esses fios, vivemos as experiências de brinquedos e de brincadeiras com nossa turma do 2º ano e a turma da 2ª série da professora Renata. Convidamos para essa ciranda os funcionários da escola e os familiares das crianças. Ouvimos suas histórias, conversamos sobre o passado na interseção com o presente, fizemos brinquedos, escrevemos histórias e... brincamos!

Encontramos, na exploração dessa atividade importantíssima para as crianças, as possibilidades de constituição dos *curriculosafetos* nos cotidianos de nossas turmas. Nós, professoras, aprendíamos uma com a outra, com as crianças, com os responsáveis pelas crianças e com nossos colegas da escola. A potência de agir era aumentada nesses encontros e outras proposições surgiam. Nossos planejamentos estendiam-se dos horários na escola para os tempos em nossas casas, nos *e-mails*, nos torpedos... Uma ideia puxava outra, que puxava outra.

Torpedos enviados por Renata fora do nosso horário de trabalho:

*04/10/11- 20:08- Esqueci d contar! Duda foi ao circo. Pedi p ela escrever. Gabriel levou um boneco feito d garrafa e tampinhas.*

*28/10/11-20:55 - Esqueci d t contar. Marquei c a mãe da Danielly dela ensinar a fazer boneca de toalha c chupeta. Vou comprar a chupeta.*

Ouvindo as crianças, fomos compondo a estética da nossa prática nos *curriculosafetos* produzidos com linguagens intercessoras. Fomos nos misturando entre os desejos e brinquedos e mudando nossos modos de ensinar. As crianças também se misturavam nessa ciranda e compunham com seus *saberesfazeres* a história que vivíamos. Fomos nos tornando intercessores uns dos outros nas diversas aulas que aconteciam em nossa sala: na produção de brinquedos e de bonecos, nas atividades com livros e cadernos e nas conversas sobre as memórias de pais/mães e funcionários da escola. Aprendíamos uns com os outros entregando-nos às novas descobertas e entendendo que

[...] Tudo é vivo e tudo fala, em redor de nós, embora com vida e voz que não são humanas, mas que poderemos aprender a escutar, porque muitas vezes essa linguagem secreta ajuda a esclarecer o nosso próprio mistério [...](MEIRELES, 1968, p. 35).

Seguimos um fio de desejo e encontramos muitos outros fios aos quais nos entrelaçamos. Tecemos uma história nos bons encontros que tivemos. Levamos bonecos como intercessores e encontramos outros personagens intercessores nos cotidianos da escola: crianças, adolescentes, pais/mães, profissionais da escola. Com os *seres fantásticos*, experimentamos as possibilidades de constituição de uma estética da existência no cuidado de si e do outro.

Os caminhos percorridos com os bonecos apontam as possibilidades de usos dessa arte intercessora nos cotidianos escolares. Reiteramos que não defendemos que as escolas sejam cheias de bonecos ou que haja uma oficina de produção em cada sala de aula. Sem dúvida, isso seria importante, interessante e potente. Mas defendemos que a vida das escolas estabeleça com essa e com outras linguagens intercessoras bons encontros que produzam outros modos de viver a escola, de se expressare de se deixar expressar por elas.

Os bonecos, *seres fantásticos*, intercessores, amigos, brinquedos, filhos, companheiros... estabeleceram redes de afetos na escola. Afetaram e deixaram-se afetar. Constituíram os *curriculosafetos* nos bons encontros produzidos e ampliaram outras possibilidades de encontros e de conversas. Movimentaram salas, corredores, conversas, corpos... mergulharam nas redes de afetos e de solidariedade tecidas e ampliadas durante sua confecção, manipulação e apresentação. Receberam e deram vida. Intensidades vibrando em nossas mãos.

Desejos compartilhados nos sorrisos que surgiam a partir do contato com eles. Aproximação nos cuidados que recebiam e que tínhamos uns com os outros... e, junto com Espinosa, Foucault, Deleuze, Carvalho, Ferraço e a EMEF TAN, escreveram a história desses bons encontros.

Não pudemos seguir completamente o conselho de Lessa (1975): “[...] Levas o novelo. Vais desfiando. Vais seguindo. Não o largues nunca. Com ele poderás voltar [...]”, porque puxamos um fio e tantos outros vieram... Não retornamos só com um novelo. Trazemos um *textotese* tecido dessas experiências, composto pelas tramas que vivemos com “A arte do teatro de bonecos como disparadora de encontros na constituição de *curriculosafetos* na escola”.

Bem, precisamos dar um ponto final. “*E foram felizes para sempre?...*”. Não! Como já dissemos, nossa intenção não é dar um ponto final, mas a de tecer pontos para outras tessituras que possam surgir a partir do que aqui foi tecido. Por isso, trazemos de Azevedo (2012, p.15) uma possibilidade para a continuidade de outras conversas e de outros alinhavos:

*Acabou-se o que era doce  
Toda história tem um fim.  
Quero ver quem conta outra  
Que seja bonita assim!*

Mas será que a história acabou? O que as crianças estão ainda falando/propondo?

Foto 93 – Criança despede-se de Roberto no final da aula



*FIM ?!?*

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Imagens de escolas: *espaçostempos* de diferenças no cotidiano. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 15 abr. 2012.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. “Faz bem trabalhar a memória”: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas. **Cadernos de Pesquisa em Educação/** Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Vitória, v. 13, n. 26, dez. 2007, 2007.

\_\_\_\_\_. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

\_\_\_\_\_. **Criar currículo no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2002. v.1.

\_\_\_\_\_, Nilda. Redes educativas “dentrofora” das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: Lucíola de Castro Paixão Santos ET AL. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

AMARAL, Ana Maria. **O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. O inverso das coisas. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: Scar/Udesc, ano 1, v.1, 2005.

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha**. São Paulo: Ática, 2002.

BALARDIM, Paulo. **Relações de vida e morte no teatro de animação**. Porto Alegre: Edição do Autor, 2004.

BARROS, Manoel de. **Exercício de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

CARVALHO, Janete Magalhães de; SÁNCHEZ, Damian Sánchez; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. **Afeto-cognição, memória e aprendizagem inventiva na formação do aprendente-ensinante**. Trabalho apresentado no IV Colóquio Franco Brasileiro de Filosofia da Educação, UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Janete Magalhães de; SIMÕES, Regina Helena Silva. **Caderno de Pesquisa**: Núcleo temático: Formação e Práxis do Professor, n. 4. Programa de Pós-Graduação em Educação, Ufes, ano III, fev. 1997.

CARVALHO, Janete Magalhães de. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPQ, 2009.

CARVALHO, Janete Magalhães de. Cartografia e cotidiano escolar. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa**. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

CASTRO, Edgard. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. Gilles. **Sobre o teatro: um manifesto de menos: o esgotado.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1.

DELEUZE, Gilles. **A imanência: uma vida.** Disponível em: < [www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/.../xiii.html](http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/.../xiii.html)>. Acesso em: 10 ago. 2012.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Uma conversa, o que é, para que é que serve? In: Diálogos. Lisboa: Relógio d' Água, 2004.

FATORELLI, Antonio; BRUNO, Fernanda (Org.). **Limiares da imagem.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo.** São Paulo: Cortez, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes.** Porto Alegre: L&PM, 2007.

GARCIA, Regina Leite. Múltiplas linguagens na vida: por que não múltiplas linguagens na escola? In: GARCIA, Regina Leite (Org.). **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo.** Petrópolis, RJ:Vozes, 2005.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAM, W. **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LESSA, Orígenes. **O minotauro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975.

LINHARES, Célia Frazão; GARCIA, Regina Leite. **Observando jardins no chão de escolas**. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional Crise da Razão e Crise da Política na Formação Docente. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

LINHARES, Célia Frazão. Múltiplos sujeitos da educação: a produção de sujeitos e subjetividades de professores e estudantes. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Ensinar e aprender**: sujeitos, saberes e pesquisa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a.

\_\_\_\_\_. O direito ao saber com sabor: supervisão e formação de professores na escola pública. In: SILVA JUNIOR; RANGEL, Mary (Org.). **Nove olhares sobre a supervisão**. São Paulo: Papyrus, 2002b.

LINS, Daniel. *Mangue'sSchool* ou por uma pedagogia rizomática. **Educação e Sociedade**: Revista da Ciência da Educação. São Paulo: Cortez, v. 26, set./dez. 2005.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO Elizabeth Macedo (Org.). **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2005.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO Elizabeth Macedo. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LÓPEZ, Maximiliano Valerio. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**: crônicas. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1968.

MERÇON, Juliana. **Aprendizado ético-afetivo**. Campinas/SP: Alínea, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. **Mamulengo**: um povo em forma de bonecos. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

SHOPENHAUER, Arthur. **A arte de ser feliz**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVEIRA, Lorena. **Fantochada**: arte popular para fazer teatrinho de bonecos [s.l.]: Tchê! Editores de Livros, 1992.

SNYDERS, George. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

WUNDER, Alik. Fotografia, restos quase mortais. In: AMORIM, Antonio Carlos; GALLO, Sílvio; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado. **Conexões**: Deleuze e imagem e pensamento. Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.